

GABRIELA BRUN PERIZZOLO

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA OBRA LITERÁRIA DE  
EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS**

PORTO ALEGRE

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA  
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LITERÁRIAS E INTERDISCIPLINARIDADE

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA OBRA LITERÁRIA DE  
EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS**

GABRIELA BRUN PERIZZOLO

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Patrícia Lessa Flores da Cunha

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2006

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA OBRA LITERÁRIA DE  
EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha gratidão a todos aqueles que colaboraram para a execução deste trabalho, especialmente:

À professora Patrícia Lessa Flores da Cunha, pela orientação séria e rigorosa que me permitiu aprender muito e também amadurecer pessoal e intelectualmente. Quero agradecer pela confiança que depositou em mim – ainda quando todo este projeto era apenas um sonho – desde nosso primeiro encontro (na ocasião uma aluna vinda de outra universidade), pela recepção no grupo e pela atenção que sempre me dispensou.

À professora Léa Masina, que, com sua postura impecável e seu vasto conhecimento e experiência de vida, é e continuará sendo um exemplo, me permitindo ter a certeza de que o esforço vale a pena.

À professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e aos colegas de graduação Carlos Batista Bach, Fabiano Dörr Denech e Mônica Zardo, pela amizade e por permitirem que não me sentisse tão “fora de casa”.

Ao meu marido, Réus, pelo permanente e incondicional apoio, incentivo e, sobretudo, por realmente valorizar a minha escolha.

*“To the few who love me and whom I love – to those who feel rather than to those who think – to the dreamers and those who put faith in dreams as in the only realities...”* (Edgar Allan Poe)

*“Emendar não prova nunca contra o talento, e prova sempre a favor da reflexão; e o tempo... só respeita aquilo que é feito com tempo”.* (Machado de Assis)

## RESUMO

O trabalho tem por objetivo verificar de que forma os avanços científicos e tecnológicos da humanidade influenciaram a obra de Edgar Allan Poe e de Machado de Assis. A análise propõe revelar o olhar desses escritores acerca das novas possibilidades que eram oferecidas à sociedade com o intuito maior de evidenciar o papel da literatura nesse processo, uma vez que o homem é capaz de enxergar todo o comportamento de uma época e, conseqüentemente, a si mesmo, através da obra literária. Essa atitude de “olhar para trás” e para “dentro de si mesmo”, acredita-se, permite que o homem avance ainda mais. Para realizar a análise proposta, a pesquisa utiliza-se de conceitos como o de *intertextualidade* e *interdisciplinaridade*, muito caros à Literatura Comparada, com o fim de promover relações entre as diferentes áreas do saber – Literatura e Ciência –, entre os diferentes escritores e, por fim, entre os diversos gêneros literários que constituem o *corpus* do presente estudo. Após um breve panorama da história do desenvolvimento dos avanços científicos e tecnológicos da humanidade, procede-se às análises dos textos selecionados, procurando apontar e relacionar o pensamento dos escritores, provando que idéias sobre os avanços científicos e tecnológicos estão presentes na produção literária de cada um. Por fim, após o confronto estabelecido durante todo o trabalho entre o pensamento e o posicionamento dos escritores, discute-se o papel da literatura no desenvolvimento e avanço da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Poe, Machado de Assis, literatura comparada, interdisciplinaridade, intertextualidade, relação, conto, crônica, ciência, tecnologia, invenções, avanço, progresso, desenvolvimento, evolução, pensamento, reflexão, humanidade.

## ABSTRACT

The paper aims to verify how the writings of Edgar Allan Poe and Machado de Assis had been influenced by the humanity' scientific and technological advances. The analysis proposes to reveal the sight of these two writers over the new possibilities that had been offered to the society, with the main objective of emphasizing the literature role in this process, considering that the human being is able to see the behavior of an entire period of time and consequently to himself through the literary work. This action of “looking back” and of “looking inside”, believes this research, allows him advance still more. In order to do that, the research takes some concepts as *intertextuality* and *interdisciplinarity*, extremely valued to the Comparative Literature, with the main objective of promoting relations between the different areas of knowledge – Literature and Science –, between the two different writers and, in the end, among the various literary genres that take part of the *corpus* of this study. After a brief view of the humanity history of scientific and technological advances development, the analysis of the selected texts is performed, endeavoring to emphasize and make the relation between the ways of thinking of these writers, proving that specific ideas about science and its advances really are in the literary production of each other. In the end, after the confrontation established during all over the research between the thinking and the



position of the writers, the literature role in the humanity's development and advance is discussed.

KEY-WORDS: Poe, Machado de Assis, comparative literature, interdisciplinarity, intertextuality, relation, short story, essay, science, technology, inventions, advance, progress, development, evolution, thinking, reflection, humanity.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS DA HUMANIDADE.....</b>	<b>12</b>
2.1 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS DA HUMANIDADE: DAS ORIGENS À MODERNIDADE.....	13
2.2 O HOMEM DO SÉCULO XIX, A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA: O SURGIMENTO DE UMA NOVA SOCIEDADE.....	27
2.2.1 <i>Poe e Machado de Assis: visões similares, todavia diferentes</i> .....	36
<b>3 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS NA OBRA DE EDGAR ALLAN POE .....</b>	<b>42</b>
3.1 FICÇÃO E REALIDADE: A CIÊNCIA NOS CONTOS DE POE.....	44
3.2 REALIDADE E FICÇÃO: OS ESSAYS DE POE.....	64
<b>4 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS .....</b>	<b>76</b>
4.1 O RETRATO DOS AVANÇOS DA CIÊNCIA NA CRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS.....	79
4.2 A HISTÓRIA SE REPETE: AS ATIVIDADES CIENTÍFICAS NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS.....	99
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO E AVANÇO DA HUMANIDADE.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO A – THE DAGUERREOTYPE .....	126
ANEXO B – THE RAIL-ROAD WAR.....	127
ANEXO C – THE STREET PAVING.....	128

# 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, de caráter interdisciplinar e intertextual, tem por objetivo verificar, através da análise de uma seleção de contos, crônicas e outros escritos de Edgar Allan Poe e de Machado de Assis, de que forma os avanços científicos e tecnológicos da humanidade, ao seu tempo, influenciaram suas produções literárias. Mais do que isso, esta pesquisa deseja revelar o olhar de Poe e de Machado de Assis acerca das novas possibilidades que então se ofereciam à sociedade da época, bem como seu comportamento com relação a elas. Isso tudo com o intuito maior de evidenciar o importante papel da literatura para a sociedade, na medida em que é, também, através da obra literária que o homem é capaz de enxergar todo o comportamento de um tempo que já se fora – e em conseqüência, a si mesmo – e, a partir daí, permitir-se avançar ainda mais, abrindo novos caminhos para o progresso da humanidade.

Tendo como suporte teórico conceitos como o de *interdisciplinaridade* e *intertextualidade*, os quais se revelam produtivos para o desenvolvimento de investigações comparatistas, esta pesquisa pretende apontar as inter-relações que podem ser estabelecidas, não somente entre as obras de Poe e Machado de Assis, mas também as encontradas entre literatura e ciência.

Assim sendo, procurar-se-á desenvolver a apreciação e análise de textos dos dois escritores ora em estudo, conduzindo a literatura para o interior da história dos

avanços científicos e tecnológicos e vice-versa, desejando evidenciar o quanto essas áreas, em especial a literatura, são relevantes para o movimento contínuo do pensamento humano.

Para a consecução desta tarefa, propõe-se, num primeiro momento, apresentar um breve histórico acerca do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, desde as suas origens até a Era Moderna<sup>1</sup>, buscando evidenciar algumas das descobertas que surgiram através dos tempos. Ainda no capítulo segundo, são expostos alguns pensamentos sobre o homem do século XIX e seu comportamento frente às novidades científicas e tecnológicas que então surgiam, bem como a contextualização dos escritores no período em questão.

Posteriormente, a metodologia prevê a análise dos textos literários de Poe [dentre eles os contos *The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade* (1845), *Some Words with a Mummy* (1845) e *The System of Doctor Tarr and Professor Fether* (1845), o ensaio *Eureka* (1848), bem como os textos *The Daguerreotype* (1840), *The Rail-Road War* (1840) e *Street-Paving* (1845)] e de Machado de Assis [algumas de suas crônicas das colunas *Aquarelas* (1859), *História de Quinze Dias* (1876), *Notas Semanais* (1878), *Balas de Estalo* (1883-1886), *Bons Dias!* (1888-1889) e *A Semana* (1892-1897), além dos contos *O Alienista* (1882) e *Conto Alexandrino* (1883)], na tentativa de revelar o posicionamento desses escritores frente a essas descobertas e ao conseqüente progresso que se apresentava no período em que seus textos foram produzidos.

O recorte realizado na obra dos escritores justifica-se em função das especificidades da produção literária de cada autor. Acredita-se que Poe, à sua época,

---

<sup>1</sup> Os historiadores, em geral, dividem a história do mundo em Pré-História, Antigüidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. É preciso deixar claro que, neste estudo, sempre que forem utilizados os termos “era / idade moderna” e/ou “modernidade”, estar-se-á fazendo referência à época posterior à Antigüidade Greco-Romana e não no sentido de contemporaneidade.

utilizava-se do conto para exercer sua crítica acerca do comportamento da sociedade. A crônica, no formato que a conhecemos hoje, encontrava-se em estado embrionário. Já, ao tempo de Machado de Assis, também o conto esconderia, nas suas entrelinhas, alguma crítica, mas é no texto que se configura como um misto de literatura e jornalismo, ou seja, na crônica – nesse período um gênero já difundido –, que ela se realiza com maior evidência. Por isso essa incisão, até certo ponto disforme, mas, ao mesmo tempo, equilibrada. É através da análise desse recorte específico que se torna possível reconstruir o posicionamento dos escritores que, por questões de época e de estilo, se encontra em produções de gêneros distintos.

Por fim, será realizado o confronto entre os posicionamentos observados, com a intenção maior de verificar qual o papel da literatura na evolução das civilizações, e ainda, de que forma a literatura pode contribuir para o permanente avanço da humanidade.

Tendo como hipótese de trabalho a premissa de que o posicionamento dos escritores acerca do desenvolvimento científico e tecnológico está presente em seus textos, assim como a percepção de que a literatura possui papel importante para o aperfeiçoamento – técnico e intelectual – do homem e do meio social em que vive, este estudo propõe uma leitura *interdisciplinar*, uma vez que busca a ciência e a tecnologia no texto literário, e *intertextual*, na medida em que acredita no *re*-aparecimento do tema que está presente na obra de Poe em Machado de Assis, revelando a preocupação mútua com as questões científicas da época.

Assim, através dessa relação que se pretende estabelecer entre Poe, Machado de Assis e ciência, pensa-se estar não somente buscando um enriquecimento metodológico através das analogias e dos contrastes que possam surgir, mas também ampliando a investigação acerca dos escritores e das obras literárias em questão.

## **2 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS DA HUMANIDADE**

Sabe-se que os séculos posteriores ao Renascimento foram marcados por significativas descobertas científicas. Também é de conhecimento geral que, alguns séculos depois, Joaquim Maria Machado de Assis, como um legítimo representante de seu tempo, assim como Edgar Allan Poe, do outro lado do hemisfério, mantinham-se sempre atentos a tudo que de novo surgia no cenário político, econômico e social. Por essa razão, acredita-se que tais escritores não deixaram de abordar em seus textos, em especial nos contos, em se tratando de Poe, e nas crônicas, no caso de Machado de Assis, questões relacionadas aos avanços científicos e tecnológicos, os quais foram, sem dúvida alguma, germes de descobertas ainda maiores, que mudariam por completo o comportamento e o modo de vida da sociedade dos séculos posteriores.

Nas últimas décadas do século XX, a ciência e a tecnologia tomaram proporções inimagináveis, obrigando o homem a rever sua maneira de ser, de viver, de enxergar e de lidar com o outro. Nesse processo de crescimento e superação, a literatura cumpriu e ainda exerce papel importante, uma vez que proporciona reflexão sobre o fazer e o pensar humano, possibilitando avanços ainda maiores. Daí a imensurável importância do olhar do escritor para questões de seu tempo, em especial as

relacionadas à ciência e à tecnologia, que permitiram ao homem atingir o nível de progresso atual

Em suma, a partir dessas constatações, esta pesquisa propõe-se a: i) percorrer, de forma sucinta, o caminho dos avanços científicos e tecnológicos da humanidade; ii) evidenciar a preocupação e o posicionamento de Poe e de Machado de Assis com relação aos avanços científicos e tecnológicos em uma seleção de contos, crônicas e outros textos desses escritores; e, por fim, iii) enfatizar a importância da literatura como instrumento de reflexão para o permanente avanço da humanidade.

## **2.1 Os avanços científicos e tecnológicos da humanidade: das origens à Modernidade**

Para uma melhor compreensão do presente, é imprescindível que se conheça o passado, ou seja, para que se possa avaliar a dimensão do avanço científico e tecnológico pelo qual passou a humanidade, é preciso voltar no tempo e observar de que forma tudo começou, como o processo se desenvolveu, como a questão era vista pela sociedade da época, chegando até os dias atuais, nos quais o tema parece ocupar lugar privilegiado, tendo em vista sua presença em, praticamente, todas as atividades exercidas pelo homem contemporâneo. Contudo, a questão histórica não é o fim maior deste estudo. Por essa razão, percorrer-se-ão os caminhos da ciência desde seus primórdios até alcançar a Modernidade – período este que interessa a esta pesquisa –, com o intuito apenas de traçar um panorama geral, necessário à análise literária ora proposta, sem a pretensão de, em se tratando de tão complexo tema – e em contínua expansão –, examiná-lo em pormenores.

Contudo, antes, é preciso definir dois conceitos de caráter essencial para a pesquisa. O primeiro deles é *ciência*. Segundo o dicionário Houaiss<sup>1</sup>, a palavra é proveniente do latim *scientia* que significa conhecimento, saber, ciência, arte, habilidade, prenda. Dentre as várias acepções apresentadas pelo dicionarista encontra-se a que interessa para este estudo: conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa (adquirido via reflexão ou experiência), ou ainda, processo racional usado pelo homem para se relacionar com a natureza e assim obter resultados que lhe sejam úteis. Todos os demais significados amparam-se nessa idéia e é nesse sentido, ou seja, o de ciência compreendida como atividade reflexiva ou experimental que permite ao homem avançar, que este estudo irá referir-se daqui em diante.

O segundo termo a ser conceituado é *tecnologia*. Segundo Houaiss<sup>2</sup>, o termo é proveniente do grego *tekhнологία*, que quer dizer tratado ou dissertação sobre uma arte, exposição das regras de uma arte. Informa ainda que o vocábulo é formado a partir dos radicais gregos *tekhno-* (de *tékhne* 'arte, artesanaria, indústria, ciência') e *-logía* (de *logos*, ou 'linguagem, proposição'). Conforme o mesmo dicionarista, a palavra possui, hoje, três acepções bastante próximas umas das outras. No entanto, a que será assumida por este estudo é a seguinte: teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (indústria, ciência etc.).

Pode-se perceber que, desde sua origem, o termo tecnologia está ligado à ciência; ciência enquanto ato reflexivo e/ou experimental, que permite, fazendo uso da tecnologia disponível, descrever maneiras de desenvolver processos relacionados à vida humana e a tudo que está a sua volta.

---

<sup>1</sup> HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*.



A partir dessas definições, é possível verificar que os termos ciência e tecnologia fundem-se, uma vez que fazem parte de uma mesma *vontade* que, desde sempre, seduz a humanidade: o desejo de conhecer o mundo ao seu redor, bem como de conhecer a si mesmo, buscando continuamente maneiras de aperfeiçoar esses sistemas cognitivos. Essa idéia pode ser corroborada pelas palavras proferidas, na apresentação de Shozo Motoyama, na obra intitulada *História Ilustrada da Ciência*:

No horizonte do homem contemporâneo, a ciência é uma paisagem diuturna, sempre presente. Onde quer que esteja, dia ou noite, a sua presença se faz sentir de modo agudo, embora de forma indireta. São os automóveis, os aviões, os rádios, as televisões, os computadores, os antibióticos e outras drogas maravilhosas ou mortais, os vídeos, os foguetes, os satélites artificiais, etc. [...] Evidentemente, esses engenhos são de natureza tecnológica, não sendo da esfera direta da ciência. Mas, como eles utilizam conhecimento científico, pode-se dizer que fazem parte da cultura científica, em última instância.<sup>3</sup>

Feitas as definições, é hora de dar início à caminhada histórica propriamente dita. Possuindo como foco a ciência e a tecnologia, esse panorama constitui, conforme mencionado anteriormente, o pano de fundo para a reflexão proposta neste trabalho.

Ao refazer o percurso histórico dos avanços da ciência e da tecnologia, inevitavelmente o estudioso defronta-se com inúmeras invenções criadas pelo homem, o que atesta o desenvolvimento ocorrido com relação a questões de ordem material. Nesta jornada, é possível verificar que, desde a Antigüidade, o homem preocupa-se em desenvolver teorias, métodos, técnicas, processos e, também, equipamentos que contribuam para o aprimoramento do modo de vida das civilizações. Mas, o que se pode afirmar com relação a questões de ordem intelectual? Terá o homem se desenvolvido na mesma medida em ambas as searas?

---

<sup>3</sup> MOTOYAMA, Shozo. Apresentação. In: RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.1, p.7.

Tudo parece ter iniciado na Idade da Pedra ou Pré-Literária, também conhecida por Cultura Paleolítica. Nesse período, o homem fabrica armas e utensílios de pedra. Apresenta progresso intelectual, uma vez que sabe contar, surgindo, então, segundo Burns, “as primeiras notações numéricas da história da humanidade”.<sup>4</sup> Na fase seguinte, no período Neolítico, destaca-se a transição do homem coletor de alimentos para o homem produtor de sua alimentação. Declara, ainda, Burns<sup>5</sup> que “o homem neolítico inventou os primeiros barcos e jangadas” mas que esse não teria sido “o único exemplo de engenho técnico por parte do homem neolítico. Ele criou as artes do tecido de malha, de fiar e de tecer pano”. Certamente, as atividades aqui mencionadas são apenas alguns exemplos de como tudo começou. Outras tarefas, processos e instrumentos foram desenvolvidos por esses povos que, acredita-se, tenham sido os primeiros seres humanos a habitar o planeta, bem como os primeiros representantes de um percurso que estava apenas começando.

Com a invenção da escrita, tem início a Idade dos Metais, também chamada de Idade Literária. Nessa época, destacam-se os egípcios e suas – pode-se afirmar hoje – avançadas formas de vida<sup>6</sup>. Dentre as atividades praticadas por esses povos, Colin Ronan<sup>7</sup> ressalta a criação do primeiro calendário baseado nas estações, o conhecimento considerável da anatomia humana, permitindo a prática do embalsamamento, bem como o conhecimento de botânica e zoologia. Segundo ele,

[...] com seu uso de cosméticos, pinturas e corantes, com o emprego de salmoura e a conservação de peixes, a preservação de alimentos em geral [...] eles reuniram um tesouro de conhecimentos químicos. Nada

---

<sup>4</sup> BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1968, v.1, p.13.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p.17.

<sup>6</sup> Este pensamento é compartilhado por Poe. Tal afirmação será comprovada através da análise do conto do escritor intitulado *Some Words with a Mummy* (*Pequena Conversa com uma Múmia*).

<sup>7</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.1, p.25-30.

disso era ciência, no sentido enfatizado pelos gregos, mas era um começo essencial<sup>8</sup>

Segundo Ronan, “os antigos egípcios certamente reuniram muitos fatos que iriam, pelo menos, contribuir para o desenvolvimento da ciência em seu estágio nascente”.<sup>9</sup> Contudo, não há como negar que os egípcios, com a invenção da escrita, contribuíram significativamente para o desenvolvimento e propagação do que se entende hoje por ciência.

Ao realizar essa retrospectiva, percebe-se que a maioria das atividades humanas, principalmente as de subsistência, tiveram sua origem com os povos primitivos. Isso posto, verifica-se o quão evoluídos esses indivíduos já se encontravam, o que conduz ao pensamento de que o homem moderno parece ter simplesmente aperfeiçoado tais atividades. É lógico que, com o advento da tecnologia, muito se caminhou, mas a base de tudo parece ser aquela posta em prática pelos povos primitivos.

Tempos depois, os gregos, fazendo uso de réguas, esquadros e compassos, contribuem, a seu modo, para o aperfeiçoamento do instrumental que viria incrementar o modo de pensar e de viver da humanidade: “[...] uma civilização cuja cultura afetou profundamente a nossa, e cujas tentativas de dar um sentido ao mundo natural em que se encontrava tiveram mais influência do que qualquer outra [...]”.<sup>10</sup> Assim como os egípcios, os gregos desenvolvem os fundamentos da Matemática, mas, segundo Ronan, a maior qualidade da ciência grega era a de “fornecer explicações naturais, não

---

<sup>8</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.1, p.30.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p.64.

sobrenaturais, sobre o mundo, e tentar deduzir as teorias subjacentes dos fatos da observação e da experiência”.<sup>11</sup>

Cabe lembrar que são gregos os poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*. Conforme os apontamentos de Ronan<sup>12</sup>, tais composições poéticas ensinaram muito, uma vez que ajudaram a padronizar a língua grega, bem como registrar aspectos e o comportamento do homem daquele tempo. Também as informações geográficas obtidas pelos marinheiros – e que constam nos poemas – permitiram que o homem grego pudesse enxergar a si mesmo e, a partir daí, evoluir ainda mais. Observa-se aqui o primeiro indício do papel da literatura para o desenvolvimento da humanidade. A literatura como espelho, como fonte de conhecimento, a partir do qual o homem pode refletir sobre seu modo de viver, de pensar e de agir. Acredita-se ser esse, dentre outros, o papel da literatura.

Prosseguindo com a retomada histórica, é preciso que se fale dos romanos. Esse império que dominou a humanidade por um longo período de tempo, avançando até os primeiros séculos da Era Cristã, também foi de fundamental importância para o campo da ciência. Conforme explica Ronan, “Roma exerceu papel vital em manter vivas as idéias gregas”.<sup>13</sup> Com isso, pode-se afirmar que os romanos configuram-se como uma ponte que une Antigüidade e Modernidade, uma vez que permitem que todo o conhecimento alcançado pelos gregos sirva de alimento aos estudiosos da época Renascentista, período posterior à Era Medieval.

Alcança-se a Idade Média e o homem passa, então, a encontrar resistência com relação ao conhecimento dito “científico”. Por isso, estudos desta natureza são

---

<sup>11</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.1, p.70.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p.67.

<sup>13</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.2, p.131.

realizados de forma bastante tímida nesse período. Na era medieval, afirma Ronan<sup>14</sup>, a tarefa de ensinar era da Igreja, a qual mantinha indissociável o caminho de Deus e dos homens. Contudo, estudiosos como Roger Bacon e Alberto Magno acreditavam que explicações racionais poderiam ser estabelecidas. Mas, conforme Ronan<sup>15</sup>, apesar de Magno ter introduzido a ciência grega e árabe nas universidades da Europa ocidental (as idéias de Aristóteles, por exemplo), o que se conseguiu foi pouco perto do que os séculos posteriores ofereceram à humanidade. A verdade parece residir no fato de que, devido ao rígido controle e domínio da Igreja, pouco se progrediu nesse período.

Mas correm as décadas e, por volta de 1300, século XIV, o homem começa a viver uma nova era, marcada por uma profunda revolução nas artes em geral, na filosofia e, sobretudo, na ciência: a Renascença.

A Renascença foi muito mais que o simples reviver da cultura pagã. Abrangeu, em primeiro lugar, um notável acervo de novas realizações no campo da arte, da literatura, da ciência, da filosofia, da política, da educação e da religião. [...] Em segundo lugar, a Renascença incorporou certo número de ideais e atitudes dominantes que passam comumente por ter marcado a norma do mundo moderno.<sup>16</sup>

Segundo Edward Burns<sup>17</sup>, dentre os ideais mais aspirados no período destacam-se o otimismo, os interesses terrenos, o hedonismo, o naturalismo e o individualismo. Contudo, segundo o estudioso, o mais importante de todos foi o humanismo. Essa corrente de pensamento e comportamento pregava a utilização de um senso crítico mais elevado e uma maior atenção às necessidades humanas, ao contrário do que ocorria na Idade Média, que pregava a atenção total aos assuntos divinos. Esse

---

<sup>14</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.2, p.143.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>16</sup> BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1968, v.1, p.392.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem.*

maior senso crítico permitiu ao homem observar mais atentamente os fenômenos naturais ao invés de renegá-los à interpretação da igreja.

Colin Ronan reitera essa idéia ao afirmar que o “humanismo, estimulado pelo aprendizado clássico, impregnou todos os aspectos da vida cultural, ampliando-a e estendendo suas fronteiras para muito além dos confins do simbolismo religioso, tão caro ao espírito medieval”.<sup>18</sup>

É no período Renascentista que o homem volta o olhar sobre si mesmo, dando espaço para o ressurgimento dos estudos nos campos das ciências humanas. Dessa forma, o ser humano toma-se como objeto de observação, ao mesmo tempo em que é o observador: “uma mudança tão profunda não poderia acontecer simplesmente por si mesma, mas foi uma modificação geral no modo pelo qual o homem via a si mesmo e ao mundo em que vivia”.<sup>19</sup>

É nessa fase que o campo da ciência destaca-se, sendo uma das épocas mais férteis da história da humanidade. O homem passa a vivenciar uma verdadeira revolução:

[...] a revolução que mudou a forma de encarar a natureza e que gerou a moderna concepção científica, foi a que começou no século XV e se prolongou até o fim do século XVI. De fato suas conseqüências foram tão grandes que, com toda a razão, muitas vezes a chamam “A Revolução Científica”.<sup>20</sup>

Desde então, ainda segundo Ronan<sup>21</sup>, essa revolução na área científica mudou as técnicas de investigação, bem como os objetivos que o cientista estabelecia

---

<sup>18</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.8.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p.7.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*.

para si mesmo, os quais são, a partir de então, redirecionados para um novo tempo, livre das influências místicas da Idade Média.

Uma avalanche de novas formas de pensar e de agir recai sobre o homem do período Renascentista: “O artista do Renascimento, homem universal, levou longe sua sede de conhecimento. Transformou-se também em engenheiro e técnico de grande capacidade inventiva – e plenamente ciente de suas qualidades”.<sup>22</sup>

Os horizontes se alargam. A exploração geográfica, a invenção da bússola, o uso do astrolábio e de mapas mais precisos impulsionam as viagens que propiciaram a descoberta de novas terras. A invenção da imprensa, por Gutemberg desempenhou papel fundamental nessa revolução, fazendo desaparecer os erros de interpretação e as cópias que acabavam por deturpar as traduções: “A composição por caracteres móveis se espalhou rapidamente por quase toda a Europa. Foi uma invenção da maior importância para aqueles que até então dependiam de manuscritos”.<sup>23</sup> Também a impressão em outras línguas, que não o latim, permitiu a maior divulgação do que se produzia. Os estudos de óptica, os projetos mecânicos, o conhecimento mais aprofundado da anatomia humana, entre inúmeros outros temas, fazem parte da história do desenvolvimento do homem no período em questão.

Fica claro que a diversidade é uma constante quando o assunto é experimentar e inventar. A especialização não era uma característica do homem Renascentista. Assim, estudiosos como Leonardo da Vinci, por exemplo, desenvolviam estudos em áreas diversas como Engenharia, Arte e Ciência, contribuindo enormemente para o avanço da civilização ocidental.

---

<sup>22</sup> ABRÃO, Bernardete Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores). p.146.

<sup>23</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.10.

Segundo Ronan<sup>24</sup>, uma era verdadeiramente científica havia nascido, na qual a observação e o registro preciso dos resultados eram colocados acima de tudo. Pode-se afirmar que o intuito dos renascentistas consistia em “decifrar o mundo”. Nesse processo de interpretação, afirma Abrão<sup>25</sup>, a experiência seria, em primeiro lugar, observação. Cabe acentuar que a alquimia e a magia ainda fazem parte da realidade da época, mas, a crença em trabalhos dessa natureza estava cada vez mais em descrédito.

Também a Matemática teria papel importante como base para os estudos da área científica, mas, “certamente, as mais significativas mudanças ocorridas na ciência durante a Renascença foram aquelas relacionadas com as idéias sobre o universo”.<sup>26</sup> Dentre as mais significativas estão a de que haveria vida em todo o sistema solar, a da existência de um infinito número de estrelas e, por fim, a teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, na qual seria o sol e não a terra o centro de todo o universo. Não há como negar que inúmeras foram as conseqüências dessa revolução científica. Os grandes desenvolvimentos posteriores talvez não tivessem sido possíveis sem esse empurrão inicial da época Renascentista. Entretanto, há que se levar em conta que, como todo movimento de cunho revolucionário, esse não ocorreu isoladamente ou por razões especificamente científicas, mas sim, cabe salientar, como resultado de uma nova sociedade que surgia impregnada de novas idéias. Deve-se reconhecer que esse renascimento cultural, conforme já mencionado anteriormente, alterou sobremaneira o comportamento do homem com relação ao mundo, estando ele, a partir de então, aberto a novas interpretações e a julgamentos que iriam além das explicações antes impostas pela Igreja.

---

<sup>24</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.19.

<sup>25</sup> ABRÃO, Bernardete Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.148.

<sup>26</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.64. Em *Eureka*, ensaio publicado em 1848, Edgar Allan Poe discute exatamente isso: questões acerca do universo.



Muito já vinha sendo realizado até então. Mas, com a chegada dos séculos XVII e XVIII, “a ciência moderna foi finalmente lançada e estabelecida em sua inaudita viagem de conquista”.<sup>27</sup> Com efeito, muitos projetos foram desenvolvidos, como os de fabricação de instrumentos científicos. A evolução do telescópio propicia, conforme aponta Ronan<sup>28</sup>, um padrão altíssimo de precisão nas observações. Também o surgimento do microscópio incrementa as pesquisas ópticas. Estudos nas áreas da Física, Química, Geologia e Biologia foram desenvolvidos como nunca. As descobertas astronômicas de Kepler, as experimentações de Galileu, os estudos sobre a luz de Newton e os estudos sobre o cálculo das probabilidades de Pascal, entre outros, são amostras ínfimas do muito que se trabalhou durante esse período. É nessa fase que surgem as academias de ciência, bem como o interesse do Estado por pesquisas científicas. Paralelamente, concretizavam-se também grandes avanços no desenvolvimento de máquinas e equipamentos de maior porte, os quais, reitera Burns, “foram os alicerces da nossa civilização mecânica moderna”.<sup>29</sup> Como exemplo, podem-se mencionar a invenção do tear mecânico e do descaroçador de algodão, bem como outros inventos de maior vulto – como o sistema fabril e a máquina a vapor – que foram peças-chave no desenrolar da Revolução Industrial que ocorria simultaneamente.

É imprescindível que se mencione que um dos importantes acontecimentos da história que impulsionou tais avanços científicos foi a Revolução Intelectual que ocorre nesse período – séculos XVII e XVIII –, a qual, segundo Burns<sup>30</sup>, deu-se a partir das conquistas da filosofia e da própria ciência nesses séculos, somadas às novas atitudes que daí resultaram. Tendo como principais expoentes René Descartes, Isaac

---

<sup>27</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.73.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, p.101.

<sup>29</sup> BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1968, v.2, p. 667.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p.545.

Newton e John Locke, tal fato histórico teve como ponto culminante o Iluminismo. A partir dessa nova maneira de “encarar o mundo”, afirma Ronan que “os milagres tornaram-se inimagináveis, a profecia bíblica, inaceitável, e as próprias Escrituras foram questionadas”.<sup>31</sup> Também as idéias de Locke são decisivas, na medida em que defendem o pensamento de que “não há idéias inatas, não há inspiração divina ou presente herdado de um pecado original [...]”.<sup>32</sup> Um pensamento significativamente racionalista passa a vigorar. E é essa postura, assumida pelo homem moderno, que funciona como catalisador, imprimindo confiança aos estudiosos e, como consequência, velocidade, aprimoramento e sucesso aos projetos científicos e, pode-se hoje afirmar, tecnológicos. As pesquisas foram se tornando cada vez mais especializadas e mais complexas. O impulso dado pelos séculos XVII e XVIII aos que se seguiram foi imenso, tanto que, desde então, o homem vive em função de superar-se a cada dia e a uma velocidade cada vez maior.

De maneira ascendente, passa este estudo, agora, a verificar os avanços dos séculos XIX e XX, chegando até os dias atuais.

O século XIX deveria assistir a grandes desenvolvimentos em todos os ramos da ciência. O surgimento de sociedades científicas especializadas, que suplementavam as academias científicas estabelecidas, denotava o grau de especialização que um conhecimento crescente e técnicas mais elaboradas estavam tornando necessário. Além do mais, a ciência começou a apresentar um aspecto mais público, na medida em que suas consequências práticas se tornavam mais evidentes na vida diária.<sup>33</sup>

Uma vez que o homem, desde a revolução científica, tornou-se consciente de que as respostas que procurava encontravam-se nas pesquisas que envolviam

---

<sup>31</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.3, p.152.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p.153.

<sup>33</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.4, p.7.

observação, experimentação e razão, mais e maiores resultados ele passou a obter, mostrando-se cada vez mais confiante em seu trabalho. Charles Darwin é um exemplo dessa postura. Em 1859, publica sua obra *Origem das Espécies*, tornando, segundo Ronan<sup>34</sup>, o conceito de evolução cientificamente respeitável. A Biologia também progride durante esse período, fazendo surgir a teoria da célula, de relevância extrema para os séculos posteriores. Também os experimentos de Pasteur foram importantes, pois possibilitaram, conforme está a apontar Ronan<sup>35</sup>, um maior entendimento do modo pelo qual as doenças são transmitidas. De igual importância, enfatiza o estudioso, são os trabalhos desenvolvidos com relação às vacinas, à anestesia e à assepsia. Na Química, entre outros estudos de mérito, é possível mencionar a teoria atômica de Dalton e, na Física, é preciso citar o lançamento do primeiro cabo telegráfico no Atlântico, em 1866, e a descoberta do calor como fonte de energia, entre tantos outros.

Essas experiências conduziram a toda espécie de resultados práticos – ao desenvolvimento dos motores e geradores elétricos, e daí aos trens e bondes elétricos, e ao suprimento de eletricidade pública, bem como ao telégrafo elétrico e, nas mãos de um inventor como Alexander Graham Bell, ao telefone.<sup>36</sup>

É também, nesse século (XIX), que Louis Daguerre desenvolve as primeiras imagens fotográficas precisas, nomeando-as, conforme as informações de Briggs<sup>37</sup>, daguerreótipos. Uma década depois, William Talbot introduz a técnica da utilização de nitrato de prata, produzindo “negativos” sobre papel. Cabe lembrar que, com o surgimento da fotografia, a idéia de “memória” acentua-se, uma vez que tudo poderia, desde então, ficar registrado através das imagens captadas, agora, em poucos minutos.

---

<sup>34</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.4, p.15.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p.21-33.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p.50.

<sup>37</sup> BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.170.

Não há como negar que, ao lado da vontade – que se observa existir desde os primórdios – de compreender o universo, está o desejo do homem de desenvolver saberes e tecnologias que cada vez mais se apliquem de maneira prática à vida cotidiana. Um bom exemplo são os avanços no campo da estatística, através dos quais foi possível, também, realizar e verificar os resultados do primeiro censo. Enfatiza Ronan<sup>38</sup> que, para tal procedimento, eram utilizados os cartões perfurados (base sobre a qual se fundaria a tecnologia do computador) e máquinas de contar (calculadoras).

Se até então é possível afirmar que muito já se havia realizado, com a chegada do século XX, pode-se declarar com segurança que os avanços alcançaram patamares nunca antes imagináveis:

A ciência, que começou a avançar com muita velocidade durante o século XIX, tem progredido ainda mais rapidamente durante o século XX. E não foram apenas descobertas científicas que se aceleraram. Um número cada vez maior de cientistas trabalha usando um equipamento cada vez mais poderoso e sofisticado, e os resultados obtidos têm sido muitas vezes assombrosos e certamente teriam maravilhado as mentes mais imaginativas de gerações anteriores.<sup>39</sup>

Como num “pisar de olhos” é chegado o século XXI e com ele a dúvida para a qual, desde os primórdios, não há resposta: o atual progresso configura-se em benefício ou em perigo aos seres humanos? As viagens espaciais, o crescimento das pesquisas na área da embriologia, a internet, entre outros avanços, parecem possuir duas faces, uma positiva e outra, muitas vezes, de risco. Nessa bifurcação, acredita-se estar nas mãos do homem a escolha do caminho a ser tomado.

Por fim, é preciso enfatizar que, durante todos esses séculos, o velho e o novo puderam, em inúmeros casos, coexistir. O rádio, por exemplo, não deixou de

---

<sup>38</sup> RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, v.4, p.56.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p.78.

existir com o surgimento da televisão. Da mesma maneira, acredita-se que os livros permanecerão, mesmo com o surgimento dos *e-books*. Assim sendo, todos os experimentos, as observações, as tecnologias que surgiram e que continuam despontando desde os tempos mais remotos, não competem apenas, mas sim, complementam-se, alicerçando-se mutuamente e, consolidando idéias e formas de pensar, assim como o faz a literatura.

## **2.2 O homem do século XIX, a ciência e a tecnologia: o surgimento de uma nova sociedade**

Através do panorama que acaba de ser traçado, foi possível observar que, com o despontar do século XIX, se viu aflorar uma nova forma de viver. Significativos avanços, como a energia a vapor, o uso da eletricidade, o surgimento dos primeiros automóveis, entre outros, imprimem um novo semblante ao século e, como consequência, novas tendências sociais passam a se tornar evidentes. Com a industrialização, a vida passa a exigir do homem novas atitudes, novas posturas e, sobretudo, um novo olhar para o mundo. Em função disso, começa-se a observar comportamentos até então desconhecidos. Exemplo de mudança pode ser verificado com o aparecimento do telefone<sup>40</sup>, que passou a estar cada vez mais presente nos lares:

o telefone facilitava a descentralização, permitindo que famílias dispersas se comunicassem mais facilmente, tornando as fazendas menos isoladas e mudando métodos de marketing, práticas médicas,

---

<sup>40</sup> O telefone surge em 1876, quando se realiza a primeira transmissão de Boston para Cambridge. Todas as referências com relação às invenções apresentadas neste estudo dizem respeito ao seu primeiro aparecimento no mundo (em geral no continente europeu) e têm como base a seguinte obra: BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

políticas e jornalísticas. Também estava mudando hábitos sociais, sobretudo os das mulheres, logo felizes “para conversar ao telefone”.<sup>41</sup>

Também durante o século XIX, a quantidade e a exatidão de informações passam a ser maiores, fazendo com que o tempo entre um evento e o conhecimento a seu respeito diminua. A seu tempo, o próprio Machado de Assis, citando Chateaubriand, escreve: “Quando se aperfeiçoar o vapor, quando unido ao telégrafo tiver feito desaparecer as distâncias, não hão de ser só as mercadorias que hão de viajar de um lado a outro do globo, com a rapidez do relâmpago; hão de ser também as idéias”.<sup>42</sup>

Contribuiu para isso a imprensa, que passa a ser encarada de forma profissional. Segundo as pesquisas de Kátia de Carvalho<sup>43</sup>, verifica-se que, em função do processo de desenvolvimento econômico e da transformação da imprensa mundial cada vez maior, as oficinas de impressão concentravam-se nos grandes centros urbanos, onde a formação do público leitor ávido de conhecimento se ampliava. Também o romance sofre mudanças; permeiam os textos as questões do cotidiano: “a trama se adensa, enche-se de mil coisas (como quase tudo na época: as nações se enchem de estradas e depois de ferrovias; as cidades, de casas; estas, de móveis; os móveis de infinitos objetos...)”.<sup>44</sup> Cabe acrescentar que não é somente o gênero “romance” que passa a ser tomado por questões pertinentes ao novo modo de viver da sociedade. O conto e, principalmente, a crônica – ambos constituintes do chamado folhetim – também passam a ser alvo da nova mentalidade que então despontava.

---

<sup>41</sup> BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.155.

<sup>42</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.787.

<sup>43</sup> CARVALHO, Kátia de. *Imprensa e informação no Brasil, século XIX. Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciainformacao>>. Acesso em: 10 ago. 2005.

<sup>44</sup> MORETTI, Franco. O século sério. *Novos Estudos*, São Paulo, n.65, p.3-33, mar. 2003, p.13.

Enquanto, na América do Norte, Poe presencia o surgimento de ferrovias, da máquina de escrever, do telégrafo elétrico, dos daguerreótipos e de jornais e revistas, entre muitas outras coisas, Machado de Assis, ao sul do continente americano, produz seus textos em meio a uma sociedade ainda bastante rudimentar. No entanto, seria uma questão de tempo para que o escritor pudesse acompanhar de perto o desenvolvimento do progresso de sua terra, traduzido em urbanização das principais cidades do país, construção das primeiras estradas de ferro, surgimento do bonde elétrico, bem como do telégrafo, entre outros: tudo isso, inevitavelmente, ligado à ciência e a questões tecnológicas.

Foi esse tempo que possibilitou a Machado de Assis tomar conhecimento da obra de Poe. Autodidata, o escritor brasileiro soube se apropriar de um vasto conhecimento, o qual envolvia, entre outras coisas, o aprendizado de línguas estrangeiras, as quais viabilizavam a leitura de obras que possivelmente fizeram a diferença em sua escrita. A tradução que Machado de Assis faz, em 1883, do poema *O Corvo*, de Poe, é prova contundente não somente do seu saber lingüístico, mas também de que o brasileiro conhecia a produção literária do escritor norte-americano.

A partir dessa constatação, cria-se a possibilidade de confrontar os textos de Poe e Machado de Assis, não para provar a influência de um sobre o outro, mas sim, para desvendar *os intertextos* que possivelmente se fazem aí presentes. Em outras palavras, para revelar a *intertextualidade* que se instaura na produção literária desses escritores. Sendo que, segundo Kristeva *apud* Nitrini, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”<sup>45</sup>, é bem possível que se encontrem na produção literária de Machado de Assis resquícios de sua leitura de Poe, os quais, subvertidos pelo fazer literário próprio do escritor brasileiro,

---

<sup>45</sup> NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p.161.

ressurjam no corpo de um novo texto. Assim, “é, portanto, na trama do que se perde e do que se recupera, na alternância de esquecimento e memória do que se lê que se organiza a continuidade literária”.<sup>46</sup>

Mas não trata esta pesquisa apenas de buscar evidenciar os diálogos que se constituem a partir do enfrentamento entre os escritores. Ela vai mais além e propõe um estudo que ultrapassa as fronteiras literárias. Numa atitude de mobilidade, empenha-se em descobrir o posicionamento de Poe e Machado de Assis frente às inovações científicas e tecnológicas que o século XIX fez despontar, configurando-se, assim, como um estudo interdisciplinar e “[...] é justamente esse caminho da interdisciplinaridade que nos permite dilatar o campo de ação [...]”.<sup>47</sup>

Assim sendo, é nessa movimentação que se dá entre diferentes áreas de conhecimento, produções literárias de escritores de nacionalidades distintas e gêneros literários diferenciados que se instaura um dos desafios desta pesquisa, a saber: exercer a prática comparatista em sua totalidade. Se “a literatura comparada é uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural”, sendo, portanto “um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não”<sup>48</sup>, acredita-se que parte da tarefa está cumprida.

Considerando todas as questões acima mencionadas, o caminho percorrido por este estudo pode ser esquematizado da seguinte maneira:

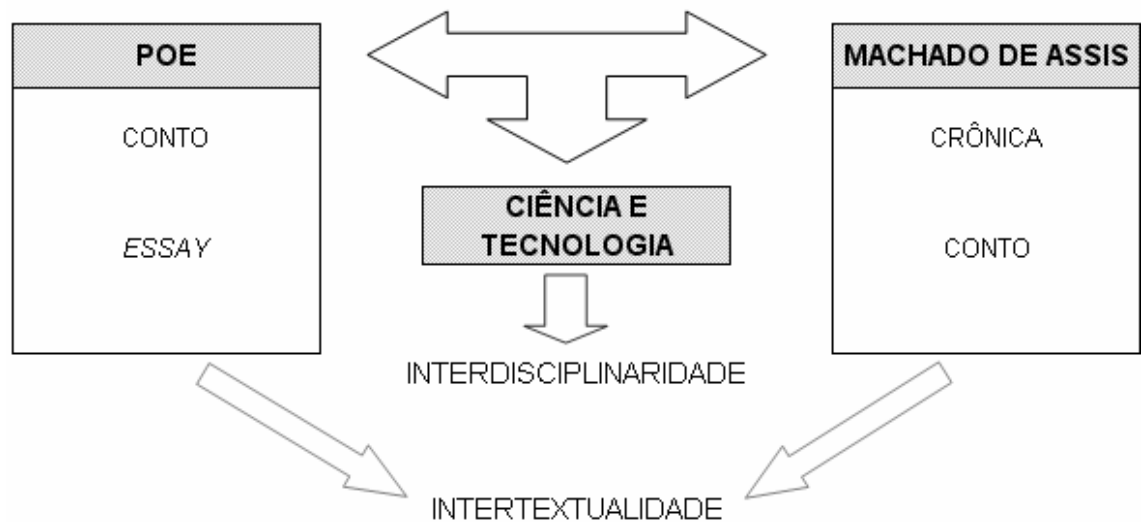
---

<sup>46</sup> CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003, p.75.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p.45.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p.48.





Fica claro, então, que o tema da ciência e da tecnologia permeando a literatura revela o caráter interdisciplinar da pesquisa. Ao mesmo tempo, observa-se a intertextualidade, que se dá através do olhar de Poe para as questões científicas e tecnológicas, o qual se vê *re-inscrito* na produção textual de Machado de Assis, só que agora a partir de um contexto geográfico, temporal e social diferenciado.

Da mesma maneira que Poe deixara marcas em sua obra de um olhar preocupado e atento com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em seu tempo, o escritor brasileiro, na realidade dos trópicos sul-americanos, toma para si semelhante tarefa. Contudo o faz a partir do progresso da capital carioca, que aqui chegava, é bem verdade, a passos consideravelmente mais lentos que o norte-americano.

Assim sendo, pretende demonstrar este estudo que tanto a obra de Poe como a de Machado de Assis presenteiam o leitor com a *fotografia* de uma época. A descrição dessas imagens, transpostas para os textos literários, possibilita ao homem contemporâneo visualizar o seu comportamento e as suas atitudes frente aos benefícios e aos problemas acarretados pelo progresso, tornando-o capaz de tecer considerações

sobre a sociedade em que vive atualmente, da qual é parte integrante, e, por conseqüência, seguir em frente buscando crescimento e superação. Configura-se aí um processo de avanço, de pausa para reflexão e de posterior superação. É o passado criando bases para o desenvolvimento do futuro. Dessa forma, percebe-se que são os escritos do passado que nos permitem conhecer o tempo atual, sendo a literatura um dos mais requintados recursos que proporcionam tal conhecimento. Em outras palavras, é o que T.S.Eliot denomina de “sentido histórico”:

O sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertencem em seus ossos, [...] toda a literatura de seu próprio país tem uma existência simultânea e constitui uma ordem simultânea. Esse sentido histórico [...] é que torna um escritor tradicional. E é isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor se torne mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade.<sup>49</sup>

Eliot<sup>50</sup> afirma ainda que é preciso que haja harmonia entre o antigo e o novo e, sobretudo, que o passado deve ser modificado pelo presente tanto quanto o presente esteja orientado pelo passado. Transpondo o pensamento de Eliot para este estudo, pode-se afirmar que as produções literárias de Poe e de Machado de Assis, nascidas no século XIX, estão a serviço do presente, ou seja, do leitor contemporâneo, na medida em que, além de situá-lo no tempo e na história, revelam-se como instrumento de reflexão para o surgimento de novas possibilidades, entre elas, a produção de novas obras literárias, a criação de teorias científicas mais avançadas, a instauração de novos procedimentos científicos, bem como a possível invenção de novos equipamentos que contribuam para o desenvolvimento dessas operações.

---

<sup>49</sup> ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios*. São Paulo: Art, 1989, p.39.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, p.40.

Um bom exemplo dessa forma de pensar pode ser observado no conto *O Alienista*, de Machado de Assis. O leitor contemporâneo pode encontrar nas páginas desse texto o retrato do comportamento da sociedade do século XIX frente aos estudos científicos que vinham sendo realizados. Tomando conhecimento das atitudes de Simão Bacamarte, pode o leitor refletir sobre a importância dos estudos desenvolvidos atualmente na área da ciência, em especial dos métodos terapêuticos utilizados para tratar o indivíduo. Pode também avaliar a postura dos cientistas contemporâneos a partir daquela exercida por Bacamarte. O que mudou? Se essas mudanças existiram, foram positivas ou negativas para a sociedade? Equipamentos científicos foram inventados para desenvolver os trabalhos da área em questão? Outros textos literários foram escritos a partir do mesmo tema?

É preciso lembrar que não se trata de atribuir à literatura o que é tarefa do historiador. Trata-se, sim, de mostrar que a literatura, enquanto arte, possui uma função, nesse caso, de propiciar reflexão acerca de questões sociais. Transfigurada em espelho, sua principal atribuição consiste em revelar o comportamento de uma sociedade que em pleno século XIX delineava-se de maneira nova frente aos avanços científicos e tecnológicos que se impunham, servindo como exercício de reflexão para fazer avançar, ainda mais, o homem que através dela foi capaz de reconhecer-se como indivíduo que vive em sociedade. As sociedades evoluem e, por isso, são passíveis de mudanças.

Jonathan Culler aponta que:

Os objetos estéticos, para Kant e outros teóricos, têm uma finalidade sem fim. Há uma finalidade em sua construção: são feitos de modo que suas partes operem conjuntamente para algum fim. Mas o fim é a própria obra de arte, o prazer na obra ou o prazer ocasionado pela obra, não algum propósito externo. [...] considerar um texto como literatura é indagar sobre a contribuição de suas partes para o efeito do

todo mas não considerar a obra como sendo principalmente destinada a atingir algum fim, tal como nos informar ou persuadir.<sup>51</sup>

Deve-se reconhecer que a literatura, enquanto arte, não deve ter como fim maior informar. Se assim o fosse, acredita esta pesquisa que não se trataria de boa literatura.<sup>52</sup> Contudo, apesar de bastante clara, a afirmação acima parece um tanto limitada, uma vez que não menciona a possibilidade de *reflexão* que a obra de arte oferece acerca de questões externas, ou ainda, sobre temas relacionados à obra, e que configura-se como uma função do objeto estético.

Talvez mais acertado seria considerar os apontamentos de Antoine Compagnon<sup>53</sup>, segundo o qual “há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária (talvez não apenas por ela, mas principalmente por ela), um conhecimento que só (ou quase só) a experiência literária nos proporciona”.<sup>54</sup> Acrescentam-se a esse pensamento, as palavras do próprio Machado de Assis, que em um de seus textos de crítica teatral, afirma categoricamente: “[...] tenho a inqualificável monomania de não tomar a arte pela arte, mas a arte, como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana”.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância?. In: \_\_\_\_\_. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p.40.

<sup>52</sup> A tarefa de definir se uma obra literária é “boa” ou “má”, ou ainda, se é ou não um texto literário, é bastante árdua. É por demais tênue a linha entre uma e outra. Contudo, há que se registrar que uma das principais características do jornalismo é a linguagem clara e objetiva, exatamente o oposto da linguagem literária, que é plurissignificativa. Assim, apesar da dificuldade e, muitas vezes, da impossibilidade em estabelecer limites, há uma questão que não pode ser esquecida: a obra literária que não provocar questionamentos não será uma boa literatura.

<sup>53</sup> Para explicar a função da literatura, Compagnon evoca Aristóteles, o qual “colocava o prazer de aprender na origem da arte poética: instruir ou agradar, ou ainda instruir agradando”, sendo essas “as duas finalidades, ou a dupla finalidade” também reconhecida por Horácio na poesia.

<sup>54</sup> COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: \_\_\_\_\_. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p.35.

<sup>55</sup> ASSIS, Machado de. Crítica teatral. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1937, v.30, p.129.

Julio Cortázar, ao tratar da situação do romance moderno, enfatiza que “o homem precisa sem dúvida do romance para conhecer-se e conhecer”.<sup>56</sup> Enfatiza ainda que:

a presença inequívoca do romance em nosso tempo se deve ao fato de ser ele o instrumento verbal necessário para a posse do *homem como pessoa*, do homem vivendo e sentindo-se viver. O romance é a mão que sustenta a esfera humana entre os dedos, move-a e a faz girar, apalpando-a e mostrando-a.<sup>57</sup>

A presente pesquisa vai além e afirma que não somente o romance enquanto gênero literário, mas todas as formas do fazer literário – conto, poema, novela, etc. – são importantes, pois fazem com que o homem tenha consciência do mundo que o cerca, bem como de si mesmo. É preciso entender que a literatura contribui para – utilizando uma expressão do próprio Cortázar<sup>58</sup> – a “consciência de nosso tempo”, seja ele qual for. É por tal razão que a proposta deste estudo consiste em analisar não somente o gênero conto, mas também, o “texto-crônica” de Poe e de Machado de Assis, cujas afirmações são a prova mais concreta da atitude progressista de homens que estavam, sem sombra de dúvida, muito à frente de seu tempo.

Cortázar reitera as afirmações acima mencionadas, quando, ao tratar da produção literária de Poe, declara ter sido o escritor “um dos grandes porta-vozes do homem, aquele que anuncia o seu tempo”<sup>59</sup>, em outras palavras, teria sido ele o fornecedor de conhecimento necessário para que o homem atual reflita e avance em direção ao futuro: “Por isso sua obra, atingindo dimensões extratemporais [...] é tão profundamente temporal a ponto de viver num contínuo presente [...] na busca de certos ideais e de certos sonhos”.<sup>60</sup>

---

<sup>56</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.67.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, p.74.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, p.104.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*

Comunga do mesmo pensamento Compagnon que, ao discutir a função da obra literária lembra que “a literatura precederia também outros saberes e práticas: os grandes escritores (os visionários) viram, antes dos demais, particularmente antes dos filósofos, para onde caminhava o mundo”.<sup>61</sup>

Supõe-se que, apesar da distância geográfica que separou Poe e Machado de Assis, ambos foram homens que, ao tomar conhecimento do que acontecia a sua volta – cada qual a seu tempo, em função do descompasso, com relação ao progresso como um todo, do Brasil em relação aos Estados Unidos e Europa –, souberam utilizar sua própria arte para dividir com o resto do mundo – se não com todo o globo terrestre, ao menos com a civilização ocidental – suas dúvidas, suas aflições, seus medos, suas concordâncias e desacordos e, sobretudo, o contentamento de ambos frente ao que, então, se oferecia à humanidade; ou ainda, face à nova postura social imposta pela chegada do século XIX.

### **2.2.1 Poe e Machado de Assis: visões similares, todavia diferentes**

Através do distanciamento que existe entre presente e passado, hoje é possível verificar que foram muitos os avanços tecnológicos da Modernidade: o desenvolvimento da indústria do ferro, primeiros progressos no setor dos transportes, as primeiras estradas ferroviárias, a energia a vapor, a invenção do telégrafo, entre tantos outros que, por terem feito parte da realidade social de uma época, são personagens coadjuvantes da literatura produzida nesse mesmo período, em especial nos escritos de Poe e de Machado de Assis, objetos deste estudo. Por tal razão é que se deseja enfatizar

---

<sup>61</sup> COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: \_\_\_\_\_. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.37.

– entre outros aspectos – o importante papel da literatura nesse processo de inovação social, uma vez que, acredita-se, é, também, através da reflexão que esta proporciona ao homem, que se avançou tanto e de forma tão surpreendente.

O que realmente importa salientar é que, mesmo com o passar dos anos, a obra literária mantém-se constante em seu papel de aglutinadora de conhecimento e propiciadora de reflexão. Assim sendo, conhecer o posicionamento de escritores como Poe e Machado de Assis sobre os avanços que então surgiam, é por demais importante, na medida em que possibilita avaliar a importância e a amplitude das conquistas do homem da época e, a partir daí, saber o quanto ainda poder-se-ia caminhar, bem como quais os alvos ainda por atingir, tendo-se, hoje, noção do quanto a sociedade evoluiu, não somente tecnológica e cientificamente, mas também – e em consequência delas – humana (ao menos deveria) e intelectualmente. Houve evolução no que diz respeito a questões éticas e morais, por exemplo? Essa é, sem sombra de dúvida, uma questão importante para se pensar a respeito, a partir da reflexão que a literatura pode proporcionar.

É preciso enfatizar que, apesar de Poe ser predecessor, sobretudo em termos cronológicos, de Machado de Assis (1809-1849 e 1839-1908, respectivamente), ambos tiveram a oportunidade de sentir muito de perto o ritmo da vida moderna – e da Modernidade –, a qual já se encontrava impregnada pelas inovações científicas e tecnológicas próprias do século XIX. Há que se levar em conta, também, que, conforme já mencionado anteriormente, assim como os assuntos relacionados com a arte em geral, as inovações científicas e tecnológicas custavam a chegar ao meio social brasileiro. Considerando também essa defasagem, pode-se pensar que Poe e Machado de Assis estiveram submetidos a sensações muito semelhantes no que diz respeito às novidades que se ofereciam ao homem na época.

Kátia de Carvalho<sup>62</sup> afirma que a atividade editorial no Brasil, no final do século XIX, foi próspera, aumentando a produção de livros e de revistas, científicas ou não, dando novos contornos à sociedade. Por certo esse cenário já se constituía em realidade na sociedade norte-americana. Os intelectuais, em geral – tanto em terras brasileiras como em norte-americanas –, exerciam a atividade de jornalista – é o caso de Poe e, também, de Machado de Assis –, bem como possuíam cargos no funcionalismo público e na política.<sup>63</sup>

É de extrema importância que se chame a atenção para o fato de que é por intermédio das publicações periódicas, apontadas no artigo de Kátia de Carvalho<sup>64</sup>, que os intelectuais puderam exercer a função de formadores de opinião, seja através dos editoriais, da poesia, ou ainda, dos folhetins, os quais, ao final do século XIX, passaram a se configurar como crônicas. Poe e Machado de Assis, cada qual em seu meio, são modelos dessas formas de produzir discursos. É por essa razão que chega, agora, esta pesquisa a uma questão que merece um olhar mais atento. Se bem se observar, neste ponto configura-se um encontro interdisciplinar, a saber, entre a produção literária de Poe e de Machado de Assis e o momento histórico-científico-tecnológico vivido pela sociedade da época; afinal, trata-se de textos *literários* sendo *disponibilizados* através dos benefícios da *tecnologia*. Ambos os escritores, acredita-se, manifestam em seus escritos, agora publicados graças à evolução tecnológica dos equipamentos de impressão – contos, crônicas, ensaios, entre outros –, a percepção sobre as novas

---

<sup>62</sup> CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciainformacao>>. Acesso em: 10 ago. 2005.

<sup>63</sup> Para saber mais sobre os escritores brasileiros que também exerceram a atividade de jornalistas ver a obra de Cristiane Costa (*Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904/2004*, São Paulo: Cia das Letras, 2005).

<sup>64</sup> CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciainformacao>>. Acesso em: 10 ago. 2005.



maneiras de pensar e de agir da sociedade na qual se encontravam inseridos. Em suma, é a tecnologia a serviço da literatura.

Poe utiliza-se de escritos como *Eureka*, *The Daguerreotype*, *The Rail-Road War*, *Street-Paving*, para discutir questões acerca do universo científico, tema muito em moda e que o interessava sobremaneira. Também é possível verificar sua atenção com relação ao assunto através dos excertos sob o título de *Marginalia*<sup>65</sup>, bem como através da leitura de poemas como *Sonnet-to Science*<sup>66</sup>, parte integrante da obra *Al Aaraaf, Tamerlane and Minor Poems*, publicada em 1829. Todavia, é no interior de alguns de seus contos – *The System of Doctor Tarr and Professor Fether*, *Some Words with a Mummy* e *The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade* – que se torna visível o pensamento do escritor a respeito do progresso que já dava sinais de dominação dentro do contexto social de seu tempo. Na maioria das vezes, guiado por uma visão conservadora, pode-se afirmar que Poe – apesar de ter noção da importância desses avanços – expressa sua visão dessa nova ordem de maneira amarga, por vezes numa atitude imatura, mas isso é tema que merece maior atenção e, por isso, será retomado mais adiante.

Essa postura – que insiste em registrar os trabalhos desenvolvidos pela ciência – aparece também na obra de Machado de Assis. Seu modo de pensar encontra-se em suas inúmeras crônicas publicadas nas colunas *Aquarelas*, *História de Quinze Dias*, *Notas Semanais*, *Balas de Estalo*, *Bons Dias!* e *A Semana*. Assim como Poe, Machado de Assis parece também imprimir um olhar desfavorável com relação aos

---

<sup>65</sup> Os escritos sob o título de *Marginalia*, por serem *excertos*, dificilmente são encontrados todos em uma única obra. Alguns deles estão inseridos nas seguintes edições: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965 e POE, Edgar Allan. *The unknown Poe*. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980.

<sup>66</sup> POE, Edgar Allan. *Sonnet-to Science*. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984].

trabalhos da ciência. Todavia, apesar de também saber o quão importante eram essas conquistas, sua crítica, diferentemente da de Poe, mostra-se imparcial e madura.

Esse posicionamento pode ser observado, também, em alguns de seus contos, como em *O Alienista*, no qual os experimentos reivindicados pela ciência e em nome da ciência revelam – de maneira irônica no texto do escritor brasileiro – o quanto a sociedade do século XIX foi obrigada a se rearranjar. Em *Conto Alexandrino*, é possível visualizar a crítica contumaz do escritor que, através de um retorno ao passado, expressa seu pensamento a respeito das atividades científicas, cujo exercício encontrava-se em pleno período de efervescência. Cabe mencionar que Poe também já havia denunciado a necessidade dessa nova ordem, quando escreve o conto *The System of Doctor Tarr and Professor Fether*, o qual gira em torno do mesmo tema, a saber, os experimentos científicos, os quais têm, como cobaias – assim como nos contos de Machado de Assis acima mencionados – seres humanos.

Contudo, apesar das críticas que eventualmente sofreram, é oportuno acentuar que Poe e Machado de Assis eram escritores que enxergavam além e sabiam da necessidade do desenvolvimento científico, bem como dos efeitos positivos que o progresso acarretaria à civilização moderna. Ao mesmo tempo parece que tiveram a capacidade de perceber que seria preciso certo equilíbrio no trato dessas questões. Caso contrário, todo o conhecimento que vinha sendo adquirido poderia resultar em algo nocivo para o homem.

Por fim, é preciso reafirmar que cada qual, a partir de textos próprios, mesmo quando de gêneros literários diferenciados, parecem olhar para um mesmo horizonte. Ambos parecem ter percebido, de maneira precoce, que a ciência e a tecnologia, responsáveis pelo aparente progresso que se impunha, agiriam de forma implacável, definitiva e constante sobre a humanidade. Por isso, talvez, tenham feito

questão de revelar seus pensamentos com relação à avalanche de novas possibilidades que, de maneira rápida e violenta tomava conta de suas – mesmo que distintas – realidades.

Assim sendo, acreditando que essas idéias permeiam a obra de ambos, antecipa este estudo que Poe e Machado de Assis possuem visões similares, posto que criticam questões que envolvem temas científicos e tecnológicos, todavia *expressas* de um jeito diferente. Essa sutil diferença é que se deseja apontar através da análise do recorte feito sobre a obra de cada um dos escritores.

### **3 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS NA OBRA DE EDGAR ALLAN POE**

Poe e Machado de Assis estiveram sempre em posição de enfrentamento com a realidade que os cercava. O primeiro em função do descrédito de seus compatriotas contemporâneos com relação a sua pessoa e a sua produção literária; o segundo, por ser mulato, doente e proveniente de classe social inferior – fato esse que não desqualificou seus escritos, mas que também nunca fora esquecido pelos seus colegas. Talvez, por isso, torne-se compreensível que Poe e Machado de Assis estivessem sempre em posição de alerta; sempre de prontidão com relação ao que ocorria na sociedade em que viviam, como que numa tentativa de proteger a si mesmos. Detentores de um conhecimento que ninguém poderia extorquir, mostraram-se dispostos a compartilhar seus pensamentos com o leitor, seja de maneira explícita, seja através da ironia, ou ainda, por meio de palavras não ditas, mas passíveis de serem lidas nas entrelinhas de seus textos.

Em meio a esse “estar alerta”, acabavam por tomar conhecimento dos temas mais variados que estavam em voga na época. Nesse repertório, estão inseridas as questões que constituem o objeto desta pesquisa, ou seja, aquelas relacionadas ao progresso da ciência e da tecnologia e de tudo mais que está a elas ligado, de maneira direta ou indireta.

Poe, através de suas inúmeras contribuições aos jornais e revistas da época (*Alexander's Weekly Messenger*, *Southern Literary Messenger*, *Gentleman's Magazine*, *Graham's Magazine*, *Evening Mirror*, *Broadway Journal*, *Lady's Book*), bem como por meio de seus contos – alguns deles já mencionados anteriormente – realiza um trabalho exemplar para este estudo, na medida em que promove o levantamento de temas relacionados à ciência, discutindo os benefícios e os problemas que o desenvolvimento da área acarretava à humanidade.

Assim sendo, no intuito de revelar o posicionamento acima mencionado, proceder-se-á, a seguir, à análise da obra de Poe. Em função da vasta extensão do *corpus* existente, optou-se pelo seguinte recorte: primeiramente, far-se-á o exame de dois contos – *The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade* e *Some Words with a Mummy*. Outros escritos de Poe, a saber, o ensaio *Eureka*, bem como alguns textos publicados em periódicos da época também serão observados, porém, de maneira mais superficial, uma vez que os *contos* são o “carro-chefe” da obra do escritor.

A escolha do caminho acima apresentado deu-se, também, em função de que Poe fora o precursor do conto, “gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos”<sup>1</sup>, uma vez que não é breve, tampouco excessivamente longo.

Em pleno século XIX, período em que o romance e a poesia eram as formas textuais mais difundidas, Poe antecipa o *conto* (em seu molde moderno), categoria que, desde então, não cessou de propagar-se.

Quanto aos demais textos, acredita-se que o próprio escritor, na época, não sabia classificá-los com relação ao gênero. Na tentativa de determinar a espécie desses textos, pergunta-se: não estaria Poe escrevendo *crônicas*, em inglês *essays*, posto que

---

<sup>1</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.149.

discute nesses escritos temas do cotidiano, neles imprimindo sua visão crítica, de forma a produzir um texto com vida, proporcionando uma nova dimensão ao fato real?

É importante deixar claro que os textos escolhidos para o presente estudo constituem uma amostragem, visto que esta pesquisa deve obedecer, também, a limitações de ordem física.

Dessa forma, considerando o acima exposto e respeitando a cronologia dos escritores, dar-se-á início ao desenvolvimento da investigação proposta.

### **3.1 Ficção e realidade: a ciência nos contos de Poe**

Por uma questão de ordem cronológica – mas não causal –, esta pesquisa inicia a análise propriamente dita com a obra do escritor norte-americano. Procurar-se-á, conforme proposto, apontar em alguns textos de Poe a presença de seu olhar e posicionamento acerca dos avanços da ciência e da tecnologia, temas esses que, além de estarem muito em moda, faziam parte da realidade do escritor que vivia em terras do hemisfério norte.

Resgate dessa natureza revela-se de grande importância, na medida em que a observação de pontos de vista de escritores do porte de Poe e de Machado de Assis oferece matéria abundante para reflexão acerca do desenvolvimento da humanidade.

Dessa forma, far-se-á a observação, em pormenores, da contística de Poe, mas não sem antes dizer algumas palavras sobre o gênero “conto”.

Segundo Massaud Moisés<sup>2</sup>, o conto tem sua origem nos primórdios da arte literária. Com o passar do tempo, adquire novos contornos, perpassando a Idade Média e chegando à Renascença como forma já bastante difundida no meio literário. Contudo,

---

<sup>2</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 87.

é no século XIX que ele se define e alcança seu auge. Desde então, esse gênero vem ganhando espaço cada vez maior entre as formas do fazer literário.

De estrutura enxuta, mas intensa, o conto se apresenta, segundo Cortázar<sup>3</sup>, como “uma máquina infalível destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia de meios”. Assim como as tarefas estavam sendo simplificadas no decorrer do século XIX, também o texto literário sofria uma reestruturação: “Até nossos dias, o conto vem sendo praticado por uma legião cada vez maior de ficcionistas, que nele encontram a forma adequada para exprimir a rapidez com que tudo se altera no mundo moderno”.<sup>4</sup>

Poe foi um desses ficcionistas que acreditou na funcionalidade do texto breve. Segundo ele, “if any literary work is too long to be read at one sitting [...] totality is at once destroyed. [...] It appears evident, then, that there is a distinct limit, as regards length, to all works of literary art – the limit of a single sitting [...]”.<sup>5</sup>

Precursor e, provavelmente, um dos maiores representantes do gênero em questão, Poe utiliza-se da sua produção contística para aproximar-se da verdade:

Na classificação concebida por Poe, o conto – ou *prose tale*, como chama – apresentaria, ao menos, um ponto de superioridade sobre o poema, pelo fato de aliar à possibilidade de expressão do Belo, pois que é breve, a certeza da expressão da Verdade.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.228.

<sup>4</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p.88.

<sup>5</sup> POE, Edgar Allan. The philosophy of composition. In: MAY, Charles E. *Edgar Allan Poe: a study of the short fiction*. Boston: Twayne Publishers, 1991, p.129.

Tradução: “se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada [...] a totalidade é imediatamente destruída. [...] Parece evidente, pois, que há um limite distinto no que se refere à extensão: para todas as obras de arte literária, o limite de uma só sentada [...]” (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.913).

<sup>6</sup> FLORES DA CUNHA, Patrícia Lessa. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1998, p.31.

A verdade permeando a ficção é o que se pode encontrar nos textos que constituem o objeto desta pesquisa. Essa proximidade com a realidade dá-se não somente com o que diz respeito a situações e fatos ali descritos, mas também com relação ao posicionamento do escritor frente aos avanços da ciência. São aspectos da realidade que se inter-relacionam com outros, de caráter ficcional, que compõem os textos de Poe ora em análise.

Charles May, em seu estudo de fôlego acerca da obra contística do escritor, afirma que ‘Poe either makes use of the techniques of verisimilitude to make believable events that cannot be true, or else to put a fictional frame around real events in such a way as to accentuate their seemingly fantastic nature’.<sup>7</sup>

Charles Kiefer<sup>8</sup> também reforça esse aspecto da obra do escritor ao declarar que, nas resenhas que teria escrito sobre Hawthorne, Poe considera a verossimilhança a questão mais importante da ficção.

Poe estava por demais envolvido com as questões de seu tempo para deixá-las em um compartimento à parte, tornando-se difícil não discutir os temas que o cercavam e, até mesmo, sendo difícil não permitir que os mesmos permeassem seus textos. Assim, sua preocupação com a relação entre *verdade* e *ficção* pode ser observada em muitos de seus contos, entre eles, *The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade*.<sup>9</sup>

Nesse conto, o escritor entrelaça verdade e ficção ao produzir uma narrativa que tem como ponto de partida a história do clássico universal da literatura árabe, *As Mil e Uma Noites*. Até aí pura ficção. Contudo, Poe vai além e cria a milésima segunda

---

<sup>7</sup> MAY, Charles E. *Edgar Allan Poe: a study of the short fiction*. Boston: Twayne Publishers, 1991, p.41. Tradução: “Poe, algumas vezes, faz uso de técnicas de verossimilhança a fim de tornar críveis eventos que não podem ser verdadeiros; em outras, utiliza uma moldura ficcional em fatos reais, de forma a acentuar a natureza aparentemente fantástica desses eventos”. Tradução minha.

<sup>8</sup> KIEFER, Charles. *A poética do conto*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004, p.26.

<sup>9</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984].



noite, na qual Scheherazade conta ao rei as aventuras de Simbá, o marinheiro. É através desse acréscimo – o qual transforma o clássico em uma nova obra – que Poe introduz a verdade, ou ainda, o real. O escritor norte-americano apresenta, então, algumas das inovações que surgiam na época: refere-se ao balão, ao trem, à calculadora, à prensa, à pilha, ao telégrafo e, por fim, aos avanços da fotografia. O que realmente encanta é a forma utilizada por ele para expor tais aparatos: Simbá, na aventura narrada por Scheherazade, ao percorrer o mundo, defronta-se com inúmeras situações, para ele, inusitadas, enxergando-as de forma monstruosa. Ao avistar uma enorme embarcação, afirma estar vendo um enorme monstro; as velas, afirma serem espinhos; as janelas, fileiras de olhos e, por fim, a tripulação, animais que, apesar de desconhecidos, são muito parecidos com o homem.

Através desse estranhamento da personagem Simbá, acredita-se que Poe estivesse mostrando, exatamente, o que estava acontecendo com a sociedade da época. Ou seja, inventos estavam surgindo e, para muitos, grande parcela daquelas “geringonças” que estavam sendo criadas eram realmente estranhas, monstruosas, sendo difícil, muitas vezes, para certas pessoas, acreditar nas tarefas que tais equipamentos podiam desempenhar.

Poe acrescenta ainda, através da voz da sua personagem, que aquele “monstro”, que nada mais era que um navio, tratava-se de um demônio cruel, capaz de trazer desgraça para a humanidade: “[...] that it was a cruel demon, with bowels of sulphur and blood of fire, created by evil genii as the means of inflicting misery upon mankind [...]”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.387.

Tradução: “[...] era um cruel demônio, com entranhas de enxofre e sangue de fogo; criado pelos gênios do mal com o fim de infligir desgraças à humanidade [...]”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.584).

Mais adiante, Simbá toma conhecimento de que sobre a criatura havia animais e acrescenta: esses são quase do tamanho e do formato dos homens. Após o contato com o “bicho-homem”, Simbá fica sabendo que a intenção daqueles seres estranhos seria circunavegar o globo terrestre e acaba por embarcar na viagem, juntamente com aqueles seres estranhos. Durante o percurso encontram obstáculos. E é aí que Poe, mais uma vez, tem a chance de revelar seu pensamento e seu entendimento sobre os avanços científicos e tecnológicos da época. O olhar da personagem Simbá serve de subterfúgio para a discussão acerca das novidades que a época impunha e que interessavam por demais o escritor norte-americano. Simbá é aterrorizado pela aparição de uma ave infinitamente grande, que nada mais era do que um balão:

[...] we were terrified by the appearance of a fowl of another kind, and infinitely larger than even the rocs which I met in my former voyages; for it was bigger than the biggest of the domes [...]. This terrible fowl had no head that we could perceive, but was fashioned entirely of belly, which was of a prodigious fatness and roundness, of a soft-looking substance, smooth, shining and striped with various colors [...] than let fall upon our heads a heavy sack which proved to be filled with sand.<sup>11</sup>

Através das lentes de Simbá, Poe também faz o registro da existência do trem. A personagem, em certo momento da viagem, é informada de que os animais-humanos eram uma nação de poderosos mágicos e que, entre esses mágicos, eram domesticados muitos animais de “singularíssimas” espécies, entre eles, o “cavalo de ferro”, mais conhecido como trem:

---

<sup>11</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.393.

Tradução: “[...] ficamos aterrorizados com a aparição duma ave doutra espécie e infinitamente maior do que o pássaro roca que eu encontrara em minhas anteriores viagens, pois era maior do que o maior dos zimbórios [...]. Aquela terrível ave não tinha cabeça que pudéssemos perceber, mas era constituída inteiramente de barriga, de prodigiosa gordura e rotundidade, duma substância mole, lisa, brilhante e raiada de várias cores [...] depois deixou cair sobre nossas cabeças um pesado saco que se verificou estar cheio de areia”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p. 590).

[...] were domesticated several animals of very singular kinds; for example, there was a huge horse whose bones were iron and whose blood was boiling water. In place of corn, he had black stones for his usual food; and yet, in spite of so hard a diet, he was so strong and swift that he could drag a load more weighty than the grandest temple in this city, at a rate surpassing that of the flight of most birds.<sup>12</sup>

Scheherazade continua sua história e coloca Simbá frente a uma “criatura” ainda mais enigmática, a calculadora:

[...] a creature that put to shame even the genius of him who made it; for so great were its reasoning powers that, in a second, it performed calculations of so vast an extent that they would have required the united labor of fifty thousand fleshy men for a year.<sup>13</sup>

Nessa passagem, Poe lembra o leitor de que a máquina pode ser melhor que o homem, sendo capaz de representar uma ameaça na medida em que supera, até mesmo, o saber do gênio que a criou. Dessa forma o escritor também se refere à prensa, afirmando, ainda sob a percepção de Simbá, que seu inventor é ainda mais poderoso:

[...] still more wonderful [...] was neither man nor beast, but which had brains of lead, intermixed with a black matter like pitch, and fingers that employed with such incredible speed and dexterity that it would have had no trouble in writing out twenty thousand copies of the Koran in an hour [...].<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.394.

Tradução: “[...] eram domesticados muitos animais de singularíssimas espécies. Havia, por exemplo, um imenso cavalo cujos ossos eram de ferro e cujo sangue era água fervente. Em lugar de milho tinha como comida habitual pedras pretas; e contudo, a despeito de tão dura dieta, era tão forte e ligeiro que podia arrastar uma carga mais pesada do que o maior templo desta cidade, a uma velocidade que ultrapassa a do vôo da maior parte dos pássaros”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.591).

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, p.394.

Tradução: “[...] uma criatura que envergonharia mesmo o gênio daquele que o fez, pois tão grandes eram os seus poderes de raciocinar que num segundo executava cálculos de tão vasta extensão que teriam requerido o labor unificado de cinqüenta mil homens de carne, durante um ano”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.591).

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p.394.

Tradução: “[...] mais maravilhoso [...] era nem homem nem animal, mas tinha miolos de chumbo entremeados duma substância tão negra como piche e dedos utilizados com tão incrível rapidez e destreza

Faz alusão ao telégrafo elétrico, o qual, nas palavras de Simbá: “[...] had so long an arm that he could sit down in Damascus and indite a letter at Bagdad – or indeed at any distance whatsoever”<sup>15</sup> e, por fim, cita Daguerre, criador dos primeiros processos fotográficos de que se tem notícia<sup>16</sup>. Na história ficcional de Simbá, teria o homem-animal ordenado ao sol que pintasse seu retrato, e o astro assim o teria feito: “[...] directed the sun to paint his portrait, and the sun did”.<sup>17</sup>

Há vários aspectos a serem considerados na leitura deste conto. Primeiramente, é preciso mencionar que Poe utiliza-se da antropomorfização dos objetos, isto é, ele confere aos inventos atributos humanos, igualando-os. Em segundo lugar, coloca o homem em uma vala rasa ao enfatizar que, muitas vezes, este se comporta ou é visto como um animal qualquer, guiado apenas por seu instinto. Através desse paralelismo fica mais fácil passar a idéia de que homem e máquina concorrem, podendo haver a superação de um pelo outro. Enquanto o homem comanda a máquina, não há problemas. A ameaça surge, e Poe mostra isso muito bem, quando ocorre exatamente o contrário, ou seja, quando a máquina passa a dominar o homem.

Ainda com relação ao par verdade/ficção, é necessário mencionar as palavras de Charles E. May sobre a ironia de Poe no conto ora em análise. Segundo ele, “[...] whereas Scheherazade’s stories of ‘lies’ saved her life in the original *Thousand*

que não teria dificuldade em escrever vinte e mil cópias do Alcorão numa hora [...]”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.591).

<sup>15</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.395.

Tradução: “[...] tinha um braço tão comprido que podia sentar-se em Damasco e redigir uma carta em Bagdá, ou , realmente, a qualquer distância que fosse”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.592).

<sup>16</sup> O francês Louis Daguerre desenvolveu as primeiras imagens fotográficas precisas, dando a elas o nome de daguerreótipos, e distribuiu detalhes de seu processo fotográfico em Paris, em 1839.

<sup>17</sup> POE, Edgar Allan. The thousand-and-second tale of Scheherazade. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.395-6.

Tradução: “[...] ordenou ao sol que pintasse seu retrato e o sol assim o fez”, (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.593).

*and One Nights* tales, her truths now lead to her death [...]”.<sup>18</sup> Isso acontece, pois o rei mostra-se completamente incrédulo com relação aos poderosos inventos que Scheherazade afirma existir. Descrença perfeitamente compreensível ao se considerar a época em que vivia o monarca.

Dessa preocupação com o jogo entre verdade e ficção, o qual Poe insiste em manter vivo em alguns de seus textos, provém a atenção que o escritor dispensa ao seu leitor. “Esse respeito demonstra o quanto estava atento às novas relações sociais no interior da sociedade capitalista. Nela, o leitor é um cliente, um consumidor do produto artístico, e não quer, e não deve, e não pode ser enganado”.<sup>19</sup> Levar para dentro de sua contística verdades sobre os equipamentos e sobre os novos procedimentos que surgiam na época significava suprir o leitor com o que havia de mais atual com relação aos avanços conquistados pela ciência e pela tecnologia. Mais ainda, tal atitude revela-se, no caso de Poe, como um verdadeiro “abrir de olhos” da sociedade, uma vez que, sempre que tem oportunidade, o escritor apresenta não somente as novidades, os equipamentos em si, mas também, de maneira irônica, o lado menos favorável do mecanismo criado.

Esse comportamento, já referido no capítulo anterior, reflete o posicionamento de um homem que, apesar de ter nascido no norte dos Estados Unidos, mais precisamente em Boston, cresceu e educou-se no sul do país – no estado da Virgínia –, que, na época, encontrava-se econômica e intelectualmente atrasado:

Poe iria assistir ao início dos conflitos abolicionistas e escravistas, aos prelúdios da guerra entre o Norte e o Sul. Criado no interior

<sup>18</sup> MAY, Charles E. *Edgar Allan Poe: a study of the short fiction*. Boston: Twayne Publishers, 1991, p.41. Tradução: “[...] enquanto que no conto original *As Mil e Uma Noites* as histórias mentirosas de Scheherazade salvam sua vida, no conto de Poe, são suas verdades que a levam à morte [...]”. Tradução minha.

<sup>19</sup> KIEFER, Charles. *A poética do conto*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004, p.41.

provinciano da Virgínia, sempre se sentiria incômodo e fora de mão em cidades como Filadélfia, Nova York e Baltimore, fervilhantes de ‘avanço’ e de comércio.<sup>20</sup>

Por essa razão, conforme já mencionado anteriormente, é possível verificar a existência de um certo posicionamento hostil por parte de Poe, que tende a ver e a julgar os avanços da ciência e da tecnologia de uma forma pouco acolhedora. É preciso entender que, apesar de Poe ser, de certa forma, precursor do realismo com relação à forma literária, conforme ver-se-á posteriormente, sua maneira de pensar fundamentava-se nas raízes do movimento romântico, o qual buscava um certo “passado dourado”, agora extinto. É evidente que o escritor tinha ciência da importância de desenvolvimentos dessa natureza. No entanto, muitas vezes, faz questão de lembrar o leitor de que o mérito com relação aos avanços que surgiam não deveria ser atribuído aos “estudiosos” da época, como fazia a sociedade. As glórias de tais inventos, segundo Poe, deveriam ser atribuídas, também, aos antepassados da humanidade. Mantendo essa posição, Poe deixa transparecer seu descontentamento com relação à maneira pela qual a sociedade lidava com o galopante avanço do progresso. Segundo sua maneira de pensar, melhorias ocorriam, mas em virtude de conquistas já alcançadas, ou seja, graças ao legado deixado ao homem moderno pelas civilizações antigas.

Tal comportamento pode ser observado no conto intitulado *Some Words with a Mummy*.<sup>21</sup> Nesse texto, Poe coloca o estudioso de seu tempo em situação embaraçosa, uma vez que, de maneira irônica, promove uma conversa entre um representante de uma das mais remotas civilizações da humanidade – uma múmia – e os

---

<sup>20</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.105.

<sup>21</sup> POE, Edgar Allan. *Some words with a mummy*. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984]. É preciso mencionar, desde já, que em função dos textos terem sido escritos no século XIX, há, por vezes, algumas diferenças ortográficas com relação ao inglês contemporâneo. As edições utilizadas nessa pesquisa mantiveram a ortografia original de Poe e, conseqüentemente, esse estudo faz o mesmo, tendo em vista a necessidade da reprodução fiel das citações utilizadas na análise proposta.

ditos “homens-sábios” da sociedade norte-americana da época. É nessa troca de idéias que o conhecimento de cada uma das partes é questionado. Tudo isso, com a intenção de mostrar o quão pouco o homem teria evoluído desde seus primórdios.

Para Poe, admirador do progresso, mas crítico de seu tempo, projetos semelhantes aos do homem daquela época já existiam há muito. Coube aos estudiosos do século XIX apenas o seu desenvolvimento, que muitas vezes, a seu ver, deixou a desejar.

Ao ser tomada como objeto de estudo, a múmia – Allamistakeo –, após algum tempo diante dos olhos curiosos de alguns doutores da ciência, revive – graças a descargas elétricas, bem como o fez Dr. Frankenstein, personagem de Mary Shelley, com seu monstro, na obra de mesmo nome, publicada em 1818 –, exigindo explicações com relação à conduta de seus examinadores. A partir desse momento Poe inverte os papéis, colocando os grandes homens da ciência em posição inferior, uma vez que são interrogados e, a múmia, como autoridade, na medida em que é ela quem realiza as primeiras interrogações. Tem-se, então, o antigo questionando o novo, ou ainda, o objeto fazendo indagações ao sujeito.

Após ouvir as inúmeras perguntas com referência ao tratamento que haviam dispensado à múmia Allamistakeo, o grupo de estudiosos, entre eles Doctor Ponnonner, coordenador das investigações, mostra-se tomado pelo medo: “[...] upon hearing this speech under the circumstances, we all either made for the door, or fell into violent hysterics, or went off in a general swoon”.<sup>22</sup> Com relação a tão covarde atitude, justifica o narrador-personagem que ele e seus colegas não teriam se deixado atemorizar não

---

<sup>22</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.454.

Tradução: “[...] ao ouvir tal discurso, naquelas circunstâncias, todos nós corremos para a porta, ou caímos em violentos ataques histéricos, ou mesmo desmaiamos todos”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.599).

fosse o “espírito daquele tempo”, o qual, nas palavras da personagem “[...] proceeds by the rule of contraries altogether, and is now usually admitted as the solution of every thing in the way of paradox and impossibility”.<sup>23</sup> Com efeito, a regra havia sido invertida: o objeto de especulação tornava-se especulador, deixando transparecer sinais de que nem mesmo o homem poderia imaginar quais seriam os limites dessa nova ordem que procurava, incessantemente, a solução para todos os paradoxos e impossibilidades.

Para compreender a atitude de tão pouca estima do escritor norte-americano para com os intelectuais – escritores, cientistas, filósofos, etc. – da época, é preciso ter consciência do ressentimento de Poe com a sociedade de seu tempo. Sua obra não era vista com bons olhos pelos seus conterrâneos e isso, provavelmente, seria sempre motivo para que o escritor não deixasse passar nada com relação aos seus colegas estudiosos. Por que Poe iria estimular a vaidade desses homens se, ao seu ver, não passavam de indivíduos medíocres que não conseguiam enxergar a grandeza que seu trabalho alcançava? Essa idéia vem à tona quando se percebe a mágoa que está nas entrelinhas de alguns escritos de Poe, como em algumas cartas, artigos críticos e, até mesmo, no conto em análise.

Poe prossegue com seu deboche quando afirma seu narrador-personagem que, após algumas constatações com relação a Allamistakeo, “the conversation soon grew animated”.<sup>24</sup> Ou seja, agora é que a festa começa para o escritor, uma vez que a situação da “ciência” passa a tornar-se ainda mais constrangedora.

---

<sup>23</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.454.

Tradução: “[...] procede totalmente de acordo com a regra dos contrários e é agora usualmente admitida como solução de todos os paradoxos e impossibilidades”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.599-600).

<sup>24</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.456. Tradução: “a conversa em breve se animou”. (POE,



A primeira curiosidade dos sábios representantes do século XIX, figuras centrais da tão em voga disciplina, deu-se com relação à possibilidade de a múmia, de pouco mais de setecentos anos, estar viva. Queriam saber os cientistas como *eu* antepassado havia permanecido tanto tempo envolto em substância asfáltica (betume: substância escura e viscosa usada como impermeabilizante). Sobre tal dúvida, responde a múmia que até tem uma vaga noção a respeito do que se refere o especialista, mas que não se tratava de asfalto a matéria que a envolvia, mas sim de bicloreto de mercúrio: “I have some faint notion of what you mean; it might be made to answer, no doubt, – but in my time we employed scarcely any thing else than the Bichloride of Mercury”.<sup>25</sup> Aqui está o primeiro indício de que o homem moderno ainda teria muito que aprender com as civilizações antigas. Essa é a idéia que Poe parece querer disseminar quando mostra que os cientistas não têm conhecimento da mistura na qual a múmia está envolta.

Ainda assim, os estudiosos mostram dificuldade em compreender *como* a múmia poderia estar viva. De imediato Allamistakeo reage afirmando que se não entendem é porque, diferentemente de seu povo, conhecem pouco, também, sobre galvanismo: “[...] I perceive you are yet in the infancy of Galvanism, and cannot accomplish with it what was a common thing among us in the old days”.<sup>26</sup>

Em ambos os excertos mencionados, Poe não somente deixa transparecer a opinião de que o homem moderno deve suas conquistas aos povos antigos, mas que, em

Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.601).

<sup>25</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984]. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.456.

Tradução: “Tenho uma fraca noção do que o senhor quer dizer! Decerto, isso poderia dar resultado, mas no meu tempo empregava-se raramente outra coisa que não fosse o bicloreto de mercúrio”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.602).

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p.456.

Tradução: “[...] percebo que os senhores estão ainda na infância do galvanismo e não podem realizar com ele o que era coisa comum entre nós, antigamente”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.602).

alguns casos, os cientistas não teriam ainda nem alcançado determinadas competências que, para os egípcios, conforme relata Allamistakeo, já eram bastante comuns.

Levando adiante a conversa, explica a múmia que a prática de embalsamamento era usual entre os seus e declara supor que os especialistas tenham conhecimento de tal processo. Tropeçando nas palavras, responde o coordenador do grupo, Doctor Ponnonner, que não o conhecem totalmente, ao que replica a múmia com firmeza: “Ah, I perceive;-a deplorable condition of ignorance!”.<sup>27</sup> Reproduzindo a situação vexatória já observada anteriormente, Poe enfatiza seu sentimento de desdém para com o sistema estabelecido na época.

Destaca, ainda, a múmia, que seu povo já mostrava interesse em estudar a humanidade, ao dar-se conta de que com a técnica que haviam descoberto, a de embalsamamento, poderiam fazer com que o homem vivesse em etapas, verificando de que maneira ele se comportaria em cada uma das épocas em que lhe seria concedida novamente a vida<sup>28</sup>:

After the discovery of the embalming principle, as I have already described to you, it occurred to our philosophers that a laudable curiosity might be gratified, and, at the same time, the interests of science much advanced, by living this natural term in instalments.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.457.

Tradução: “Ah, percebo! Deplorável estado de ignorância!”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.602).

<sup>28</sup> Cabe mencionar que Poe introduz o fantástico nessa questão do embalsamamento. A múmia revive devido ao fato de ter sofrido, na ocasião do embalsamamento, de catalepsia. Assim, o indivíduo fora conservado em estado de morto-vivo. A partir dessa idéia seria possível fazer com que o homem fosse embalsamado e depois trazido novamente à vida quando desejado.

<sup>29</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.458.

Tradução: “Depois da descoberta do princípio do embalsamamento, como já descrevi aos senhores, ocorreu a nossos filósofos que se poderia satisfazer uma louvável curiosidade e, ao mesmo tempo, fazer avançar os interesses da ciência, vivendo-se esse termo natural a prestações”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.603).

Em face de tamanha ousadia, foram obrigados os estudiosos a concordar que o feito “[...] must have had, indeed, a strong tendency to the general development and conglomeration of knowledge”.<sup>30</sup>

Mas, nada contentes com a aparente superioridade de seus antepassados, os cientistas lançam uma série de interrogações, na tentativa de provar que, de alguma forma ou em algum momento, seriam eles mais brilhantes que seus colegas de tempos idos. Assim, como primeira indagação, a múmia é questionada a respeito da capacidade de calcular eclipses. Allamistakeo responde “com desdém” – enfatiza o narrador – que sim, que tal prática era habitual entre os seus. Imediatamente a seguir, pergunta a múmia aos cientistas se eles, os “modernos”, possuíam microscópios.

Sem condições de oferecer resposta à altura, o “miúdo” coordenador do grupo põe-se a falar como uma matraca, com a expectativa de encontrar algo superior aos tais microscópios mencionados por Allamistakeo, bem como colocar a ciência de sua época em melhor situação: “Look at our architecture! [...] regard for a moment the Capitol at Washington D.C.! [...]”.<sup>31</sup> Segundo o narrador-personagem, Doctor Ponnonner “explained that the portico alone was adorned with no less than four and twenty columns, five feet diameter, and ten feet apart”.<sup>32</sup> Contudo, ao término do

---

<sup>30</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.459.

Tradução: “[...] deve ter contribuído, na verdade, bastante poderosamente, para o desenvolvimento geral e acumulação do saber”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.605).

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, p.460.

Tradução: “Veja a nossa arquitetura! [...] contemple por um instante o Capitólio, em Washington, D.C.!”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p.460.

Tradução: “Explicou que só o pórtico estava adornado de não menos de vinte e quatro colunas, de um metro e meio de diâmetro e três metros de distância uma das outras”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

discurso, tratou a múmia, com a autoridade que lhe cabia, de revelar que, “talking of the porticos”<sup>33</sup>, havia à sua época um portal que

consisted of a hundred and forty-four columns, thirty-seven feet in circumference, and twenty-five feet apart. The approach to this portico, from the Nile, was through an avenue two miles long, composed of sphinxes, statues, and obelisks, twenty, sixty, and a hundred feet in height.<sup>34</sup>

Não aceitando a situação de desvantagem, Doctor Ponnonner solicita à múmia que externe sua opinião a respeito das estradas de ferro que o homem moderno havia construído, as quais já eram realidade no século XIX<sup>35</sup>. Como resposta, obteve um “nothing in particular”.<sup>36</sup> Isso posto, complementa Allamistakeo:

They were rather slight, rather ill-conceived, and clumsily put together. They could not be compared, of course, with the vast, level, direct, iron-grooved causeways upon which the Egyptians conveyed entire temples and solid obelisks of a hundred and fifty feet in altitude.<sup>37</sup>

Insistindo em querer “levar a melhor”, o cientista menciona a existência do aço, mas o estrangeiro, de nariz empinado, pergunta se o aço descoberto pelo homem

<sup>33</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.460.

Tradução: “[...] a propósito de pórticos [...]”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p.460.

Tradução: “[...] formado de cento e quarenta e quatro colunas de onze metros e meio. Chegava-se do Nilo a esse pórtico através duma avenida de duas milhas de extensão, formada de esfinges, estátuas e obeliscos, de seis, de dezoito, e de trinta metros de altura”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

<sup>35</sup> A Grã-Bretanha liderou o desenvolvimento ferroviário. Em 1830 ocorreu a inauguração da linha ferroviária entre Liverpool e Manchester.

<sup>36</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.461.

Tradução: “nada de particular”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p.461.

Tradução: “Eram um tanto fracas, um tanto mal projetadas e toscamente construídas. Não podiam ser comparadas, por certo, com as estradas vastas, planas, retas e raiadas de ferro, sobre as quais os egípcios transportavam templos inteiros e sólidos obeliscos, de quarenta e cinco metros de altura”. (POE, Edgar

moderno poderia ter esculpido os obeliscos que existiam à sua época. Segundo a múmia, trabalho árduo que os egípcios já realizavam com sucesso. Tal interpelação deixa o grupo em situação desconcertante, forçando a decisão de uma mudança de estratégia. Como uma das últimas tentativas de vencer a batalha do conhecimento, questionam a múmia acerca da metafísica: “We sent for a copy of a book [...] and read out of it a chapter or two about something which is not very clear, but which the Bostonians call the Great Movement of Progress”.<sup>38</sup> Sobre tal colocação, esclarece a múmia: “Great Movements were awfully common thing in his day, and as for Progress, it was at one time quite a nuisance, but it never progressed”.<sup>39</sup> Mais uma vez, vence Allamistakeo, e é através dele que Poe parece fazer questão de registrar que “grandes movimentos” ocorreram sim, mas na Antigüidade; que eles, estiveram estagnados durante a Idade Média e que parece não ter acontecido nada de realmente expressivo desde então.

Fica claro, através das inúmeras rebatidas de Allamistakeo, que Poe deseja colocar os cientistas de seu tempo no lugar que, segundo o escritor, lhes é merecido, ou seja, o de meros aperfeiçoadores de um conhecimento que há milênios já havia sido alcançado. Também, fazendo relação com o que já fora antes mencionado nesta pesquisa, percebe-se aqui a “alfinetada” de Poe nos estudiosos do norte do país, no caso, os bostonianos. É a eles que o narrador-personagem se refere ao fazer alusão ao grande

Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.606).

<sup>38</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.461.

Tradução: “Mandamos buscar um exemplar do livro [...] e lemos um capítulo ou dois a respeito dum assunto não bastante claro, mas que os bostonianos chamam de Grande Movimento do Progresso”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.607).

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p.461.

Tradução: “[...] Grandes Movimentos eram coisas excessivamente comuns no seu tempo e quanto ao Progresso, foi, em certo tempo, uma completa calamidade, mas jamais progredira”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.607).

movimento do progresso, presente no periódico trimestral *Dial*<sup>40</sup>, publicação que provinha do norte do país, provavelmente criticada por Poe em função das idéias nele veiculadas. O escritor utiliza-se do texto ficcional para, uma vez mais, expressar seus ideais.

Já se aproximando do final do conto, eis que surge a derradeira tentativa de superar as asserções da múmia. Para tanto, o cientista discorre sobre as maravilhas da democracia: “We then spoke of the great and importance of Democracy, and were at much trouble in impressing the Count with a due sense of the advantages we enjoyed in living where there was suffrage *ad libitum*, and no king”.<sup>41</sup> Com vaidade exacerbada, Doctor Ponnonner expõe as vantagens do sistema estabelecido por sua nação como sendo o melhor, deixando transparecer o julgamento de que, mesmo perdendo para seus antepassados em algumas categorias, nessa sua época era invencível.

Entretanto, findas as palavras do estudioso, conta a múmia uma estória, a qual teria acontecido há muito e possuía algo de muito semelhante com o “extraordinário” arranjo social, do qual tanto se orgulhava o cientista:

Thirteen Egyptian provinces determined all at once to be free, and to set a magnificent example to the rest of mankind. They assembled their wise men, and concocted the most ingenious constitution it is possible to conceive. For a while they managed remarkably well; only their habit of bragging was prodigious. The thing ended, however, in the consolidation of the thirteen states, with some fifteen of twenty

---

<sup>40</sup> Conforme os comentários de Harold Beaver, *Dial* tratava-se de uma publicação trimestral (Julho de 1840 – Abril de 1844) sobre literatura, filosofia e religião, porta-voz do movimento Transcendentalista, da Nova Inglaterra, o qual sempre foi, para Poe, alvo de críticas. In: POE, Edgar Allan. *The science fiction of Edgar Allan Poe*. Organização de Harold Beaver. London: Penguin Books Ltd., 1976, p.386.

<sup>41</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.461.

Tradução: “Falamos então da grande beleza e da importância da Democracia e muito nos esforçamos para fazer bem compreender ao conde as vantagens de que gozávamos em viver num país onde havia sufrágio *ad libitum* e não havia rei”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.607).

others, in the most odious and insupportable despotism that was ever heard of upon the face of the Earth.<sup>42</sup>

É nas entrelinhas que se verifica a crítica contundente de Poe a seu país e, sobretudo, à arrogância da sociedade da época, que tanto o desprezava. Mais uma vez observa-se o descontentamento do escritor sulista, muitas vezes em desacordo com os supostos “benefícios” do progresso, confundindo-se com a mágoa do não reconhecimento, sobretudo de seu trabalho intelectual.

Ao final do conto, Poe, como que num desabafo, atribui ao narrador-personagem a seguinte afirmação:

The truth is, I am heartily sick of this life and of the nineteenth century in general. I am convinced that every thing is going wrong. Besides, I am anxious to know who will be President in 2045. As soon, therefore, as I shave and swallow a cup of coffee, I shall just step over to Ponnonner's and get embalmed for a couple of hundred years.<sup>43</sup>

Em primeiro lugar, convém dizer, uma vez mais, que o escritor, por pensar muito à frente de seu tempo – ter vivido no sul dos Estados Unidos não fazia dele um homem “inocente”, desinformado; ao contrário, sempre esteve muito atento aos acontecimentos de sua época e em alguns momentos até mesmo questionava o progresso incontrolado –, conseguia enxergar o que era realmente mérito do homem da

---

<sup>42</sup> POE, Edgar Allan. Some words with a mummy. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.461.

Tradução: “Treze províncias egípcias resolveram tomar-se imediatamente livres e dar assim um magnífico exemplo ao resto da humanidade. Reuniram-se seus sábios e cozinham a mais engenhosa constituição que é possível conceber-se. Durante algum tempo, as coisas correram admiravelmente bem, somente que seu costume de jactar-se era prodigioso. A coisa acabou, porém, com a consolidação dos treze estados, com mais quinze ou vinte outros, no mais odioso e insuportável despotismo de que jamais se ouviu falar na superfície da Terra”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.607).

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p.462.

Tradução: “A verdade é que estou nauseado, até o mais íntimo, desta vida e do século dezenove em geral. Estou convencido de que tudo vai indo de pernas viradas. Além disso, estou ansioso por saber quem será o presidente, em 2045. Portanto, logo que acabar de barbear-me e de tomar uma xícara de café, irei até a casa de Ponnonner fazer-me embalsamar por uns duzentos anos”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa*,

modernidade e o que fora aproveitado a partir do que os antecessores dos seus contemporâneos haviam já desenvolvido. O que Poe parecia não aceitar era a empáfia de seus “colegas” em vangloriar-se de algo que não havia sido criado por eles. Quando se diz “cansado” do século XIX, ele está provavelmente cansado de ver menosprezada sua obra. Essa, sim, realmente *sua*.<sup>44</sup> Quando, através de seu personagem-narrador, diz estar convencido de que tudo está às avessas, é possível que esteja se referindo ao que há de *errado* com o progresso – talvez, seu avanço desenfreado, aquele que não vê o que, ou quem está a sua frente, mas que destrói, subjuga, domina.

Talvez essa idéia fique clara e possa ser comprovada ao se tomar conhecimento de um determinado fato para o qual Poe chama a atenção e que Charles Baudelaire insere em suas notas sobre o escritor. Segundo o escritor francês, são palavras de Poe: “The world is infested just now by a new sect of philosophers, not yet suspected of forming a sect, and who consequently have no name. They are *Believers in Worn-Out Ideas*”.<sup>45</sup> Esses “filósofos” são os transcendentalistas que atuavam, sobretudo, nos estados do norte. A crítica tem como alvo tal movimento, o qual se ocupava com idéias já exaustivamente discutidas. Essa atitude, segundo Poe *apud* Baudelaire, consistia, em bom português, em “fazer chover no molhado”. Ainda nesse

---

*poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.608).

<sup>44</sup> É importante mencionar que, sendo este um trabalho que tem como base as teorias da Literatura Comparada – entre elas a da *Intertextualidade*, para a qual um texto nunca é novo, mas sim um mosaico de citações, no qual a originalidade está em tratar de um tema, de um personagem, etc, de forma diferente, sob uma perspectiva nova – não há como não registrar o possível erro que Poe cometia. Se, por um lado, realmente, conforme acredita esse estudo, o escritor criticava seus contemporâneos (cientistas, pesquisadores, etc.) por utilizarem conhecimentos já aplicados por civilizações pré-existentes para alavancar estudos de seu tempo, por outro, não percebia que fazia o mesmo ao escrever seus textos. Sabe-se que Poe fora influenciado por escritores que o precederam e que, também, suas leituras acabavam por modificar seu intelecto. Assim, Poe, provavelmente, escrevia sobre temas anteriormente tratados por outros escritores, o que não desvalorizava sua obra; muito pelo contrário, sua maneira única de lidar com o assunto tornava-os originais.

<sup>45</sup> BAUDELAIRE, Charles. New notes on Edgar Poe. In: POE, Edgar Allan. The unknown Poe. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980, p.96. Tradução: “Agora, o mundo está tomado por uma nova seita de filósofos. Não ainda suspeitos de formar uma seita, não possuem nome. Eles são aqueles que acreditam em idéias já esgotadas”. Tradução minha.



mesmo texto, Baudelaire evoca as palavras de Poe, que afirma ter lido em um jornal (provavelmente no *Dial*):

*The unceasing progress of science has very recently allowed us to rediscover the long lost secret (Greek fire, the tempering of copper, any old mystery of the ages) of which the most successful practice dates back to a barbarous and very ancient epoch!!!*<sup>46</sup>

O periódico fala de um “segredo perdido”, cuja redescoberta seria de grande valor para o homem do século XIX. Mesmo tendo consciência de que, como se pode perceber, os cientistas reconheciam certas práticas como sendo já de conhecimento de outras civilizações, ainda assim, Poe *apud* Baudelaire os critica, dizendo:

*Voilà, a sentence that can be called a real find, a startling discovery even in a century of unceasing progress; but I believe that the mummy Allamistakeo would not have missed a chance to enquire, with a suave and discreet tone of superiority, if it were not also through the grace of unceasing progress – fatal and irresistible law of progress – that this famous secret was not lost in the first place.*<sup>47</sup>

Poe lança a questão: afirmam os “filósofos” que o progresso permite redescobrir antigos segredos, mas não teria sido o próprio *progresso incessante* o responsável pela perda desses segredos? Não teria sido o avassalador desejo de progredir que teria feito com que o homem não percebesse o que já tinha em mãos? Ironicamente, acrescenta a esse fato real a afirmação de que sua personagem ficcional,

---

<sup>46</sup> BAUDELAIRE, Charles. New notes on Edgar Poe. In: POE, Edgar Allan. The unknown Poe. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980, p.97.

Tradução: “O incessante progresso da ciência tem nos permitido, recentemente, redescobrir grandes segredos perdidos (fogo grego, o tratamento térmico do cobre, qualquer antigo mistério de outras épocas), os quais a prática de maior sucesso data dos bárbaros e de épocas muito antigas!!!” Tradução minha. Grifos do autor.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*

Tradução: “*Veja*, uma afirmação que pode ser chamada de um real achado, uma descoberta repentina mesmo em um século de progresso incessante; mas acredito que a múmia Allamistakeo não teria perdido a chance de perguntar, com um tom suavemente discreto de superioridade, se não teria sido por causa do *incessante* progresso – fatal e irresistível lei do progresso – que esse famoso segredo foi perdido”. Tradução minha. Grifo do autor.

Allamistakeo, não teria deixado passar em brancas nuvens o fato em questão. Segundo ele – e a múmia realmente o faz –, a personagem teria investigado a questão com ar superior, deixando claro o quão pouco inteligente fora o homem ao, em função de sua intransigência, não considerar a sabedoria de seus antepassados.

*The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade* and *Some Words with a Mummy* são apenas dois exemplos que servem como prova de que o posicionamento de Poe acerca do progresso que figurava no século XIX está presente na sua obra e de que forma esse pensamento está representado. Certamente, existem outros contos, como o já mencionado *The System of Doctor Tarr and Professor Fether* e outros como *The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaal*, de 1835. No entanto, seria inviável analisá-los todos, uma vez que tornaria a pesquisa por demais extensa, não havendo espaço para as demais investigações e posterior análise comparatista.

Assim sendo, o próximo passo deste estudo será em direção aos demais escritos de Poe, sem dúvida fundamentais para o conhecimento integral e aprofundado do trabalho do escritor.

### **3.2 Realidade e ficção: os *essays* de Poe**

Dentre os inúmeros textos que Poe deixou como herança à civilização moderna, há que se reconhecer que parte deles é de difícil enquadramento com relação ao gênero literário. Não se trata *especificamente* de contos, nem de novelas, nem de poemas e, muito menos, de romances. São textos que refletem o comportamento da sociedade da época, bem como o olhar de Poe acerca de questões voltadas para o campo

da ciência e de tudo que o envolve. Entre eles estão *Eureka*, bem como alguns textos<sup>48</sup> publicados em periódicos que circulavam na América do Norte durante o século XIX, como *The Daguerreotype*, *The Rail-Road War* e *Street-Paving*.

Convém recordar, mais uma vez, que durante sua breve carreira como escritor, Poe trabalhou como redator nos jornais da época: em 1835, no *Southern Literary Messenger*; em 1839, no *Gentleman's Magazine*; em 1841, no *Graham's Magazine*. Em 1844, passa a escrever para o *Evening Mirror*, em 1845 torna-se redator-chefe do *Broadway Journal* e, por fim, em 1846, publica textos no *Lady's Book*, de Nova Iorque.

Como forma de ganhar seu sustento, Poe escreve uma pluralidade de textos, os quais giram em torno de temas cotidianos, em geral, de interesse do escritor. Paralelamente aos escritos que eram efetivamente publicados, o escritor fazia anotações, “pensamentos íntimos e reflexões sobre arte, psicologia, filosofia, poesia, criação literária, que Poe ia redigindo e subordinara ao título de *Marginalia*”.<sup>49</sup> Raymond Foye afirma que *Marginalia* é um caderno de anotações, o qual Baudelaire *apud* Foye afirmava ser “the secret chambers of his mind”.<sup>50</sup>

Além de certa inovação no que diz respeito à tipologia textual, os trabalhos acima elencados apresentam – assim como os contos – inovação temática. A *ciência* e tudo que está ligado a ela passam a ser abordados – quando não tema central – nos escritos de Poe.

---

<sup>48</sup> São muitos os textos de Poe que possuem tais características. No entanto, para a análise proposta, fez-se um recorte que privilegiasse a maior ocorrência do tema em questão, a saber, os avanços científicos e tecnológicos. Os textos selecionados para a presente pesquisa encontram-se anexos.

<sup>49</sup> MENDES, Oscar. Nota preliminar. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.967.

<sup>50</sup> FOYE, Raymond. Preface. In: POE, Edgar Allan. *The unknown Poe*. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980, p.7.

Em *Eureka*<sup>51</sup>, obra que possui como subtítulo “an essay on the material and spiritual universe”<sup>52</sup>, Poe, já nas primeiras linhas, esclarece suas intenções com relação ao tema que será discutido: “I design to speak of the *Physical, Metaphysical and Mathematical – of the Material and Spiritual Universe; – of its Essence, its Origin, its Creation, its Present Condition and its Destiny*”.<sup>53</sup> Falar sobre a essência, a origem, a criação e sobre o destino do universo é discorrer sobre uma das questões mais complexas relacionadas à ciência. Não é tarefa simples. Poe, no entanto, parece tê-la realizado com o prazer de quem escreve um poema. Fez uso de uma energia já quase esgotada, mas o fascínio pelo tema e também a crença de que sua obra faria, *sim*, diferença para a humanidade, fez com que levasse o trabalho, mesmo que complicado, até o fim. Conforme os apontamentos de Julio Cortázar<sup>54</sup>, tanto se dedicou à *Eureka* que, após findá-la, afirmou não ter vontade de viver, acrescentando ainda que não conseguiria escrever mais nada após a produção de tal texto. Junto com esse desgaste, a satisfação e o orgulho do escritor pelo feito intelectual. Segundo Poe *apud* Beaver, o escritor americano acreditava ter desvendado um grande segredo: “I have solved the secret of the universe”.<sup>55</sup> Com base nessa afirmação, é possível imaginar a magnitude que o escritor atribuía a seu trabalho.

---

<sup>51</sup> POE, Edgar Allan. *The science fiction of Edgar Allan Poe*. Organização de Harold Beaver. London: Penguin Books Ltd., 1976.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, p.211.

Tradução: “um ensaio sobre o universo material e espiritual”. (POE, Edgar Allan., *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.21).

<sup>53</sup> *Idem, ibidem*.

Tradução: “Proponho-me a falar do Universo Físico, Metafísico e Matemático; do Universo Material e Espiritual; de sua Essência, sua Origem, sua Criação; de sua Condição Presente e de seu Destino”. Grifo do autor. (POE, Edgar Allan., *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.21).

<sup>54</sup> CORTÁZAR, Julio. Prólogo. In: POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.13.

<sup>55</sup> BEAVER, Harold. Commentary. In: POE, Edgar Allan. *The science fiction of Edgar Allan Poe*. Organização de Harold Beaver. London: Penguin Books Ltd., 1976, p.396.

Julio Cortázar enfatiza ainda que “sua atitude ao terminar a obra é a de um desequilibrado; e a prova disso é sua convicção de ter escrito um livro revolucionário, superior a todas as conjeturas cosmogônicas passadas e presentes [...]”.<sup>56</sup>

Nas palavras de Oscar Mendes, “na verdade, trata-se de um misto de intuição poética e de idéias cosmogônicas de Newton e Laplace, de ‘uma divagação inspirada pelas descobertas científicas recentes sobre a eletricidade e o magnetismo’”.<sup>57</sup> *Eureka* é isso: questões ligadas à *ciência* vistas pelo olhar do *poeta*. É importante lembrar que, apesar de ter como objeto de análise questões relacionadas à ciência, não se trata de um texto puramente científico. Segundo Cortázar, “não é nesses setores que se deve procurar a razão da sobrevivência de *Eureka* [...]. Na verdade, quem continua obstinadamente a julgar *Eureka* por seu valor científico comete o mesmo erro de Poe [...]”.<sup>58</sup> De acordo com o escritor argentino, Poe teria cometido um engano ao acreditar no valor científico de sua obra. Em parte, talvez Cortázar tenha razão. No entanto, quando Poe dedica seu ensaio “àqueles que sentem, mais do que àqueles que pensam”, pode-se inferir que não estava de todo enganado, na medida em que somente aqueles que sentem são capazes de compreender e se deixar envolver pela *poesia* de *Eureka*. A esses leitores, Poe apresentou seu texto como um produto de arte, caindo por terra, então, a hipótese de que Poe pensara ter escrito algo *puramente* científico.

Também há que se mencionar o fato de que, não diferentemente do tratamento dado aos seus contos, em *Eureka*, há a existência da verdade. Reais são suas proposições acerca das teorias de Kepler, Newton e Laplace. Ficcionalis, provavelmente, são suas colocações sobre o surgimento do universo, bem como sobre seu

---

<sup>56</sup> CORTÁZAR, Julio. Prólogo. In: POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.10.

<sup>57</sup> MENDES, Oscar. Nota preliminar. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p.966.

<sup>58</sup> CORTÁZAR, Julio. Prólogo. In: POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.12.

desaparecimento. Segundo o próprio Poe, a Verdade de *Eureka* brota da sua Beleza e, por essa razão – pelo fato de essa verdade provir do belo – pode-se crer verdadeira.

Independentemente de classificá-la como poesia, como romance ou, ainda, como texto de caráter científico, deve-se olhar para *Eureka*, a propósito do objetivo desta pesquisa, como obra literária, através da qual é possível reconhecer as nuances do comportamento social do tempo em que viveu Poe, ou seja, do século XIX, bem como o olhar do escritor sobre tudo isso.

Assim, visto que, como em sua obra contística, Poe trabalha movimentando-se entre verdade e ficção, verifica-se, também através da leitura de *Eureka*, que se podem encontrar rastros da visão do escritor sobre as questões que envolvem reflexões acerca da matéria científica. Isso prova, uma vez mais, que através do texto literário – e *Eureka*, conforme mencionado anteriormente, é um texto literário e não científico – é possível conhecer o pensamento e o comportamento de uma época.

Segundo Julio Cortázar<sup>59</sup>, o texto de Poe foi recebido, à época, com desconfiança pelos homens da ciência. Pode-se inferir então que, naquele período – e não poderia ser diferente, pois em pleno século XIX a ciência fazia questão da comprovação das teses que eram lançadas no meio intelectual através da prática – conforme já mencionado no capítulo segundo deste estudo – da observação e registro preciso dos resultados dos experimentos – já não se dava mais crédito a proposições sem fundamentos precisos. Era necessário que as teorias fossem comprovadas cientificamente. Assim, pode-se afirmar que o texto *Eureka* funciona como metalinguagem, na medida em que, ao mesmo tempo em que se pode conhecer, através da leitura do texto, o pensamento da época, pode-se também observar, através da

---

<sup>59</sup> CORTÁZAR, Julio. Prólogo. In: POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986, p.12.

recepção da própria obra pelos contemporâneos de Poe, como funcionava a questão do pensar e do fazer ciência.

Isso posto, é preciso enfatizar que *Eureka* foi a “última cartada” do escritor na luta pelo reconhecimento de sua obra. Sem nunca desistir de ver seu trabalho reconhecido – não apenas como um *bom* escritor, mas como um *grande* escritor – Poe, que tanto ridicularizou seus contemporâneos, como o fez no conto *Some Words with a Mummy*, escreve *Eureka* para dar um fim a qualquer dúvida que ainda poderia existir a respeito de sua competência e genialidade. Com *Eureka*, deixa evidente que seu conhecimento científico e sua capacidade de reflexão acerca de tema tão difícil eram muito maiores do que os de qualquer cientista da época. Se não tivesse partido, poderia, com isso, ter zerado seus ressentimentos e, poderia, talvez, ter tido a chance de revelar seu lado otimista com relação aos trabalhos da ciência, visto que, não há dúvidas, esse existia, mas estava adormecido em função do forte ressentimento que parecia guardar dentro de si e que, conforme já exposto anteriormente, acabava resultando em críticas e descrédito para com os trabalhos que, então, vinham se desenvolvendo na área, durante aquele século.

Dando andamento à análise dos escritos de Poe, é imprescindível que se fale de alguns textos publicados nos periódicos da época. Neles, o escritor discute, critica e emite opinião sobre assuntos cotidianos, entre eles, os avanços da ciência e da tecnologia.

Assim como é novidade a temática dos textos, também a estrutura que elege para tratar dos temas escolhidos, revelava-se inovadora. Poe, provavelmente, estava produzindo crônica (em inglês, *essay*)<sup>60</sup>, no sentido em que a compreendemos hoje.

---

<sup>60</sup> Segundo Peter Burke, o termo *essay* significa um escrito de dimensões reduzidas, ligeiro e possivelmente superficial, uma expressão de opinião que não se baseia em pensamento rigoroso nem pesquisa extensiva, uma discussão de um tópico que pode parecer trivial, um estudo fácil de ler e também

Seus escritos revelam significativa habilidade em manifestar opinião sobre assuntos do dia-a-dia, entre eles a ciência, seus avanços e, também, os problemas que, com ela, se apresentavam à sociedade, configurando-se, paralelamente, em mais uma oportunidade para Poe expressar suas concordâncias e suas incompatibilidades para com as questões de tal natureza.

Conforme os apontamentos de Jorge de Sá<sup>61</sup>, os quais serão retomados no quarto capítulo deste estudo, quando serão examinadas as crônicas de Machado de Assis, o princípio básico da crônica é registrar o circunstancial. Poe procede dessa maneira em escritos como *Street-Paving*, no qual discute a importância da pavimentação das ruas, e *The Rail-Road War*, texto que aborda a briga entre uma grande companhia construtora de ferrovias e proprietários de moradias situadas próximas a tais obras. De mesma natureza é *The Daguerreotype*, uma vez que registra a descoberta do daguerreótipo, instrumento que deu origem, posteriormente, à máquina fotográfica.

Considerando a definição de *crônica*, formulada por Jorge de Sá<sup>62</sup>, como sendo um gênero ambíguo, um texto leve, econômico no que tange ao espaço gráfico, mas de grande riqueza estrutural, no qual está inserida a visão crítica do escritor, que trata de temas do cotidiano e, por fim, que focaliza o humano, dando vida ao texto, pode-se inferir que Poe, provavelmente, escrevia crônicas.

Em *Street-Paving*<sup>63</sup>, Poe escolhe como tema central uma prática da época que representa o avanço científico e tecnológico – a saber, a pavimentação das ruas – daquele momento histórico. De quebra, critica o atraso do homem com relação à

fácil de escrever, produzido para uma determinada ocasião. (BURKE, Peter. *Um ensaio sobre ensaios*. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br>>. Acesso em: 1º mai. 2006).

<sup>61</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.6.

<sup>62</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>63</sup> POE, Edgar Allan. *Street-Paving*. *Broadway Journal*, p.241-242, Mar.19, 1845. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.



construção de estradas. Segundo ele: “There is, perhaps, no point in the history of the useful arts more remarkable than the fact, that during the last two thousand years, the world has been able to make no essential improvements in road-making”.<sup>64</sup> Ainda em tom de censura e retomando o posicionamento que deixa transparecer em seus contos, não desiste de lembrar o leitor de que a pavimentação era algo que os antigos, há milênios, já utilizavam:

[...] although of late, universal attention has been directed to the subject, and experiment after experiment has been tried, exhausting the ingenuity of all modern engineers, it appears that we have at least settled on a result which differs in no material degree, and in principle not at all, from that which the Romans attained [...].<sup>65</sup>

Também, em *The Daguerreotype*<sup>66</sup>, a composição de seu texto gira em torno da invenção do daguerreótipo. Para Poe, essa teria sido uma das mais importantes descobertas da ciência moderna: “The instrument itself must undoubtedly be regarded as the most important and perhaps the most extraordinary triumph of modern science”.<sup>67</sup> É através de textos como esse – com uma atmosfera positiva – que é possível inferir que as críticas de Poe aos cientistas e suas descobertas tinham outro motivo, o qual não se resumia apenas em não aceitar o progresso. Sua divergência – além da preocupação com as conseqüências do avanço desenfreado –, como já dito anteriormente, aparenta ser de

---

<sup>64</sup> POE, Edgar Allan. Street-Paving. *Broadway Journal*, p.241-242, Mar.19, 1845. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

Tradução: “Talvez, não exista, na história das artes úteis, fato mais extraordinário: durante os últimos dois mil anos o mundo ter sido capaz de produzir melhoramentos pouco essenciais no que diz respeito à construção de estradas”. Tradução minha.

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*.

Tradução: “[...] apesar do atraso, a atenção universal tem sido direcionada para o tema e experimentos após experimentos têm sido realizados, exaurindo a habilidade dos engenheiros modernos, parecendo que nós, por fim, teríamos alcançado um resultado, o qual não difere em nível material, nem em relação ao princípio em si, daqueles alcançados pelos Romanos [...]”. Tradução minha.

<sup>66</sup> POE, Edgar Allan. The daguerreotype. *Alexander’s Weekly Messenger*, p.2, Jan.15, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

<sup>67</sup> *Idem, ibidem*.

Tradução: “O instrumento deve, sem dúvida, ser visto como o mais importante e, talvez, o mais extraordinário triunfo da ciência moderna”. Tradução minha.

fundo pessoal. Por essa razão, em alguns momentos Poe parece baixar suas armas, deixando-se revelar através de um pensamento que se mostra compatível com o verdadeiro homem da modernidade que era.

No último, mas não menos importante texto de Poe a ser aqui analisado, *The Rail-Road War*<sup>68</sup>, diferentemente do discurso analisado anteriormente, o escritor, além de abordar a questão do progresso a partir de uma situação circunstancial – a briga entre os moradores de um distrito americano e uma companhia construtora de estradas de ferro – deixa, nas entrelinhas, marcas de sua crítica atroz ao comportamento da sociedade. Conforme aponta Sá:

a construção de um texto equivale à construção de uma casa: cada frase, cada silêncio onde reside a significação a ser descoberta pelo leitor é uma espécie de quarto onde o cronista guarda os seus segredos e a sua solidão.<sup>69</sup>

Inseridos em seus textos estão seus segredos e seu constante sofrimento, quase sempre solitário. Poe já inicia seu texto com ironia: “During the last ten days, or thereabouts, the sober inhabitants of the District of Kesington have been all alive with a *delightful little war* [...]”<sup>70</sup>. Desde quando uma guerra pode ser prazerosa? Parece que para Poe era, ao mesmo tempo que uma preocupação, um deleite ver os homens se destruindo em nome do progresso. E prossegue sua escrita, tentando explicar a situação, mas sempre parecendo estar com um riso contido na face: “The Philadelphia and Trenton Rail-road Company had received permission, *it seems*, from one of our judicial tribunals, to lay their rails in Front street, but *could not obtain the consent of the*

---

<sup>68</sup> POE, Edgar Allan. The rail-road war. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Mar.18, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

<sup>69</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.17.

<sup>70</sup> POE, Edgar Allan. The rail-road war. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Mar.18, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005. Tradução: “Durante os últimos dez

*property holders of the region*".<sup>71</sup> Sá aponta, em sua obra sobre a crônica, que o escritor que trabalha com esse gênero, muitas vezes faz do riso "um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade".<sup>72</sup> É exatamente isso que Poe faz no texto ora em análise. Examina o comportamento humano em sociedade, o qual, na maioria das vezes, mostra-se difícil.

Poe dá a impressão de querer "botar lenha na fogueira" quando afirma que a companhia *parece* ter recebido a autorização judicial, mas que *não teria recebido a dos proprietários*, talvez a mais importante. Em decorrência de tal discordância, instala-se uma briga que é levada até o fim pelos dois lados. Após ataques, mobilizações e muitas discussões, não somente nas ruas mas também nos tribunais, segundo Poe, a justiça dá ganho de causa aos moradores, suspendendo o prosseguimento dos trabalhos. Poe, ao encerrar seu texto, parece satisfeito com o resultado da disputa:

An announcement of the Company's submission was duly made by the Sheriff to the mob, who first raised an uproarious shout of triumph, and then dispersed in high glee. Thus ended the great rail-road war.<sup>73</sup>

A vitória do povo, ou seja, dos não poderosos, contra os que têm poder é o que está por trás do contentamento de Poe. Difícil acreditar que o escritor americano fosse contra a construção de estradas de ferro, as quais poderiam contribuir, e muito,

dias, ou aproximadamente isso, os sábios habitantes do Distrito de Kesington têm convivido com uma *prazerosa pequena guerra* [...]". Tradução minha. Grifos meus.

<sup>71</sup> POE, Edgar Allan. The rail-road war. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Mar.18, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

Tradução: "A Companhia de estradas de ferro Philadelphia e Trenton, *parece*, ter recebido permissão, de um dos nossos tribunais de justiça para construir suas estradas na rua principal, mas *não poderia ter recebido o consentimento dos moradores proprietários da região*". Tradução minha. Grifos meus.

<sup>72</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.23.

<sup>73</sup> POE, Edgar Allan. The rail-road war. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Mar.18, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

Tradução: "Um anúncio da submissão da companhia foi devidamente feito pelo xerife à multidão, a qual foi a primeira a proferir um hilariante grito de triunfo, dispersando-se com grande alegria. Assim, terminou a grande guerra da estrada de ferro". Tradução minha.

para o desenvolvimento da nação. Poe dá mostras de que é a favor do progresso, e o texto sobre o daguerreótipo é um bom exemplo disso.

Para Jorge de Sá, a crônica configura-se como “um brevíssimo instante, onde se oculta a complexidade das nossas dores e alegrias, protegidas pela máscara da banalidade”.<sup>74</sup> Por isso, acredita-se que é sobre o comportamento humano que Poe está falando. Refere-se àquele mesmo comportamento que sentiu “na pele”, quando ele mesmo e sua obra foram desprezados pelos seus colegas contemporâneos.

De qualquer maneira, importa enfatizar que Poe utiliza-se de um acontecimento extremamente pontual e que envolve justamente o tema do desenvolvimento da ciência e da tecnologia na sociedade do século XIX, foco deste estudo.

Muitos outros textos com características semelhantes poderiam ser investigados. Contudo, os que aqui foram estudados oferecem uma boa amostra do posicionamento de Poe frente às descobertas científicas. Na maioria das vezes, Poe mostra-se pessimista com relação ao progresso, mas pode-se concluir que tal desacordo não se refere aos avanços em si. É preciso entender que através dessa questão Poe tenta obter desforra de seus contemporâneos, que tanto o desrespeitaram, não dando valor a sua obra. Também fica evidente a existência de uma idéia dominante no ponto de vista do escritor e que diz respeito ao progresso desenfreado e suas possíveis conseqüências negativas.

Paralelamente a isso tudo, verifica-se que é possível, sim, através de textos literários – contos, ensaios, crônicas –, conhecer o que se passou, o que pensou e como se comportou a humanidade em tempos remotos.

---

<sup>74</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.12.

Por fim, tendo em vista que os três textos observados tratam de temas do cotidiano da época, abordam o comportamento humano e estão carregados com a visão crítica de Poe – características do gênero crônica, segundo Jorge de Sá<sup>75</sup> –, pode-se afirmar, uma vez mais que, provavelmente sem ter consciência, Poe antecipava a produção de textos denominados *essays*, os quais assumem equivalência com a crônica em sua concepção atual nos escritos da língua portuguesa. Quanto ao fato de esta categoria textual ser ou não um texto literário, pode-se adiantar que ela é sim, uma realização literária. As razões dessa importante afirmação serão expostas a seguir, quando da análise dos textos de Machado de Assis.

---

<sup>75</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005.

## 4 OS AVANÇOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

A não ser de setembro de 1878 a outubro de 1879, quando esteve doente, nunca, dos dezesseis aos cinquenta e oito anos, de 1855 a 1897 [...] deixou de colaborar regularmente na imprensa. E, em regra, escrevia para vários lugares ao mesmo tempo.<sup>1</sup>

Assim como Poe, Machado de Assis também foi permanente – salvo nos períodos de ausência em função dos cuidados com a saúde – colaborador da maioria dos jornais e revistas que circulavam no Brasil durante o século XIX (*O Espelho, Diário do Rio de Janeiro, Semana Ilustrada, O Futuro, Ilustração Brasileira, O Cruzeiro e Gazeta de Notícias, entre outros*), assinando inúmeras colunas, muitas vezes fazendo uso de pseudônimos. Entre elas: *Aquarelas, História de Quinze Dias, Notas Semanais, Balas de Estalo, Bons Dias!* e *A Semana*.

Escreviam, quando jovens ainda, Poe e Machado de Assis, para obter sustento. Com o passar dos anos, Machado de Assis adquire maturidade e reconhecimento, podendo dar-se ao luxo de escrever sem a pressão de obter retorno financeiro, até porque, em 1873, aos 34 anos de idade, o escritor já exercia o cargo de

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.211.

primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o que lhe conferia autonomia financeira. Convém lembrar que Poe, por sua vez, nunca conseguira atingir tal equilíbrio devido ao seu não reconhecimento<sup>2</sup>, bem como aos seus freqüentes descontroles emocionais – eis uma grande diferença entre os dois escritores.

Também, essas publicações que ocorriam em periódicos, além de serem comuns na época, eram importantes, pois acabavam “projetando” o escritor. Com Poe e Machado de Assis isso parece ter funcionado muito bem, afinal, *os leitores* da época receberam os textos dos escritores – suas histórias, suas críticas, entre outros escritos – ali constantes, de maneira muito positiva. Posteriormente, os textos, antes publicados nos periódicos, eram organizados, compilados e publicados em forma de livro, conquista essa muitas vezes árdua.

Mas, mesmo enfrentando dificuldades, em alguns momentos, muito parecidas – cada qual a seu tempo – tinham como desafio “criar” em meio a uma literatura em formação e, também, em meio aos obstáculos individuais de cada realidade. Machado de Assis sempre relutando contra sua origem e sua doença, e Poe sempre se debatendo contra a rejeição de sua pessoa e de sua obra. Mas, mesmo com as inúmeras asperezas que por vezes enfrentaram, ambos jamais desistiram de seus trabalhos, ainda que para isso tivessem que exercer a crítica em sua forma “ideal”, a qual, nas palavras do próprio Machado de Assis, deveria ser sincera, pouco importando

---

<sup>2</sup> É importante deixar claro que a “não aceitação” de Poe e de sua obra dava-se por parte dos literatos da época. Os leitores em geral apreciavam seus escritos, tanto que, as assinaturas, bem como a circulação dos jornais para os quais escrevia aumentaram significativamente, conforme afirma Hervey Allen, em seu estudo biográfico sobre o escritor: “As assinaturas do *Southern Literary Messenger* se multiplicaram. [...] Durante sua estada no jornal, a circulação deste aumentou de 700 para 3.500 exemplares, atraiu a atenção nacional e pode-se dizer que foi inicialmente devido a Poe que se tornou o periódico mais influente do Sul”. (ALLEN, Hervey. Vida e obra de Edgar Allan Poe. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965. p.28).

as simpatias ou antipatias dos outros, pois, “acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade [...]”.<sup>3</sup>

Pois é graças ao legado desses – ao fim e ao cabo – notáveis escritores que se pode hoje tecer inúmeras considerações sobre os acontecimentos da época, bem como o que pensavam eles com relação à maneira de refletir e de agir da sociedade do século XIX. E é justamente isso que busca, de uma forma mais específica, este estudo: verificar o posicionamento dos escritores, agora de Machado de Assis em especial, sobre os avanços da ciência e da tecnologia, tema relevante na época.

Para atingir esse objetivo e considerando a extensão da obra de Machado de Assis, propõe-se o estudo de algumas crônicas do escritor, bem como a análise de dois contos bastante oportunos para as demonstrações que se deseja realizar.

A decisão pelo maior número de crônicas deve-se ao fato de acreditar-se ser esse o lugar em que estão impressos, com maior número de ocorrências, bem como de forma mais evidente, os pensamentos do escritor brasileiro sobre o tema em questão. Assim, é a partir das crônicas reunidas na *Obra Completa* de Machado de Assis, organizada por Afrânio Coutinho e publicada pela Editora Nova Aguilar, em 2004, que este estudo procederá à análise proposta<sup>4</sup>. Também, serão analisados textos que, na referida edição encontram-se sob a denominação de *Miscelânea* e que, segundo Coutinho, trata-se de

trabalhos que fogem às características dos diversos gêneros tradicionais ou que misturam propriedades de vários: crônicas-artigos, narrativas em versos, cartas-abertas, etc., de natureza inclassificável, indefinível como gêneros puros. Receberiam a rubrica de “ensaios”,

---

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.799.

<sup>4</sup> Exceção ocorrerá com a análise das crônicas de 14 de junho de 1889, da série *Bons Dias!*, de 21 de maio de 1893 e de 6 de agosto de 1893, ambas da série *A Semana*, as quais serão realizadas a partir da seleção de Salete de Almeida Cara (ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Salete de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003. 406p.), uma vez que não constam na edição da Nova Aguilar.



tivesse a palavra em português o mesmo sentido que em inglês, sentido que também teria, nesse caso, a maioria de suas crônicas. Naquele idioma, ensaio significa uma peça curta, pessoal, flexível, inacabada, própria para dizer-se tudo, sem rigor conceitual. É o que são esses trabalhos de Machado de Assis.<sup>5</sup>

Dessa forma, serão observados os trabalhos que compõem a série *Aquarelas* – em especial *Os Fanqueiros Literários*, *O Empregado Público Aposentado* e *O Folhetinista* –, bem como as crônicas publicadas nas colunas *História de Quinze Dias*, *Notas Semanais*, *Balas de Estalo*, *Bons Dias!* e *A Semana*.

Em contrapartida, como que em caminhada oposta em relação à realizada com a obra de Poe, far-se-á o estudo dos contos *O Alienista* e *Conto Alexandrino*, comprovando que há também – mesmo que em número menor –, nos demais textos do escritor a marca da reflexão e de um posicionamento próprio acerca das questões da época, em especial as que envolviam a intensa atividade científica que então vigorava.

#### **4.1 O retrato dos avanços da ciência na crônica de Machado de Assis**

Antes de dar início à análise das crônicas de Machado de Assis é preciso que se observem, mais de perto, alguns aspectos a respeito desta categoria textual, com a intenção de comprovar sua posição lado a lado com textos ditos “maiores”, como o romance e o conto, entre outros.

Para tanto, é necessário que se proceda à desmistificação do conceito de “crônica”, através da percepção da existência não somente da reflexão jornalística ali presente, mas também da literariedade existente na categoria textual em questão.

---

<sup>5</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota editorial. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.1, p.17.

Segundo Massaud Moisés, “o vocábulo ‘crônica’ mudou de sentido ao longo dos séculos”<sup>6</sup>, chegando à Era Moderna, mais especificamente ao século XIX, com “personalidade literária”.

A crônica, como é entendida hoje, advém do *feuilleton*: “[...] *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o rez-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento”.<sup>7</sup> Em linhas gerais, era dessa forma que se caracterizava o *feuilleton* francês e é com os mesmos traços que o folhetim aterriza em terras brasileiras.

Num primeiro momento, o folhetim era uma “seção quase que informativa”, própria do meio jornalístico, na qual se encontrava inserido, e que tinha como fim maior informar os leitores sobre os acontecimentos do momento. Com o passar do tempo, começam a ser publicados romances nesse espaço, muitas vezes “em fatias seriadas”.<sup>8</sup>

A partir dessa transformação sofrida pelo folhetim, tem-se o encontro do Jornalismo com a Literatura, dando origem ao que hoje denomina-se *crônica*. Contudo, “[...] é importante considerar que são – Jornalismo e Literatura – duas atividades distintas, mas convergentes. Enquanto, no jornal, a intenção é meramente informativa, na Literatura conciliam-se o *aspecto imaginativo* e o jornalístico”.<sup>9</sup> Da mesma maneira pensa o estudioso John Gledson:

Temos que reconhecer que as crônicas não são puro jornalismo ou reportagem: são, como frequentemente se tem dito, um misto híbrido

---

<sup>6</sup> MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 110.

<sup>7</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.57.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p.59.

<sup>9</sup> MARTINS, Dileta A. P. Silveira. A crônica. In: \_\_\_\_\_. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. 1984. 352f. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 1984, p.11. Grifo meu.

de jornalismo e literatura, e, por essa razão, foram e são confiadas a pessoas cujos interesses fundamentais eram literários.<sup>10</sup>

Acrescenta ainda, o estudioso, um dado bastante importante para esta pesquisa. Segundo ele, “a existência de tais gêneros, sem sombra de dúvida literários, [...] permitiu aos escritores *experimentarem*, talvez *sem consciência do que estavam fazendo* [...]”.<sup>11</sup> Essa idéia vem corroborar o pensamento exposto no capítulo terceiro deste estudo, quando se afirma que, muito provavelmente, Poe já escrevia textos hoje conhecidos como crônicas, apenas não tinha consciência do que estava produzindo.

De qualquer modo, Jorge de Sá entende que “a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento daqueles que escreviam a sua história diária”.<sup>12</sup> Assim, os comentários de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, passam a ser examinados pelo ângulo da recriação do real.<sup>13</sup>

Dando seguimento à discussão a respeito da crônica, cabe registrar os apontamentos de Lúcia Miguel Pereira. Segundo ela, a imaginação do romancista – que é a mesma do cronista – traduz-se na faculdade de “assimilar a realidade ao ponto de poder criá-la interiormente, livremente, modificando-a, transformando-a, sem contudo tirar-lhe o cunho de verdade”.<sup>14</sup>

A linguagem utilizada pelo cronista, quando colocada lado a lado com a imaginação, com a nova criação do real, faz com que o texto *pulse*. É essa *pulsção* que dá a ele o caráter literário. É possível confirmar essa idéia através da investigação

<sup>10</sup> GLEDSON, John. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons Dias!*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990, p.12.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*. Grifo meu.

<sup>12</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.8.

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, p.9.

<sup>14</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.136.

sobre o tema realizada por Dileta Silveira Martins, onde se tem que: “A crônica – como fazer literário – é a recriação do banal, do avulso, levando ao leitor um retrato do instante que sensibiliza mais pela inventividade do que pelo fato”.<sup>15</sup>

Também vale registrar a visão de Antonio Candido sobre a crônica e sobre o ser cronista. Segundo ele, “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à *sensibilidade* de todo o dia”.<sup>16</sup> Acrescenta ainda que

Na sua despreensão, *humaniza*; e esta humanização lhe permite [...] recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.<sup>17</sup>

Fica claro que como contraste à frieza do texto jornalístico tem-se o texto literário, aquele que humaniza, que sensibiliza, que faz o texto pulsar, enfim, que “toca”, ou ainda, que “faz diferença”. Isso, sabe-se, é próprio da obra de arte e, por consequência, do texto literário.

Além disso, cabe registrar que a crônica pode, sim, ser perfeita. Acredita este estudo que isso é possível, uma vez que a crônica é muitas vezes um texto escrito e reescrito, até que seja alcançada, aos olhos do autor, a perfeição. Além do mais, escrever sobre um tema qualquer do cotidiano, com uma linguagem diferenciada, como que numa tarefa de lapidar o texto, exige uma habilidade toda especial. Trata-se, na maioria das vezes, de uma capacidade inata, que provém das mais íntimas qualidades de um indivíduo, sendo a mais simples delas a sensibilidade, sem a qual dificilmente é

---

<sup>15</sup> MARTINS, Dileta A. P. Silveira. A crônica. In: \_\_\_\_\_. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. 1984. 352f. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 1984, p.14.

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p.13. Grifo meu.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p.13-4. Grifo meu.

possível produzir arte. Por tudo isso, a perfeição pode ser alcançada, principalmente, quando o cronista em questão chama-se Machado de Assis.

O escritor pôde ter o privilégio de presenciar muitas mudanças na sociedade de seu tempo – principalmente em sua própria história de vida –, e, ao que parece, serviu-se dessa oportunidade como poucos, pois não somente as observou todas, com especial atenção, mas também se aproveitou (no bom sentido) de todas elas. Fazendo uso, uma vez mais do pensamento de Jorge de Sá<sup>18</sup>, pode-se afirmar que, assim como Poe, Machado de Assis também soube captar aquele brevíssimo instante em que se ocultava a complexidade das dores e alegrias, protegendo-as sob a máscara da banalidade. Com efeito, o escritor sempre procurou ocultar seu verdadeiro jeito de ser. Lúcia Miguel Pereira, em seu estudo biográfico sobre o escritor, afirma que Machado de Assis “prestou-se, como ninguém, a ser estereotipado. [...] Parece ter escolhido, ele próprio, os clichês em que se perpetuaria, *deformando-se* [...]. Essa deformação [...] lhe resguardaria a intimidade e a verdadeira fisionomia”.<sup>19</sup> Contudo, segundo ela, “esse homem tão recatado, tão cioso da sua intimidade, só teve um descuido, só deixou uma porta aberta: seus livros”.<sup>20</sup> Este estudo arrisca afirmar que, dentre as frestas deixadas pelo escritor – através das quais é possível observar seu pensamento e seu olhar com relação à sociedade da época em que viveu –, destacam-se suas crônicas. Assim, é também através da obra literária de Machado de Assis – na qual estão inseridas as crônicas – que se pretende resgatar o que pensava esse escritor sobre a ciência e a tecnologia que tanto se faziam presentes àquele tempo.

---

<sup>18</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.12.

<sup>19</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.19-20. Grifo meu.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p.22.

Escritas, mais especificamente, a partir de 1859, são testemunhas vivas de uma época que assistia ao início, pode-se dizer, de uma segunda revolução científica e tecnológica, a qual vinha acompanhada de uma significativa mudança de valores e de maneiras de conduzir a vida.

Gênero literário em potencial, as crônicas machadianas precisam e devem ser valorizadas e estudadas em pormenores. Compartilha dessa visão John Gledson, respeitado especialista em Machado de Assis. Na segunda edição de sua obra *Machado de Assis: Ficção e História*, publicada em 2003, ele afirma que o capítulo terceiro de seu trabalho

[...] trata, quase exclusivamente, da série de crônicas *Bons Dias!*. Na verdade, não há necessidade alguma de justificar isso. Todos concordamos que os gêneros ‘menores’ não devem ser ignorados, ainda mais quando o autor – de novo, a concordância é geral – é um mestre do gênero, o ‘grande’ Machado de Assis.<sup>21</sup>

Assim sendo, fica claro que estudar as crônicas de Machado de Assis significa estudar parte de sua obra literária, na medida em que, como poucos, conseguiu fazer com que os acontecimentos de sua época não somente permanecessem registrados, mas também pudessem ser revividos a cada leitura. Para tanto, atribuiu constantemente às suas reflexões de caráter jornalístico sua qualidade de *sentir*, própria de seus tantos outros escritos. A partir dessa combinação de conhecimento e sensibilidade é que nasce seu texto-crônica.

Isso posto, é preciso que se fale sobre a passagem da crônica para o livro, fato que ocorre com o texto de Machado de Assis. Tendo em vista que o “cronista de jornal também é um escritor” e que, como tal “também deseja escrever algo que fique para sempre”, ele faz uma “seleção de seus melhores textos, atribuindo-lhes uma

---

<sup>21</sup> GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.136.

seqüência cronológica e temática capaz de mostrar ao leitor um painel que se fragmentara nas páginas jornalísticas [...], como se a própria vida estivesse sendo passada a limpo”.<sup>22</sup>

No caso de Machado de Assis e suas crônicas, essa reconstituição – seleção e organização – deu-se posteriormente, de maneira póstuma, ficando a tarefa a cargo dos estudiosos da sua obra: “Coube a Mário de Alencar iniciar a tarefa, lançando, em 1914, a primeira coleção de 180 crônicas da fase inicial da Gazeta de Notícias”.<sup>23</sup>

De qualquer maneira, o painel a que se refere Jorge de Sá é perfeitamente visível aos olhos do leitor de hoje, o qual consegue, através da leitura dos textos em questão, observar os fatos de um século rico em acontecimentos, em especial os relacionados à ciência.

Além de talento, sobre o qual se falou há pouco, Jorge de Sá afirma que o lado artístico do escritor necessita ainda de um conhecimento técnico,

[...] um manejo adequado da linguagem, uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária. Pois só assim o cronista pode aspirar à transformação do episódico em alguma coisa duradoura [...].<sup>24</sup>

Duradouras *sim*, e, exatamente por isso, muitas vezes atuais, as crônicas de Machado de Assis abordam toda e qualquer questão que, por ventura, perpassasse a vida cotidiana da sociedade brasileira do século XIX. Dos fuxicos mais triviais aos problemas econômicos do país, tudo é considerado. Nas palavras de sua biógrafa: “Pouca coisa escaparia ao folhetinista [...]”.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.18-9.

<sup>23</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota editorial. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.1, p.16.

<sup>24</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005, p.22.

<sup>25</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.79.

Convém dizer ainda que, muitas vezes, como é característico do “fazer” crônica, Machado de Assis utiliza os acontecimentos acima mencionados como fio condutor, como mote, para o desenvolvimento de temas supostamente, ou não, mais relevantes. Ou seja, lança mão de assuntos banais para discutir temas maiores, como, entre outros, política, religião, comportamento, economia, morte e vida e, também, questões relacionadas aos avanços científicos e tecnológicos que insistiam em fazer parte do dia-a-dia e do mundo moderno. Trata-se da “fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo”.<sup>26</sup>

Assim sendo, após definir o lugar da crônica entre os diversos gêneros literários, cabe dar prosseguimento ao objetivo maior deste estudo que é o de destacar a preocupação e o posicionamento de Machado de Assis com relação aos avanços da Modernidade. Para alcançar esse propósito, far-se-á, a seguir, a análise de algumas crônicas do escritor, nas quais observa-se, com maior clareza, o objetivo em questão.

A primeira crônica na qual deve-se reconhecer a ciência do escritor no que diz respeito à realidade em que o mundo e, conseqüentemente, o Brasil encontrava-se inserido – no que se refere ao desenvolvimento científico e tecnológico e tudo que está ligado a ele – é a que abre a série *Aquarelas*, publicada em *O Espelho*, em 11 de setembro de 1859, cujo título denomina-se *Os Fanqueiros Literários*. Há, nesse texto, a manifestação de Machado de Assis contra o sujeito que produz obras sem qualidade e que, assim mesmo, as tem publicadas e à venda nas livrarias. Esse indivíduo, o “fanqueiro literário”, é o responsável pela “fancaria literária”, ou seja, segundo Machado de Assis, pelo trabalho da pior espécie: “é a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda à ondulação das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja

---

<sup>26</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.959.



manufatora do talento [...]”.<sup>27</sup> Machado de Assis deixa transparecer sua indignação com a produção de textos sem qualidade alguma. Textos produzidos e publicados a partir apenas do desejo de obter recursos financeiros. Segundo ele, culpa disso é

[...] a falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo as livrarias!.<sup>28</sup>

Parece que a crítica de Machado de Assis funciona como metalinguagem, pois fortalece a idéia de que é preciso talento para dar origem a bons textos literários, entre eles a própria crônica. Além disso, Machado de Assis, mesmo quando precisou realmente do dinheiro que recebia pelos seus escritos, nunca o fez pensando no retorno financeiro. A literatura esteve sempre acima de qualquer outro interesse. Tanto que, mesmo depois de já ser um escritor respeitado e reconhecido, muito bem situado financeiramente, fazia ele mesmo a revisão de seus livros, quando julgava necessário, sem receber um tostão da editora: “Só a literatura o interessava. [...] a sua república era a das letras, só ela, e a sua missão unicamente a de escritor”.<sup>29</sup>

Segundo Machado de Assis, em outros tempos “as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração”.<sup>30</sup> Mas parece que mudaram os tempos, mudaram as atitudes, pois o escritor está a apontar que, para os fanqueiros literários, “o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onipotente”.<sup>31</sup> É pertinente lembrar que, com o desenvolvimento da prensa, cresce também a produtividade das editoras –

---

<sup>27</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.949.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, p.950.

<sup>29</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.250-1.

<sup>30</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.950.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*.

provocando o barateamento das edições – que passam a publicar tudo que aparece pela frente.

Isso prova que o posicionamento de Machado de Assis frente ao fazer literatura de forma sistemática – abrindo mão da singularidade do texto escrito com talento e, portanto, de qualidade – é de profundo desacordo. Provavelmente o escritor estava de acordo com a melhoria dos equipamentos para impressão de livros, jornais, revistas, etc. No entanto, não consentia com o “preço” a ser pago por esse avanço, que era, parece, na sua opinião, muito alto.

Em função dessa maneira de encarar o problema, que fazia parte da realidade com a qual o escritor convivia, Machado de Assis declara que :

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das *aberrações dos tempos modernos*. Esse moer contínuo do espírito, que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa, movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência.<sup>32</sup>

Há várias considerações a serem formuladas a partir desse desabafo de Machado de Assis. No entanto, antes de fazê-lo, é preciso que se enfatize a ironia do fato que se apresenta. O escritor utiliza-se de uma metáfora acerca da *indústria*, que já era uma realidade no contexto social europeu<sup>33</sup>, e também da máquina – *focos desta pesquisa* –, para discutir o tema de sua crônica.

Quanto às observações a serem feitas a partir da leitura do texto como um todo e, em especial, do excerto acima mencionado, tem-se a dizer o seguinte:

---

<sup>32</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.951. Grifo meu.

<sup>33</sup> Com o advento da Revolução Industrial que teve início, aproximadamente, em 1760, na Inglaterra, ocorre um processo de mudança de uma economia agrária, baseada no trabalho manual para uma outra, dominada pela indústria mecanizada. Contudo, “embora a Revolução Industrial já se houvesse iniciado em 1760, não adquiriu todo o seu ímpeto antes do século XIX”. (BURNS, Edward McNall. *História da*

primeiramente, Machado de Assis, apesar de saber que os avanços tecnológicos haviam chegado para ficar, parece mostrar descontentamento com a existência de fábricas, pois compara a pobreza de espírito que reduz a inteligência humana a uma indústria que polui e destrói e que é movida única e exclusivamente pelo dinheiro.

Em segundo lugar, cabe mencionar que o escritor antecipa um problema real que surge com a modernização do mundo civilizado e, mais especificamente, com o estabelecimento da indústria, que é a questão que envolve qualidade *versus* quantidade. Produzir mais para ganhar ainda mais. Mas a que preço?

Convém lembrar que essa postura de Machado de Assis vai ao encontro do pensamento de Poe, o qual acreditava que os avanços da Era Moderna teriam sido os responsáveis pela perda de um conhecimento que o homem já possuía, há muito, em suas mãos, nesse caso, o saber criar e publicar textos pelo desejo de produzir arte. Machado de Assis parece comungar do mesmo pensamento quando afirma que o fanqueiro literário é uma “aberração dos tempos modernos”, pois faz do talento, que é inerente ao homem, uma máquina que, ao invés de melhorar a qualidade do texto, transforma-o em obra grosseira.

Tal posicionamento, registrado nessa crônica, escrita aos vinte anos de idade, revela que Machado de Assis sabia que as significativas melhorias sofridas pelo mercado editorial eram extremamente importantes para o desenvolvimento da humanidade. Todavia, ao mesmo tempo, denuncia uma postura crítica com relação à movimentação científica e tecnológica que era, então, uma realidade, mas que parecia desconhecer limites. Pensamento de um rapaz que acreditava no futuro de seu país e

que, no auge da juventude, já se sentia “seguro de si, senhor de seu estilo e das suas opiniões”.<sup>34</sup>

A partir da leitura desse texto, percebe-se, também, a importância da literatura, na medida em que possibilita reflexão. Não será esse problema levantado por Machado de Assis, nos anos sessenta do século XIX, uma questão ainda hoje não solucionada por completo?

Em outra crônica, publicada em 16 de outubro do mesmo ano, também da série *Aquarelas*, intitulada *O Empregado Público Aposentado*, Machado de Assis, com uma ironia própria de sua prosa, discorre sobre o velho empregado público. Já nas primeiras linhas afirma ele:

Os Egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desapareceria na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda. Mas não existiu só lá esse fato. O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana, indefinível; o que chamamos empregado público aposentado.<sup>35</sup>

Machado de Assis começa, ironicamente, comparando o funcionário público aposentado a uma múmia. Segundo ele, esse procedimento próprio dos antigos egípcios é utilizado até hoje e sua eficácia pode ser comprovada ao se observar o empregado público aposentado.

Ao fazer tal analogia, o escritor, assim como Poe – mesmo que de maneira irônica –, mostra o quão inteligentes eram as civilizações antigas. Entretanto, através dessa relação, deseja evidenciar que, em certos casos, a resistência a mudanças, como acontece com o empregado público, pode ser prejudicial, pois pode provocar

---

<sup>34</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.77.

<sup>35</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.956-7.

estagnação, não somente no que diz respeito a questões técnicas, mas também, com relação ao pensamento humano: “Todos os progressos do país estão ainda debaixo da língua fulminante deste cometa social”<sup>36</sup>, ou seja, insinua o escritor que os avanços necessários para o desenvolvimento do Brasil estariam paralisados em função de homens que agem e pensam como aquele que desempenha suas funções, há muito, em instituições públicas.

Nessa mesma crônica, para ilustrar a oposição do funcionário público com relação a qualquer atitude que se propunha diferente do até então estabelecido, o escritor apresenta como exemplo a suposta reação do mesmo frente aos progressos do país:

Estradas de ferro! É uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os meios clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro?  
Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das coisas – podem contar com um contra do empregado público aposentado.<sup>37</sup>

É possível verificar que o escritor utiliza-se desse exemplo para deixar claro que não se pode parar no tempo; que é preciso abrir-se e preparar-se para as mudanças que se impõem à sociedade. Machado de Assis deseja passar ao leitor a idéia de que desenvolvimento e transformação são bem-vindos e, sobretudo, necessários. Segundo ele, é preciso dar passagem ao progresso.

Ainda sobre a crônica que envolve o funcionário público aposentado (aquele que dificulta a passagem do progresso), é preciso mencionar que Machado de Assis não imaginava que aos cinquenta e oito anos de idade estaria ele nessa mesma condição: a

---

<sup>36</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.957.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p.957-8.

de funcionário público aposentado. Lúcia Miguel Pereira<sup>38</sup> relata que, no ano de 1897, o escritor fora aposentado provisoriamente de suas funções de diretor geral da Viação, do então governo Prudente de Moraes. A resolução magoara Machado de Assis, que sabia estar ainda em plenas condições de exercer o cargo. Ao contrário da atitude que apresenta em sua crônica, o escritor sempre fora um funcionário exemplar: “Muito aferrado à lei, intransigente na sua execução, ele não devia, na verdade, ser um funcionário cômodo”.<sup>39</sup> Não o era; assim como não eram acomodadas suas reflexões acerca do cientificismo obstinado. Era, sim, funcionário e homem que compreendia a importância do desenvolvimento calcado em respeito, equilíbrio e bom senso.

Apesar de sair em defesa do progresso, Machado de Assis demonstra ponderação ao afirmar: “[...] o empregado público aposentado [...] representa o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização dos povos”.<sup>40</sup> Em outras palavras, o escritor acredita que deve haver progresso, não desenfreado, mas sim, equilibrado, e o funcionário público aposentado representa não um controle saudável desses avanços mas, segundo Machado de Assis, um controle retrógrado, extremo e por demais ridículo da expansão do conhecimento da humanidade.

Paralelamente a isso, o escritor deixa claro que é preciso que o sistema de serviço público seja revisto. Através dessa afirmativa, mais uma vez é possível verificar o caráter atual do texto de Machado de Assis, bem como o importante papel da literatura no que diz respeito à reflexão, uma vez que o velho empregado público aposentado e sua forma de agir e de pensar, aproximadamente um século e meio depois, ainda são uma realidade dentro do contexto social brasileiro.

---

<sup>38</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.215.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p.217.

<sup>40</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.957.

Por entre as crônicas do escritor é possível enxergar uma linha de tempo imaginária, na qual se encontram registradas as mudanças pelas quais passou o homem no decorrer dos séculos. Machado de Assis parece querer deixar transparecer sempre a idéia da consciência da transgressão do tempo. Esse sentimento de que o tempo estava passando à sua frente e de que o mundo estava se recombinaando de forma significativa, pode ser comprovado através da seguinte passagem, retirada de uma das crônicas da série *História de Quinze Dias*, publicada em 1º de julho de 1876:

Passam os séculos, os homens, as repúblicas, as paixões; a história faz-se dia por dia, folha a folha; as obras humanas alteram-se, corrompem-se, modificam-se, transformam-se. Toda a superfície civilizada da terra é um vasto renascer de coisas e idéias.<sup>41</sup>

A mesma noção assim como o aparente reconhecimento do escritor com relação ao progresso revelam-se na crônica da mesma série, publicada em 15 de agosto do mesmo ano: “Eu gosto de ver correr o tempo e as coisas; só isso”.<sup>42</sup> Outro exemplo pode ser observado na crônica de 16 de junho de 1878, da série *Notas Semanais*: “Os dias passam, e os meses, e os anos, e as situações políticas, e as gerações, e os sentimentos, e as idéias”.<sup>43</sup> Assim sendo, deve-se lembrar e, então, reconhecer que essas

impressões móveis de um tempo que passa em panorama pelas vistas de um ‘cinematógrafo gigante’ dão a exata medida do quanto o olhar adequar-se-ia à forma da crônica.<sup>44</sup>

Machado de Assis demonstra aceitar com tranqüilidade o correr do tempo. No entanto, certamente, não tinha idéia, na época, de que o passar dos anos traria tantos

---

<sup>41</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.336.

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, p.344.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p.380.

<sup>44</sup> CUNHA SANTOS, Jeana Laura da. A crônica passeia de *Bond*. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas de Bond*. Organização de Ana Luiza Andrade. Chapecó: Argos, 2001. p.102.

avanços e que geraria tantas mudanças na vida do homem. Ainda assim, dava-se conta de que aceitar avanços não significaria esquecer princípios, sobretudo os de natureza moral e ética; não significaria esquecer os limites entre o que é benéfico e o que é prejudicial.

Evidente está, uma vez mais, o posicionamento de Machado de Assis com relação às inovações que a ciência punha, então, à disposição da sociedade, na crônica de 14 de junho de 1889, da série *Bons Dias!*. Nesse texto o escritor refere-se à importância de reconstituir o passado como forma de dar-se conta do “passar do tempo”. Segundo ele, pode-se perceber isso através dos jornais antigos, onde tudo está vivo. Enfatiza ainda Machado de Assis que “pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida [...]”.<sup>45</sup> E complementa, afirmando não se tratar de “saudade piegas”, mas sim de recompor o extinto e de reviver o passado.<sup>46</sup> Assim, Machado de Assis declara ser o jornal antigo “a própria vida em ação”.<sup>47</sup> E é essa vida que a presente pesquisa procura reconstituir, através da obra do escritor, para então observar seu posicionamento frente aos avanços da ciência e da tecnologia.

Como exemplo dessa vida ativa, o escritor discorre acerca dos antigos curandeiros e das drogas que manipulavam e prescreviam às pessoas da época. Ao final da crônica, afirma ele:

Todas essas drogas curavam, assim as legítimas como as espúrias. Se já não curam, é porque todas as coisas deste mundo têm princípio,

---

<sup>45</sup> ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Salete de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003, p.179.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>47</sup> *Idem, ibidem.*



meio e fim. Outras cessaram com os inventores. Tempo virá em que o quinino, tão valente agora, envelheça e expire.<sup>48</sup>

Machado de Assis tinha noção de que o tempo corria e que bastariam alguns anos para que o que, na ocasião era novo, fosse ultrapassado por completo, afinal, tudo envelhece, tudo expira. Por outro lado, ao afirmar que os jornais velhos são apenas antigos e o que está registrado neles pode estar vivo, o escritor está a enfatizar que a sociedade avança, mas é com base no passado que ela constrói o futuro. Ou ainda, que é preciso que se estabeleça um equilíbrio entre o que já existe e o que está por vir. Pode-se dizer, então, que o homem deve buscar “no atrás do tempo aquilo que possa engrossar a compreensão do instante para empurrá-lo para a frente”<sup>49</sup>, assim como fazia – segundo os estudos de Jeana Laura da Cunha Santos – o próprio Machado de Assis.

Considerando o acima exposto, pode-se fazer referência, novamente, ao papel da literatura nesse processo, uma vez que é também a partir da leitura de obras literárias que o homem, com o passar do tempo, acumula sabedoria para, então, produzir ainda mais conhecimento. O mesmo acontece com a ciência e com a tecnologia. Não estava Machado de Assis, conforme relatado em sua crônica de 16 de outubro de 1892, da série *A Semana*, em um bonde puxado por burros ao avistar, pela primeira vez, o bonde elétrico?

Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer sentei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tração e contá-las. [...] Anteontem, porém, indo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Salete de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003, p.181.

<sup>49</sup> CUNHA SANTOS, Jeana Laura da. A crônica passeio de *Bond*. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas de Bond*. Organização de Ana Luíza Andrade. Chapecó: Argos, 2001. p.90.

<sup>50</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.550.

É o desejo de superação que move o homem, seja na área da ciência, da tecnologia, da medicina ou ainda na da literatura.

É importante lembrar que, mesmo estando a favor do permanente desenvolvimento do progresso em seu tempo, tendo noção do que essa evolução significava, Machado de Assis parece mostrar-se surpreso – e ao mesmo tempo, um tanto receoso – como ainda hoje acontece a qualquer mortal do século XXI – com os avanços que se impunham: “trata-se do desconforto que as novidades provocam quando ainda não se está acostumado a elas”.<sup>51</sup> O aparecimento do bonde elétrico, mencionado no excerto acima, é um bom exemplo. Em sua crônica, o escritor ocupa-se com a nova invenção, a qual passaria a fazer parte, desde então, da realidade brasileira. Por mais que esteja o homem acostumado e ciente das possibilidades que possam se oferecer, no que diz respeito à ciência e às melhorias tecnológicas, parece ser sempre uma surpresa tomar conhecimento delas.

Paralelamente a esse espanto, Machado de Assis registra também as mudanças de comportamento da sociedade ocasionadas pelo usufruto dessas “máquinas modernas”:

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. [...] Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade.<sup>52</sup>

Tamanho o espanto das pessoas da época com as possibilidades que se ofereciam, que o próprio Machado de Assis, em 21 de maio de 1893, em crônica da

---

<sup>51</sup> CUNHA SANTOS, Jeana Laura da. A crônica passeio de *Bond*. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas de Bond*. Organização de Ana Luiza Andrade. Chapecó: Argos, 2001. p.105.

<sup>52</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.551.

série *A Semana*, afirma: “A própria ciência parece não saber a quantas anda. Tempo há de ir em que o xarope de Cambará não cure, e talvez mate. Já agora são os bondes que empurram as bestas; esperemos que os passageiros os não puxem um dia”.<sup>53</sup>

Através de afirmações dessa natureza Machado de Assis dá sinais de uma reflexão sobre até aonde poderia chegar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Já chegando ao final da análise proposta, verifica-se – na crônica de 6 de agosto de 1893, da série *A Semana* –, que Machado de Assis afirma ser o surgimento do bonde um dos maiores acontecimentos dos últimos trinta anos. Segundo ele, um poderoso instrumento de transformação.<sup>54</sup> Para provar a importância do novo meio de transporte, exemplifica o escritor:

A moça que vem hoje à Rua do Ouvidor, sempre que lhe parece, à hora que quer, com a mamãe, com a prima, com a amiga, porque tem o bonde à porta e à mão, não sabe o que era morar fora da cidade ou longe do centro.<sup>55</sup>

Por fim, em seu texto de 6 de janeiro de 1895, também pertencente à coluna intitulada *A Semana*, como um prenúncio feito no início de um novo ano, parece Machado de Assis acreditar que os séculos que estavam por vir, bem como os avanços que viriam com eles, trariam paz e ainda mais prosperidade à ciência:

Que inveja que tenho ao cronista que houver de saudar desta mesma coluna o sol do século XX! Que belas cousas que ele há de dizer, erguendo-se na ponta dos pés, para crescer com o assunto, todo auroras e folhas, pampeiros e terremotos, anarquia e despotismo, cousas que não trará consigo o século XX, um século que se

---

<sup>53</sup> ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Salette de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003, p.248.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, p.262.

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p.262-3.

respeitará, que amará os homens, dando-lhes a paz, antes de tudo, e a ciência, que é ofício de pacíficos.<sup>56</sup>

Após a leitura e análise das crônicas acima, é possível perceber que Machado de Assis podia enxergar além. Teve, esse escritor – dos vinte aos sessenta anos de idade – condições de avaliar o que então ocorria com a sociedade de seu tempo com discernimento ímpar. Como resultado de uma avaliação consciente e madura, provavelmente decorrente da sua própria experiência de vida – diferentemente do que ocorrera com Poe que, em vários momentos mostrou-se imaturo –, tem-se um posicionamento otimista e ao mesmo tempo cuidadoso com relação ao que se apresentava e ao futuro que estava por vir.

Mesmo consciente de que o Brasil encontrava-se ainda em formação, Machado de Assis soube pressentir um cenário de inovações que, mais dia menos dia, iria se concretizar. O país precisava apenas de tempo para, se não andar lado a lado – o que nunca realmente aconteceu –, ao menos para seguir a mesma trilha dos países já mais desenvolvidos.

Como um legítimo representante de seu tempo, sabia o quanto significaria para seu país a construção de estradas de ferro, a substituição dos bondes puxados por burros por bondes elétricos, a utilização do telégrafo e a, cada vez maior, profissionalização da imprensa, entre tantas outras novidades. Mas sabia também que o cientificismo, da maneira como operava na época, poderia colocar muita coisa a perder. Tinha ciência de que era preciso ousadia, mas também cautela.

Não viveu tanto para ver desmoronar, em parte, seu ideal de futuro. Ao contrário do que acreditava, se aqui estivesse, teria presenciado a ausência, sobretudo, de paz, muitas vezes provocada pelo mau uso da ciência e da tecnologia, que parecem

---

<sup>56</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,

estar hoje a serviço de homens nada pacíficos. Em muitos casos, veria se concretizar aquilo que há muito já antecipava: o desenvolvimento incontrolado.

Logicamente, os avanços científicos e tecnológicos foram incontáveis e trouxeram consigo muitos benefícios para a humanidade, como é o caso dos reais e por demais importantes progressos que a Medicina alcançou desde então.

Desde o século XIX até hoje muito se caminhou e isso, com certeza, o teria agradado, a julgar pela sua satisfação em ver “as coisas e o tempo correr”.

#### **4.2 A história se repete: as atividades científicas nos contos de Machado de Assis**

Conforme apontado no capítulo segundo deste estudo, com o advento da revolução científica, iniciada por volta do século XV – consequência do grande movimento gerado pela Renascença –, o homem passa a enxergar a ciência sob outra óptica: a crença em possíveis interferências divinas dá lugar à observação, à análise e tabulação de dados, através dos quais seria possível obter resultados concretos sobre o tema pesquisado. Em função dessa nova postura, o homem atravessou os séculos que se seguiram realizando estudos mais sérios e, o que é mais importante, avançando numa velocidade até então inimaginável. Para tanto, serviam-se os estudiosos de experimentações a partir das quais podiam provar suas teses, sendo essa a única garantia, desde então, do aceite da descoberta perante o meio científico, bem como perante a sociedade. Esse comportamento pode ser encontrado nas páginas de *O Alienista* e *Conto Alexandrino*, textos de Machado de Assis escolhidos para análise que se dará a seguir.

O primeiro conto será *O Alienista*<sup>57</sup>. Antes, faz-se necessário contextualizar o texto do escritor brasileiro para o que parecem adequadas as palavras de Kátia Muricy:

A Corte do Rio de Janeiro, onde vivem os personagens de Machado de Assis, assistiu a transformações radicais do século. Iniciada com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a modernização da cidade acelerou-se no Segundo Reinado: por suas ruas iluminadas a gás passeavam os bondes elétricos; há muito seus teatros abrigavam as temporadas líricas das companhias européias. Aberta para uma nova sociabilidade, urbana e cosmopolita, a família iria, aos poucos, mudar sua feição. Novos hábitos e valores iriam conviver, às vezes conflituosamente, com os antigos costumes da tradição colonial.<sup>58</sup>

Muricy, no excerto acima, descreve o cenário no qual a história de Simão Bacamarte se desenrola. É o retrato de um país em formação, onde tudo está se transformando, inclusive as pessoas e todo o seu jeito de viver.

Também é necessário antecipar e registrar que trata, o conto, de uma grande experiência que um certo Dr. Simão Bacamarte propõe-se a realizar, em terras brasileiras, acerca das ainda desconhecidas “patologias cerebrais”. Deseja o médico estabelecer a fronteira entre a loucura e a razão. Para tanto trata de construir um local para encerrar os loucos. Contudo, no decorrer da experimentação, dá-se conta de que os indivíduos de mente sã é que são os loucos, criando, assim, uma confusão de difícil desembaraço. Afinal, pergunta-se o cientista, essa fronteira realmente existe? Se existe, como delimitá-la?

Tendo a ciência e só ela como principal objetivo, o médico dedica-se aos estudos da área colocando-os acima da sua própria vida se preciso for:

---

<sup>57</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2.

<sup>58</sup> MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.13.

– A ciência [...] é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.<sup>59</sup>

Tamanha sua devoção aos estudos científicos que, até na escolha de sua companheira, D.Evarista, procedeu a uma análise, em pormenores, das condições fisiológicas e anatômicas da pobre senhora:

D.Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista [...]. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, D.Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os *interesses da ciência* na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.<sup>60</sup>

Pela leitura do conto, pode-se verificar o desejo de Machado de Assis em demonstrar a quantas andava o interesse pelos estudos científicos. Mais do que isso, é possível afirmar que o escritor, através de *O Alienista*, teve a capacidade de “apontar para elementos que só vão aparecer claramente mais tarde”<sup>61</sup>, ou seja, o escritor foi capaz de criticar comportamentos e atitudes relacionados ao “fazer” ciência, que só puderam ser reconhecidos e classificados pelo homem, como atitudes positivas ou negativas, muito tempo depois. Hoje, sua crítica se torna por demais clara e coerente, sendo essa uma das boas razões para reafirmar e para fazer valer ainda mais a idéia de que Machado de Assis era um escritor que estava muito à frente de seu tempo.

Simão Bacamarte recebe dimensões caricaturais. E é essa mesmo a intenção do escritor: revelar o “tom” da época, usando, para isso, uma espécie de deformação que

---

<sup>59</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2, p.253.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, p.254. Grifo meu.

<sup>61</sup> SCHNAIDERMAN, Boris. O bruxo do Cosme Velho. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de jul. 2000.

resulta em deboche: “*O Alienista*, [...] é a crítica corrosiva e bem-humorada de Machado de Assis aos mitos da ciência de sua época”.<sup>62</sup>

Antes de prosseguir, é preciso que se registre que, assim como Poe, Machado de Assis parece também enxergar a postura de superioridade na qual se colocavam os cientistas. Através da intertextualidade que se observa entre os contos *O Alienista*, ora em análise, e *The System of Doctor Tarr and Professor Fether*<sup>63</sup>, conto de Poe já referido no capítulo segundo desta pesquisa, esse pensamento similar pode ser verificado.

Se, por um lado, Machado de Assis percebe essa presunção e registra essa percepção através das afirmações sempre pretensiosas de Simão Bacamarte; por outro, Poe demonstra não somente sua consciência com relação ao fato, mas também sua desaprovação com relação a isso, debochando dos cientistas – no caso, médicos – sem pudor algum. Ao chegar à casa de saúde, o narrador-protagonista do conto avista o suposto diretor da instituição, Sr. Maillard; na verdade, trata-se de um alienado fazendo-se passar pelo diretor. Mesmo assim, afirma a personagem que: “He was a portly, fine-looking gentleman of the old school, with a polished manner, and *a certain air of gravity, dignity, and authority* which was very impressive”.<sup>64</sup> A partir dessa passagem, percebe-se que Poe deseja mostrar que o tal “ar de superioridade e de autoridade” atribuído aos cientistas não passa, muitas vezes, de autopromoção. Tanto é que um louco pode se passar por um médico sem maiores problemas.

---

<sup>62</sup> MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.33.

<sup>63</sup> POE, Edgar Allan. The system of doctor Tarr and Professor Fether. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984].

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p.292.

Tradução: “Era ele um cavalheiro do velho estilo, de imponente e bela aparência, de maneiras polidas e certo ar de gravidade, dignidade e autoridade que impressionava bastante”. Grifo meu. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p. 609).



Outra passagem na qual o deboche está presente, procurando deixar claro que as aparências – em especial a dos homens da ciência –, muitas vezes, enganam é a seguinte: “At six, dinner was announced; and my host conducted me into a large *salle à manger*, where, a very numerous company were assembled – twenty-five or thirty in all. They were, apparently, people of rank – certainly of high breeding [...]”.<sup>65</sup> Nesse excerto Poe utiliza o advérbio “aparentemente”, querendo talvez enfatizar, uma vez mais, a questão que se estabelece entre essência *versus* aparência. Assim como no conto *Some Words with a Mummy*, Poe não somente iguala, mas inverte as relações entre sujeito e objeto, no caso cientista e cobaia. Tudo isso na tentativa de desfazer esse grande mito que se formara naquela época acerca da ciência e de seus seguidores.

Machado de Assis também discorda desse posicionamento austero e pretensioso, na medida em que se verifica um tom irônico em várias passagens do conto *O Alienista*, nas quais o narrador menciona a situação especial em que Simão Bacamarte se coloca. Na passagem mencionada anteriormente, que descreve D.Evarista, pode-se observar que “as prendas” enumeradas por Bacamarte são as “únicas dignas da preocupação de um sábio”, o que, em outras palavras, significa dizer que somente os simples mortais preocupar-se-iam com sentimentos, o cientista, não, posto que está acima deles.

Essa ausência de sensibilidade pode ser observada quando da viagem de D.Evarista ao Rio de Janeiro. Na ocasião da saída de Itaguaí, escreve Machado de Assis: “As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. [...] Homem de

---

<sup>65</sup> POE, Edgar Allan. The system of doctor Tarr and Professor Fether. In: \_\_\_\_\_. *Complete Stories and Poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984], p.295.

Tradução: “As seis horas foi anunciado o jantar, e meu anfitrião conduziu-me a uma grande *salle à manger*, onde se reunia uma companhia bastante numerosa: vinte e cinco ou trinta ao todo. Eram, aparentemente, gente fina, certamente de elevada educação [...]”. (POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965, p. 612).

ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência”.<sup>66</sup> Não foi diferente a recepção dada pelo marido, quando do regresso da esposa à cidade: “[...] frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona [...]”.<sup>67</sup>

Também essa superioridade de dimensões excessivas – conforme já dito, retratada por Poe no conto *Some Words with a Mummy*, deixando transparecer seu pensamento de que, muitas vezes, o saber dos cientistas contemporâneos não passa de um verdadeiro castelo de areia – pode ser verificada em *O Alienista*, através da seguinte passagem:

– Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. [...] Poderia convidar alguns de vós [...] a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos [...].<sup>68</sup>

Também é possível observar no excerto acima que Simão Bacamarte toma decisões que envolvem a vida dos cidadãos de Itaguaí, sem o consentimento de nenhum deles, a não ser o seu próprio, o que atesta a postura de autoridade, bem como o surgimento de uma possível “doutrina” da ciência. Em tom de crítica, Machado de Assis, através de sua personagem protagonista, deseja mostrar o quão abusiva era a autoridade que a ciência conferia a si mesma, não respeitando os limites de sua atuação. A personagem decide que m serão as cobaias de seu ensaio (os moradores de Itaguaí), dá o diagnóstico (loucos), impinge o tratamento (encerramento no abrigo) e ninguém pode questioná-lo, afinal são os “processos da ciência”.

---

<sup>66</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2, p.259.

<sup>67</sup> *Idem, ibidem*, p.266.

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*, p.272.

Não estaria, Poe, certo ao criticar com tanta veemência essa postura de superioridade, que já se manifestava na primeira metade do século XIX, no hemisfério norte, e que parece ter chegado aos trópicos com a mesma intensidade?

Machado de Assis, em seu texto crítico intitulado *A Nova Geração* e publicado na *Revista Brasileira*, em dezembro de 1879, dá uma das maiores demonstrações de sua percepção e de sua não concordância com essa superioridade que a ciência atribuía a si mesma:

A nova geração freqüenta os escritores da ciência; não há aí poeta digno desse nome que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos. Devem, todavia, acautelarem-se de um mal: o *pedantismo*. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisas que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente.<sup>69</sup>

Machado de Assis utiliza ciência para falar de literatura. Fica claro que o escritor dá uma lição à nova geração de escritores sobre o que é produzir um bom texto literário e sobre qual seria a postura de um verdadeiro literato. Para dar seu recado aos que então iniciavam seus trabalhos, utiliza-se do péssimo exemplo dos cientistas, os quais, segundo ele, sofrem de alguns males, entre eles o pedantismo e o exibicionismo.

Cada vez mais parece a este estudo que Machado de Assis caminha lado a lado com Poe quando o assunto é ciência. Tanto que cria Simão Bacamarte para expressar esse pensamento. A única diferença, conforme já mencionado anteriormente,

---

<sup>69</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.836. Grifo meu.

é que Poe, quando o faz, parece carregar juntamente com seu juízo crítico um certo “ranço” pessoal. Por isso sua análise, mesmo quando irônica, parece ter feições bem mais austeras que a de Machado de Assis. Este último critica a prática científica com a ironia de alguém que não carrega ressentimentos. Muito pelo contrário, a crítica do escritor brasileiro possui a leveza de alguém que escreve com a auto-estima elevada – diferentemente de Poe –, o que faz toda a diferença.

Ambos parecem estar de acordo com o erro que vinha cometendo o homem de “colocar a ciência acima de tudo”. Contudo, Machado de Assis, quando se manifesta com relação a isso, o faz com imparcialidade, e Poe, ao contrário, parece misturar ao seu juízo questões pessoais.

Há que se enfatizar, uma vez mais, que o desejo de ver a ciência e a tecnologia avançar certamente fazia parte do posicionamento de Machado de Assis. Havia, porém, o desejo de que isso ocorresse dentro dos padrões que constituíam a realidade de um país que estava engatinhando em praticamente todas as áreas, não ficando de fora o território científico.

Kátia Muricy deixa clara essa idéia quando fala sobre os “tempos remotos” a que se refere Machado de Assis, no conto em questão,

[...] muito mais do que falar de costumes passados, parecem ironizar um presente cujo *nonsense* fundamental seria esse embate entre passado dos hábitos e as necessidades que a urgência de acertar o passo com o progresso impunha.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.33.

Muricy complementa ainda seu pensamento com a seguinte assertiva: “O presente ficava suspenso pela urgência de modernizar, civilizar, à moda européia, os hábitos sociais; um pé no passado, um pé no futuro – eis o nosso solo”.<sup>71</sup>

É contra essa insistência em forçar uma realidade que não era a brasileira que Machado de Assis brigava. Na crônica de 16 de junho de 1878, ele afirma: “Sejamos do nosso século e da nossa língua”.<sup>72</sup>

Assim, em *O Alienista*, o escritor deixa transparecer seu desacordo com relação às práticas científicas realizadas em solo brasileiro que batiam de frente com o desconhecimento da população local. Procura demonstrar, ainda, a resistência das pessoas às mudanças – atitude que também aparece em suas crônicas, conforme já mencionado anteriormente –, as quais eram inevitáveis em função da avalanche de novidades que o século oferecia.

O projeto de Simão Bacamarte revela-se, para o povo de Itaguaí, como uma idéia completamente estapafúrdia, o que comprova o desconhecimento da população e a dificuldade desse grupo de pessoas em aceitar novos conceitos, os quais, sem dúvida, exigiriam um rearranjo de hábitos e atitudes:

A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência [...].<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.34.

<sup>72</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.3, p.382.

<sup>73</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2, p.254.

O próprio Machado de Assis mostra-se, em alguns momentos, cético com relação aos avanços da ciência e da tecnologia, o que, como se viu, revela-se normal e aceitável.

Contudo, o mais importante é perceber que, conforme aponta Schnaiderman, está embutida na crítica uma verdadeira advertência sobre o desvario a que o racionalismo extremado poderia levar: “Simão Bacamarte desce ao fundo do poço com a sua obsessão de examinar tudo cientificamente”.<sup>74</sup>

Faltava a Simão Bacamarte bom senso. Como provavelmente acontecia com muitos cientistas do século XIX, faltava ao médico equilíbrio para lidar com as questões da ciência. Tamanha a obediência ao cientificismo, que se colocou a si próprio em situação complicada. Quando já não sabia mais quem era louco e quem estava no seu juízo perfeito, encarcerou-se a si mesmo, a fim de estudar seu próprio comportamento, afinal, ele também deveria estar disponível para as pesquisas da ciência. Ao tomar tal atitude, Simão Bacamarte comprova o que Machado de Assis deseja denunciar: o ponto crítico a que a falta de sensatez daquela nova maneira de lidar com a ciência poderia chegar.

Machado de Assis dava-se conta da necessidade de se ter cautela: “O espantoso, realmente, é a sensibilidade com que percebeu aonde essa preocupação ‘científica’ poderia levar”.<sup>75</sup>

O perigo do exagero com relação às práticas da ciência pode, também, ser observado no texto intitulado *Conto Alexandrino*<sup>76</sup>. A história dá-se a partir de uma grande experiência proposta por dois supostos filósofos cipriotas, a saber, Stroibus e

---

<sup>74</sup> SCHNAIDERMAN, Boris. O bruxo do Cosme Velho. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de jul. 2000.

<sup>75</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>76</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2.

Pítias. Acreditavam eles que, dando de beber a um homem o sangue de um rato, haveria de se fazer dele um ratoneiro. Afirma o narrador do conto que o navio em que se encontravam os dois sábios, o qual rumava em direção à Alexandria, carregava a “carga preciosa de dous filósofos, que iam levar àquele regaço do saber os frutos da razão esclarecida”.<sup>77</sup> Como Simão Bacamarte, Stroibus e Pítias representam o grau mais elevado da razão e, por isso, vivem única e exclusivamente para a ciência. Assim, quando recebidos em Alexandria com honras, presentes e louvores, recusam tudo, deixando claro que “a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era dissolvente”.<sup>78</sup>

Dando segmento à empresa, os dois estudiosos concluem que não haveria melhor jeito de testar a doutrina senão aplicando-a neles mesmos, afinal eram homens que cultivavam a razão e a rigidez de caráter. Se, ao beber sangue de ratos, passassem a furtar, estaria mais do que provados a veracidade e o sucesso da teoria.

Teve início, então, a experiência propriamente dita. Afirma o narrador que “a ciência, como a guerra, tem necessidades imperiosas”<sup>79</sup> e, por essa razão, sem nenhum escrúpulo, Stroibus engaiolava um número enorme de ratos, marcava-os a ferro e, por fim, preparava-os para as incisões: “Hábil anatomista, operava com uma firmeza digna do propósito científico”.<sup>80</sup>

Machado de Assis preocupa-se, uma vez mais, em mostrar o quanto a ciência era enaltecida e o quanto seus processos eram pouco questionados. É disso que trata o conto em toda a sua primeira metade.

Contudo, assim como acontece na Itaguaí de Bacamarte, o povo de Alexandria, ao tomar conhecimento dos absurdos cometidos pelos cientistas, os quais

---

<sup>77</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2, p.411.

<sup>78</sup> *Idem, ibidem*, p.412.

<sup>79</sup> *Idem, ibidem*, p.413.

<sup>80</sup> *Idem, ibidem*.

exterminavam ratos a seu “bel prazer”, tenta, na sua suposta ignorância, realizar um manifesto contra o ato impróprio, mas Stroibus

respondeu que a verdade valia todos os ratos do universo, e não só os ratos, como os pavões, as cabras, os cães, os rouxinóis, etc; que, em relação aos ratos, além de ganhar a ciência, ganhava a cidade, vendo diminuída a praga de um animal tão daninho [...].<sup>81</sup>

Claro está o desejo de evidenciar o perigo da falta de limites dos experimentos científicos, pois, em não havendo restrições às práticas da ciência, muito em breve as cobaias poderiam ser humanas. E o escritor prova que esse pensamento realmente lhe passara pela cabeça. Ao final do conto, coloca os dois cientistas nessa condição. Após a experiência de Stroibus e Pítias ter provado a doutrina, através de inúmeros furtos cometidos por eles – inclusive de idéias –, ambos foram presos e condenados à morte. Contudo interfere Herófilo, inventor da anatomia, propondo estripá-los, a fim de estudar os órgãos humanos em seu estado vivo, afinal, uma vez que teriam de pagar por seus crimes com a morte, questiona o anatomista: “não é justo que prestem algum serviço à verdade e à ciência?”.<sup>82</sup> Assim sendo, “vira o feitiço contra o feiticeiro”. Eis a grande ameaça para a qual Machado de Assis insistia em chamar a atenção.

Em suma, pode-se concluir, primeiramente, que Machado de Assis estava atento aos possíveis disparates da ciência e que, sobretudo, os condenava. Em segundo lugar – mas não menos importante, muito pelo contrário –, ao findar a análise dos contos do escritor brasileiro, observa-se que entre Poe e Machado de Assis não existe apenas um intertexto onde são encontrados resquícios de temas, de personagens e

---

<sup>81</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.2, p.414.

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p.415.



comportamentos, mas, sim, uma relação intertextual, a partir da qual emerge uma forma única de pensar, a saber, a discordância com a falta de limites da ciência (em todos os sentidos). A maneira de expressar esse pensamento, no entanto, é que difere, uma vez que cada escritor possui sua marca própria, a partir da qual, cabe lembrar, instaura-se a originalidade dos respectivos textos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO E AVANÇO DA HUMANIDADE**

Ao final da análise proposta neste estudo, que envolve, por um lado, a literatura e, por outro, os avanços científicos e tecnológicos da humanidade, é possível constatar que a literatura possui caráter essencial e determinante para a sociedade, uma vez que é através dela que o homem é capaz de refletir sobre seu modo de ser, sobre seu modo de viver, bem como sobre a maneira de pensar e de enxergar o que está a sua volta.

Através do panorama traçado no segundo capítulo da pesquisa, pôde-se observar que o desenvolvimento do homem baseia-se, desde os tempos mais remotos, em saberes que visam aprimorar técnicas que facilitem a execução de tarefas, bem como em reflexões que busquem novas formas de pensar a existência humana e seu convívio em sociedade. A técnica de embalsamamento é um bom exemplo. Até onde se sabe, praticada pela primeira vez pelos egípcios, chega aos dias atuais sendo realizada de maneira sistemática e precisa através de avançados processos químicos desenvolvidos com o passar do tempo. Na Idade da Pedra, de forma bastante primitiva, é claro, o homem já podia calcular. Tal atividade continuou a ser realizada, só que a partir de sistemas diferenciados: através de mecanismos desenvolvidos para acelerar e tornar cada vez mais exato o processo de resolução matemática. Todas essas mudanças não

somente facilitaram a vida do homem, como também foram responsáveis pelas novas maneiras de pensar da sociedade, transformando os traços de seu perfil.

Com o fim maior de superar-se, o homem esforça-se para alcançar o topo de uma elevação que parece não ter fim. E é exatamente esse desejo de ultrapassar, de ir além, que o mantém vivo e em constante processo de evolução. Nesse trabalho de superação, é também na literatura que o homem encontra suporte para pensar e *repensar* sua existência e seu modo de levar a vida.

Através da caminhada de caráter interdisciplinar que se deu entre a obra literária de Poe e a de Machado de Assis e os avanços da ciência e da tecnologia, procurou esta pesquisa investigar, entre outros aspectos, se ambos seriam legítimos escritores representantes de seu tempo. Isso se comprova quando é possível encontrar, em suas produções artísticas, a marca indelével do tema que revelou ser a tônica de todo um período histórico: o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, muitas vezes traduzido em cientificismo exacerbado. Mesmo submetido ao caráter variado de gêneros literários – conto, crônica, outros escritos –, foi possível constatar que o assunto se faz presente. Assim, pode-se concluir que os avanços científicos e tecnológicos, que eram uma realidade na época em que Poe e Machado de Assis escreviam, acabaram por influenciar significativamente as suas produções literárias. No conto intitulado *The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade*, Poe faz referência a vários equipamentos (calculadora, balão, trem, entre outros) que se encontravam, na época, em seu apogeu. Em *Some Words with a Mummy*, é o comportamento do homem com relação à ciência que é trazido à tona. Isso sem falar nos seus *essays*. Em *The Daguerreotype*, como se pôde verificar, o escritor apresenta e discute o surgimento de um dos mais significativos equipamentos surgidos no século XIX, a saber, o daguerreótipo, o qual, posteriormente, resultou na máquina fotográfica da atualidade. Na obra de Machado de Assis, ocorre o

mesmo. Em algumas de suas inúmeras crônicas foi possível detectar e apontar alusão ao surgimento, por exemplo, do bonde elétrico e das indústrias; em *O Alienista* e *Conto Alexandrino*, verificou-se uma crítica contundente aos procedimentos adotados pelos cientistas da época, bem como às conseqüências dessas atitudes para a sociedade.

Tais constatações conduziram a presente pesquisa à verificação da existência de *intertextos*. Segundo Barthes *apud* Nitrini, “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...]. Todo o texto é um tecido novo de citações acabadas”.<sup>1</sup> Após a análise dos escritos propriamente ditos, observa-se que o tema – os avanços da ciência e da tecnologia – que aparece forte em Poe, repete-se em Machado de Assis. Contudo, a abordagem se dá a partir de *pontos de vista distintos*: de um lado, a visão de Poe; de outro, o olhar do escritor brasileiro. Também foram realizados em épocas diferentes: Poe escreve durante a primeira metade do século XIX, enquanto Machado de Assis tem seu período mais produtivo na segunda metade do século. Há que se considerar, ainda, que os discursos foram produzidos em lugares diferentes, a partir de meios sociais completamente distintos. Tudo isso resulta, inevitavelmente, em textos únicos. Singulares porque cada um deles possui, sobretudo, segundo os apontamentos de Sandra Nitrini<sup>2</sup>, a “marca própria” de cada escritor, a qual está ligada à consciência de certos aspectos de sua nacionalidade e de seu tempo.

Ambos os escritores discutem, em suas obras, a questão dos avanços da ciência e da tecnologia através de uma crítica dura, que recai, entre outras coisas, sobre a falta de limites da ciência, sobre o pedantismo dos cientistas da época, sobre a desconsideração de todo um conhecimento já conquistado pela humanidade e que é,

---

<sup>1</sup> NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p.165.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*, p.140.

muitas vezes, simplesmente descartado e sobre a possível inversão de papéis que o desejo desenfreado pelo avanço poderia acarretar, resultando no domínio da ciência sobre o homem.

Quando confrontados os textos, verifica-se que ambos se preocuparam com essas mesmas questões. Todavia, o juízo crítico com relação a elas tem facetas diferenciadas. Enquanto Poe externa sua crítica com ares muito mais desdenhosos – resultado de uma possível amargura em função do desprezo de seus contemporâneos para com ele e para com sua obra –, Machado de Assis o faz de forma imparcial e segura, postura essa que sempre considerou ser a mais correta. A amargura de Poe, revelada pelo deboche, pelo desdém e pela permanente tentativa de depreciar os cientistas e seus procedimentos – comportamento esse apontado na análise do conto *Some Words with a Mummy* –, contrasta com a ironia e com a segurança que Machado de Assis passa ao leitor ao escrever, por exemplo, a crônica de 21 de maio de 1893 (*A Semana*). Como que numa brincadeira – cujas regras o escritor brasileiro conhece muito bem – Machado de Assis, com muita propriedade, afirma esperar que não sejam as máquinas que, um dia, dominem os “tão sábios” homens.

Cada qual à sua maneira, cada qual carregando o peso de suas tormentas, foram eles capazes de enxergar os benefícios que toda aquela revolução científica promovia, bem como os exageros e os erros que vinham sendo cometidos. Foram capazes até de prever as conseqüências daquilo tudo. Mostraram aos seus contemporâneos os dois lados de uma mesma moeda: os benefícios e, sobretudo, os males que o desenvolvimento sem controle poderia acarretar à civilização moderna. Em Machado de Assis, como se pôde observar, essa tentativa fica evidente em *O Alienista*, uma vez que, através das atitudes desvairadas de Simão Bacamarte, trancafiando os moradores da cidade de Itaguaí, o escritor chama a atenção para o preço que se pode

pagar pela insaciável sede de progresso. Poe faz o mesmo no conto *The System of Doctor Tarr and Professor Fether*: tenta mostrar o perigo que pode se esconder por trás de um estudo científico ao colocar os “loucos” dirigindo a casa de saúde. Ambos deixam claro o risco que corre a humanidade quando o desejo de avançar mais e mais não possui limites.

Sabiam eles que a mudança de hábitos e de atitudes que estava sendo exigida da sociedade do século XIX representava a chegada de tempos realmente novos e significativos para a humanidade. Por isso é difícil acreditar que se opusessem ao desenvolvimento científico e tecnológico. Ao contrário, pode-se verificar que tinham total ciência da importância da construção das estradas de ferro e da invenção da eletricidade. Seria absurdo dizer o oposto. Na verdade, não concordavam era com o comportamento radical dos homens que se auto-intitulavam “cientistas” e que se mostravam realmente capazes de tudo em nome da ciência, como foi possível verificar em *Some Words with a Mummy*, de Poe, e em *Conto Alexandrino*, de Machado de Assis.

Acreditavam, sim, que era preciso, acima de tudo, melhorar o ser humano e nisso, infelizmente, a ciência pouco poderia ajudar.

Também, ao final deste estudo, pode-se observar que a obra dos dois escritores mostra-se atual, na medida em que, passados muitos anos, ainda hoje, em pleno século XXI, muitas questões discutidas nos textos analisados são uma constante, como é o caso do funcionário público aposentado, em Machado de Assis, e das desavenças envolvendo a construção de estradas, em Poe.

Isso posto, cabe tentar responder ao grande questionamento que envolve este estudo: qual o papel da literatura no desenvolvimento e posterior avanço da humanidade?

Após as leituras realizadas e findas as análises dos textos propostos, pode-se afirmar que a literatura tem papel fundamental no desenvolvimento da humanidade, na medida em que é, também, através da obra literária que o homem é capaz de refletir sobre seu próprio comportamento e, a partir daí, permitir-se avançar ainda mais. Poder olhar para trás, para o outro e para dentro de si mesmo é um exercício necessário para o amadurecimento do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade.

De fato, os escritores mostram ter consciência de que a evolução não somente acontecia, mas também era necessária e incontrolável. Contudo, acredita-se que, apesar de estarem acompanhando e registrando essa evolução, Poe e Machado de Assis não imaginavam até aonde tais avanços chegariam. Provavelmente, se pudessem hoje retomar suas vidas, poderiam através da leitura, talvez de seus próprios textos – ou seja, olhando para trás –, ter a exata noção do quanto a humanidade caminhou desde então. Está aí a prova maior da importância da literatura para a sociedade: instrumento de conhecimento e reflexão, duas capacidades que podem conduzir o homem a distâncias inimagináveis.

Assim sendo, os escritos de Poe e de Machado de Assis constituem prova desta forma de perceber a literatura. Através da análise de seus textos é possível visualizar a sociedade do século XIX: suas crenças, seus medos, seus desejos, seus anseios, enfim, seu modo de viver a vida.

O que importa reconhecer é que é através da observação dessa fotografia que o homem atual pode refletir e dar-se conta de que, se por um lado evoluiu em alguns aspectos, que é superior, que vive melhor e mais confortavelmente, devido aos benefícios dos equipamentos modernos, por outro lado, pode se dar conta de que ainda está preso a maneiras de ser e de agir que o impedem de se tornar um ser humano melhor. É essa reflexão que realmente interessa, pois é ela que proporciona crescimento.

Pôde-se pensar a respeito e perceber que a humanidade evoluiu muito no que diz respeito às questões científicas e tecnológicas, mas a natureza humana, desde os séculos mais remotos, parece continuar a mesma. As atitudes do homem retratado por Poe revelaram-se as mesmas em Machado de Assis. Sobre essa questão, cabe registrar, a título de ilustração, o pensamento do filósofo inglês contemporâneo John Gray. Ele afirma que “através dos séculos, o ser humano não foi capaz de evoluir em termos de ética ou de uma lógica política. Não conseguiu eliminar seu instinto destruidor, predatório”.<sup>3</sup> A idéia do avanço a qualquer preço ficou bastante clara ao término da pesquisa. E quando são colocados lado a lado o comportamento do homem do século XIX e o do homem contemporâneo, percebe-se que eles, também, são muito parecidos. Vários são os exemplos dessa similaridade: o consentimento com relação à publicação de obras sem qualidade alguma e as discussões infundáveis relacionadas à construção de estradas são alguns deles.

Gray afirma ainda que há “momentos melhores e piores, mas em geral a História humana é um ciclo intermitente de anarquia e tirania”. Complementa dizendo que o ser humano carrega em seu DNA a “inclinação para a autodestruição”. Assim sendo, o ser humano é incapaz de mudar e, nesse sentido, segundo ele, não há progresso. É por essa razão que se acredita que progressos existiram, *sim*, em áreas como a ciência, a tecnologia, a medicina. Todavia, a natureza humana permanece a mesma. E isso foi possível verificar através dos textos produzidos por Poe e, tempos depois, por Machado de Assis. O comportamento dos cientistas retratados por Poe (Dr. Ponnonner) é o mesmo daqueles descritos por Machado de Assis (Stroibus e Pítias) anos mais tarde. A maneira de pensar e agir do homem parece ser algo que se repete,

---

<sup>3</sup> GRAY, John. Contagem regressiva. *Revista Época*, dez., 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1094439-1666,00.html>>. Acesso em: 1º mai. 2006.



exatamente como afirma Gray. A questão da busca pelo poder (no caso, com relação aos domínios científicos e tecnológicos) revela-se uma constante na história da humanidade.

Gray finaliza dizendo que não deseja, com sua obra, na qual está embutido esse pensamento, oferecer um manual de salvação para a humanidade, mas, sim, fazer com que o ser humano *pense* a respeito dessa questão que envolve o que ele chama de “progresso ilusório”.<sup>4</sup> Com isso, afirma-se, uma vez mais, que a literatura tem papel de grande importância para o desenvolvimento e avanço da humanidade, na medida em que faz *refletir*. E, no seu modo peculiar de afirmação, *salva* o leitor da desesperança e da mesmice.

Da mesma forma que as pesquisas científicas avançam gradualmente, também o fazem os estudos que envolvem a obra literária de Poe e de Machado de Assis. A cada leitura, a cada análise, percebe-se um novo caminho de investigação. Assim sendo, de maneira nenhuma se deve tomar este trabalho como algo acabado ou, até mesmo, completo. Trata-se apenas de uma tentativa de dar um passo além, de revelar aspectos ainda não explorados pelos inúmeros exercícios já realizados acerca da obra de Edgar Allan Poe e de Machado de Assis.

---

<sup>4</sup> GRAY, John. Contagem regressiva. *Revista Época*, dez., 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1094439-1666,00.html>>. Acesso em: 1º mai. 2006.

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernardete Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 480p. (Os Pensadores).

ALLEN, Hervey. Vida e obra de Edgar Allan Poe. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965. p.15-43.

ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: passagens entre o livro e o jornal*. Chapecó: Grifos, 1999. 416p.

ANDRADE, Ana Maria. Crônica fotográfica do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.491-503.

ARAÚJO, Ricardo. *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.143p.

ASSIS, Machado de. *Bons Dias!*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. 236p.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Chrisalidas*. Belo Horizonte: Crisálida, 2000. 120p.

ASSIS, Machado de. Crítica teatral. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1937, v.30, p.129-135.

ASSIS, Machado de. *Crônicas de Bond*. Organização de Ana Luiza Andrade. Chapecó: Argos, 2001. 130p.

ASSIS, Machado de. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Salete de Almeida Cara. São Paulo: Global, 2003. 406p.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, 3v.

BAUDELAIRE, Charles. New notes on Edgar Poe. In: POE, Edgar Allan. *The unknown Poe*. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980. p.93-107.

BEAVER, Harold. Commentary. In: POE, Edgar Allan. *The science fiction of Edgar Allan Poe*. Organização de Harold Beaver. London: Penguin Books Ltd., 1976. p.333-426.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.407-417.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 377p.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. 400p.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2003. 447p.

BURKE, Peter. *Um ensaio sobre ensaios*. Disponível em: <<http://www.portrasedasletras.com.br>>. Acesso em: 1º mai. 2006.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1968, 2v.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.13-22.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.137-151.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001. 94p.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003. 264p.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao>>. Acesso em: 10 ago. 2005.

COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: \_\_\_\_\_. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p.29-46.

CORTÁZAR, Julio. Prólogo. In: POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986. p.9-13.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 254p. (Debates).

COUTINHO, Afrânio. Nota editorial. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, v.1, p.11-18.

CRARY, Jonathan. *Techniques of the observer: on vision and modernity in the nineteenth century*. MIT Press: 1992. 171p.

CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância?. In: \_\_\_\_\_. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999. p. 26-47.

CUNHA SANTOS, Jeana Laura da. A crônica passeia de *Bond*. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas de Bond*. Organização de Ana Luiza Andrade. Chapecó: Argos, 2001. p.83-110.

ELIOT, T. S. A função social da poesia. In: \_\_\_\_\_. *De poesia e poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.25-37.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989. p.37-48.

FISCHER, Luís Augusto. Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas editadas em 1859. *Espelho: Revista Machadiana*, Porto Alegre, n.2, p.7-27, 1996.

FLORES DA CUNHA, Patrícia Lessa. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1998. 218p.

FOYE, Raymond. Preface. In: POE, Edgar Allan. *The unknown Poe*. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980. p.vii-x.

FRANCO, Carlos. O tempo e a comédia social em Machado de Assis. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de jul. 2000.

GLEDSON, John. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Bons Dias!*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p.11-27.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 338p.

GRAY, John. Contagem regressiva. *Revista Época*, dez., 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1094439-1666,00.html>>. Acesso em: 1º mai. 2006.

HENRY, John. *A Revolução científica e as origens da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 149p.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JÚNIOR, José de Paula Ramos. Machado de Assis: o lince. *Discutindo Literatura*, São Paulo, n.4, p.30-39, 2005.

KIEFER, Charles. *A poética do conto*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004. 225p.

LAUB, Michel. A nova composição de Machado de Assis. *Entre Livros*, São Paulo, n.7, p.28-41, 2005.

MALARD, Letícia. Analistas de ‘O alienista’. *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, n.7, p.45-52, maio, 2001.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. A crônica. In: \_\_\_\_\_. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. 1984. 352f. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 1984. 5-27f.

MAY, Charles E. *Edgar Allan Poe: a study of the short fiction*. Boston: Twayne Publishers, 1991. 196p.

MENDES, Oscar. Nota preliminar. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965. p.963-968.

MEYER, Marlyse. De estação em estação com Machadinho. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.437-465.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472p.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.93-133.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 520p.

MORETTI, Franco. O século sério. *Novos Estudos*, São Paulo, n.65, p.3-33, mar. 2003. p.3-33.

MOTOYAMA, Shozo. Apresentação. In: RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 4v, p.7-8.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 140p.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000. 300p.

O'CALLAGHAN, Dennis Brynley. *An illustred history of the U.S.A.* England: Longman, 1998. 144p.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 310p.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 415p.

POE, Edgar Allan. *Complete stories and poems of Edgar Allan Poe*. New York: Doubleday, [1984].

POE, Edgar Allan. *Eureka*. São Paulo: Max Limonad, 1986. 145p.

POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965. 1022p.

POE, Edgar Allan. Street-Paving. *Broadway Journal*, p.241-242, Mar.19, 1845. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

POE, Edgar Allan. The daguerreotype. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Jan.15, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

POE, Edgar Allan. The rail-road war. *Alexander's Weekly Messenger*, p.2, Mar.18, 1840. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/index.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

POE, Edgar Allan. *The science fiction of Edgar Allan Poe*. Organização de Harold Beaver. London: Penguin Books Ltd., 1976. 429p.

POE, Edgar Allan. *The unknown Poe*. Organização de Raymond Foye. San Francisco: City Lights Books, 1980.117p.

POLLIN, Burton R.. "The spectacles" of Poe – sources and significance. *American Literature*, North Carolina, v.XXXVII, n.2, p.185-190, May, 1965. p.185-190.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem: a política nas crônicas de Machado de Assis. In: CANDIDO et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p.419-435.

RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 4v.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005. 94p.

SANSEVERINO, Antônio. A poética do irrealizável, ou do princípio da corrosão. *Nonada: letras em revista*. Porto Alegre, n.2, jan.-jul., p.119-139, 1999.

SCHNAIDERMAN, Boris. O bruxo do Cosme Velho. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de jul. 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 180p.

SOURIAU, Étienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. São Paulo: Cultrix, 1983. 271p.

SOUZA, Ronaldes de Melo. Primos entre si. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de jul. 2000.

STERN, Madeleine B. Poe: "The mental temperament" for phrenologists. *American Literature*, North Carolina, v.XL, n.2, p.155-178, May, 1968. p.155-178.

VOLOBUEF, Karin. Frestas e arestas. A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: UNESP, 1999. 470p.